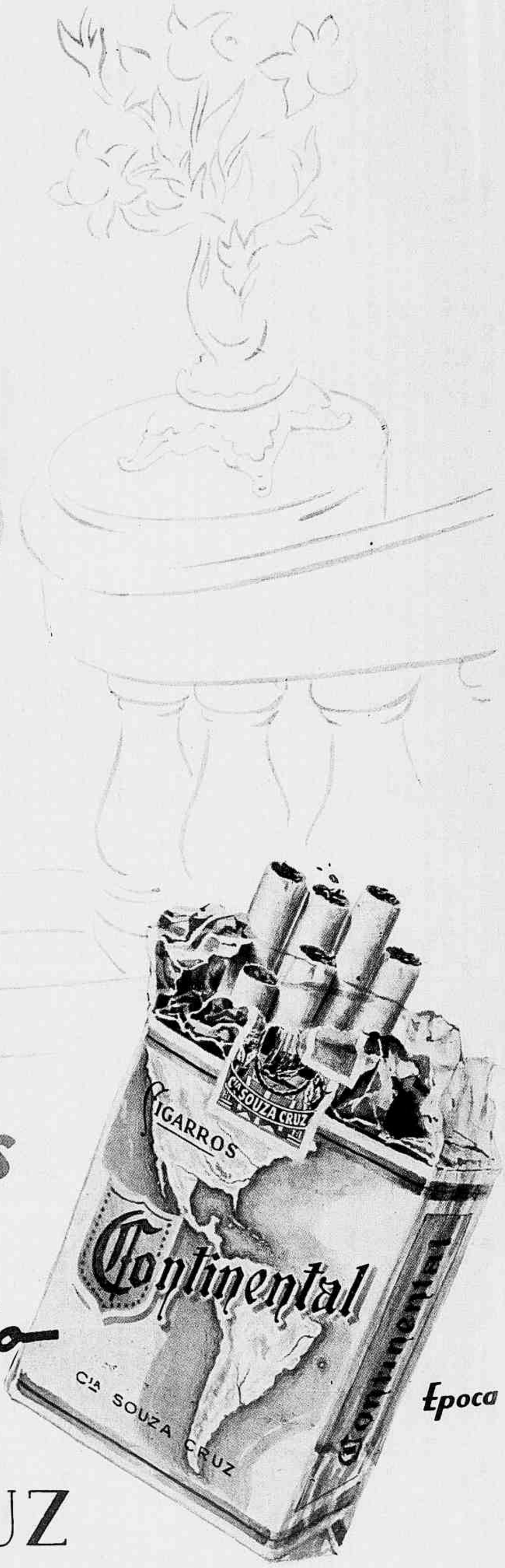
Revista da Semana

ANNO XL • Nº 51
15 DE NOVEMBRO • 1939
1$500 EM TODO O BRASIL

Vai começar o espetaculo...



...mas antes de tudo um cigarro

Epoca

CIA · SOUZA CRUZ

A vida que Tiradentes offereceu em holocausto á redempção do Brasil e a sabedoria de José Bonifacio, que construiu a nossa emancipação politica, bem se poderão considerar como os symbolos que inspiraram Benjamin Constant a trabalhar pela implantação da Republica. E, nesta hora em que todo o Brasil vem de festejar seu meio seculo de regimen republicano, se ha uma figura que deva ser evocada é a desse homem extraordinario que soube ser grande na humildade e soube disciplinar seus sentimentos e soube amar o Brasil como poucos. Seduz a sua historia e ella, que é toda feita de renuncia, vive como um exemplo de que nem sempre as posições cegam os homens e de que em sua alma o orgulho nunca encontrou abrigo.

O titulo que se lhe dá de "Fundador da Republica" ninguem, de bôa fé, lh'o pode contestar, pois elle foi o articulador do movimento, a intelligencia que o orientou. Não se lhe pode esconder o merito de ter estabelecido a ligação necessaria entre os jovens alumnos da Escola de Guerra e a officialidade moça com os officiaes mais graduados, como tambem não se pode occultar que foi elle quem approximou os republicanos civis do Exercito que queria derrubar a monarchia.

Benjamin Constant, fugindo de si mesmo, rompendo as algemas com que o seu temperamento retrahido e pacifico o prendiam a uma quasi timidez, para assumir attitudes rebeldes, nas quaes desrespeitava as suas proprias crenças religiosas, não era o ambicioso que sonhava o poder, mas o patriota que queria a felicidade do Brasil. Conhecendo-lhe a vida, acompanhando seus passos desde os seus primeiros instantes, ao par de sua formação moral, bem se comprehende a força que o moveu a tanto. E em comprehendel-o bem, em verificar a somma valiosa de serviços que elle prestou ao paiz, reside o maior elogio que se lhe pode fazer.

Benjamin Constant, de todos aquelles que trabalharam pela Republica foi — pode-se dizer sem susto de contestação — o que mais profundamente conhecia a necessidade da quéda da Monarchia; o que mais de perto e por experiencia propria sabia que só com o advento de um novo regimen o Brasil caminharia para os altos destinos que lhe estavam reservados. Elle tinha piena consciencia disso, e a idéa de derrubar Pedro II processou-se, em seu cerebro, não pelos imperativos da paixão, não pelos desejos de vingar-se da oppressão e humilhação soffridas através sua carreira de professor, mas pela comprehensão nitida que tinha dos problemas nacionaes e pelo panorama, doloroso para o seu patriotismo, que se lhe rasgava aos olhos. Benjamin Constant era um espirito prematuramente amadurecido. Não podia admittir que as cousas e os factos fossem examinados superficialmente; submettia-os a analyses profundas com aquella sua infallivel precisão de mathematico. Era uma imposição da sua cultura; era mais: a céga obediencia á sua predestinação de patriota. Dahi formar uma mentalidade rigida e solida contra o regimen monarchico, contra os erros que se repetiam e contra os obusos que á sombra da corôa de Pedro II se consummavam.

Tem-se, assim, um ponto de partida fixo para se estudar a evolução da idéa reformadora que o levou a abdicar de seu amor á tranquillidade pelo turbilhão da luta. E a grande prova de que, em todo o episodio, elle não passou de um idealista, está no que delle nos narram os seus biographos e na maneira como o seu vulto ficou marcado na Historia.

Benjamin Constnt não quiz ser o chefe do primeiro governo republicano, como não o animava outra aspiração que não a de vêr a Republicar dar um melhor destino ao Brasil. Esse homem, que foi grande, esse homem, que maior não poderia ter sido no instante em que a Patria mais precisou delle, da Patria nada quiz e, se o regimen por elle fundado lhe proporcionou algumas decepções, elle até morrer conservou intacto o seu sonho de um Brasil maior!

Barros Vidal

REVISTA DA SEMANA
Anno XL — N.º 51
25 de Novembro de 1939

AS IMAGENS

conto de Albert-Jean

O homem cerrou os punhos com indignação:

— Mas quem contou semelhante coisa? Dêem-me o nome. Irei buscar a pessôa e veremos se ella repete essa infamia deante de mim!

Sem dar grande importancia áquella revolta, o brigadeiro da gendarmeria aconselhou:

— Calma, calma...

— É bom de dizer! Queria vel-o no meu logar! Accusam-me dum crime, atacam a minha honra e não me hei de exaltar?

Depois, mudando de tom, o lavrador continuou quasi a chorar:

— Dizerem que sequestrei esse pequeno! Uma creança surda-muda que sustento sem que me preste ou possa vir a prestar qualquer serviço e que recolhi apenas por compaixão quando lhe morreram os paes... Ah, não, é muita injustiça!

O desconhecido, em costume de golf, que auxiliava os dois gendarmes no inquerito, perguntou naturalmente:

— Onde está esse pequeno?

— No seu quarto. Onde queria o senhor que elle estivesse?

— Pode nos levar até lá?

— Nada mais facil.

E o camponio acrescentou:

— Naturalmente não esperam encontrar em minha casa qualquer riqueza ou luxo... Não vivemos aqui como na cidade. Mas cada um faz o que pode, não é ssim? E uma vez que o menino coma quanto tenha vontade e durma numa cama asseada, parece-me que é quanto basta!

Ao cabo dum corredor sombrio, o dono da casa empurrou uma porta:

— É aqui.

E deu passagem aos outros tres homens.

Um rapazelho de edade incerta estava sentado no chão, perto da janella. Vestia uma blusa lavada de fresco e uns calções azues que poucas vezes teriam servido. Estava horrendamente magro; e as orelhas côr de cera pareciam prestes a despegar-se do craneo tosquiado rente.

Á entrada dos visitantes, o pequeno não voltou a cabeça; continuou a rabiscar com um lapis a capa dum catalogo aberto contra o soalho.

— Não os ouviu entrarem... observou o camponio.

O brigadeiro approximou-se da creança e pôz-lhe a mão no hombro, suavemente.

Surprehendido, o enfermo ergueu-se e correu a refugiar-se ao fundo do quarto, soltando gritos roucos e inarticulados.

— Assustaram-n'o... disse o lavrador, em tom reprehensivo.

O quarto tinha sido cuidadosamente varrido. Havia, porém, em cima da mesa um fragmento de envolucro de chumbo e algumas migalhas que indicavam uma merenda recente de chocolate e pão. E quando o brigadeiro abriu o leito a brancura dos lençoes acabou de o orientar.

— Realmente, não parece um menino maltratado...

esplendor que irradiará da sua beleza, depois do uso continuado do Pó de Arroz ORYGAM DE GALLY, será um reflexo da sua fragrância indefinivel e de seu poder extraordinario, sobre os tecidos da pele.

PÓ DE ARROZ
ORYGAM DE GALLY
Em varios tons, para todos os tipos

Distribuidora: PERFUMARIA LOPES — Rio - São Paulo

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAES

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM DE 1911 E OS GRANDES PREMIOS NAS EXPOSIÇÕES DE SEVILHA E ANTUERPIA EM 1930 E NA FEIRA INTERNACIONAL DE SÃO PAULO EM 1933.

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
GRATULIANO BRITO
DIRECTOR

ASSIGNATURAS (52 NUMEROS)

BRASIL E AS 3 AMERICAS		REGISTRADA	
Um anno	63$	Um anno	80$
6 mezes	32$	6 mezes	40$

EXTRANGEIRO (REGISTRADA)
Um anno ..... 170$
6 mezes ..... 90$

Avulso ..... 1$500 Atrazado ..... 2$000

15 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE — 15
Telephones: Redacção 22-4447
Publicidade 22-9570 Direcção 22-2622
Endereço Telegraphico: REVISTA
RIO DE JANEIRO.

SUCCURSAL EM SÃO PAULO:
Edificio Martinelli — 10.º andar — Sala G
Telephone: 3-3885
Endereço Telegraphico: REVISTA

REPRESENTANTES:
BAHIA
Joaquim M. Cunha
Praça Castro Alves, 79 — São Salvador.
PARANA'
Gerson Gomes Lustosa (correspondente)
Hotel Metropol — Curityba
RIO GRANDE DO SUL
Ademar Lobato — (Agencia Publix)
Rua Siqueira Campos n. 1159 - sala 6
PORTO ALEGRE

TODOS OS ORIGINAES ENVIADOS Á "REVISTA DA SEMANA" DEVEM VIR DACTYLOGRAPHADOS.

OS TRABALHOS ASSIGNADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NUMERO CONSTA DE 56 PAGINA

Encostado ao canto do quarto, o menino tremia sobre as pernas delgadissimas.

— Elle nunca sáe aqui da herdade? perguntou o desconhecido de costume de golf.

— Oh, nunca! É tão fraquinho...

O homem á paisana approximou-se então das folhas que a creança estivera garatujando. Depois, com o mesmo ar natural, perguntou:

— A casa tem adega?

— De certo! respondeu o lavrador — Onde guardaria eu o vinho, o milho...

— E podemos visital-a?

— Não ha o menor inconveniente. Queiram acompanhar-me. A adega fica por trás da casa, cavada na rocha, como é costume cá na terra.

Os quatro homens sahiram do quarto e, depois da penumbra do corredor, a plena luz de fóra um momento os offuscou.

A casa, um tanto afastada da aldeia, erguia-se junto a um rochedo que projectava a sua sombra sobre a plantação contigua. O camponio dirigiu-se a uma porta em plena rocha:

— É por aqui.

E os tres homens penetraram com elle na sombra fria em que errava um cheiro a vinho e a bafio.

* * *

O inspector Tourette, que me contava esta historia, bateu o cachimbo contra o tacão do sapato, para sacudir a cinza, e proseguiu:

— Custou-me bastante arredar os barris que obstruiam a entrada da grota dissimulada ao fundo da adega, porque só uma criança magricela poderia passar entre os obstaculos accumulados por gerações e gerações de vinhateiros. E tendo explorado a grota — de que o actual proprietario ignorava a existencia — adquiri a prova indiscutivel de que o miseravel sequestrava a creança naquella adega, não obstante a enscenação que elle preparara, prevendo o nosso inquerito.

— Mas que encontrou o senhor na grota em questão? perguntei a Tourette.

— Desenhos rudimentares gravados na muralha por homens da pre-historia: imagens de rennas, bisões, mamuths que a creança martyr estava reproduzindo de memoria na capa do catalogo, quando entrámos no quarto...

ANNABELLA
vae lhes dar um conselho:

A senhora deseja possuir uma cutis formosa, livre de manchas e asperezas? Siga então o conselho de 9 entre 10 estrellas: — use o alvo e perfumado Sabonete Lever. Sua espuma cremósa dará á sua pelle tal suavidade e encanto que transformarão seus sonhos em realidade. Alem disto... Lever é tão economico... aproveita-se até o ultimo pedacinho!

SABONETE LEVER

LTS27-0302

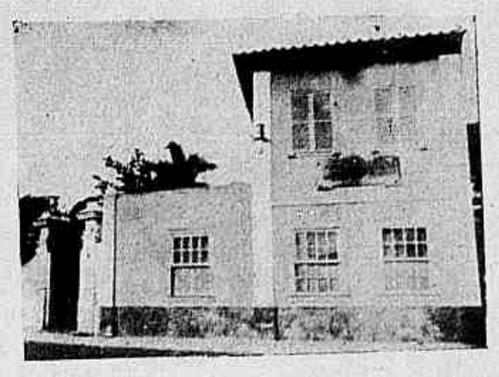
JOSE' DO PATROCINIO

O Patrocinio da Abolição, sem duvida nenhuma, foi muito maior que o da Republica. Mas nem por isso deixa de merecer uma referencia na hora em que as gerações de hoje recordam essa geração victoriosa de 1889. A agitação republicana lhe offereceu, nos primeiros dias de Novembro, até ao extendido desfecho da Proclamação, o clima ideal para os arrebatamentos do seu temperamento impulsivo; e desde a madrugada de 14 de foi o conductor das multidões, pelas ruas, e o proclamador da Republica no Conselho Municipal. Sua penna vigorosa, sua indole combativa e as scintillações do seu espirito fundaram uma obra que, mesmo dispersa nas columnas dos jornaes, não perecerá. O artigo de fundo que elle escreveu na **Cidade do Rio**, seu jornal, de 16 de Novembro é uma joia litteraria e o registro mais impressionante do acontecimento. Com Silva Jardim, Olavo Bilac, Bricio Filho, Mallet e tantos outros, elle agitou a cidade na manhã em que nascia a Republica, trazendo um destino novo para o Brasil.

PARDAL MALLET

Fascinador pelo physico e pela intelligencia, João Carlos de Medeiros Pardal Mallet foi outra curiosa figura da propaganda republicana. Com justa razão se lhe pode attribuir a gloria de ter sido um dos que no Brasil, primeiro, trabalharam pelo divorcio e ahi está o seu empolgante pamphleto sob esse titulo que, ao se, publicado, escandalizou muita gente! Espirito inquieto, em busca sempre de um tumulto, esse gaucho vibrante trouxe no sangue toda a força dos ventos que sopram os pampas.

Nasceu em 1864, formou-se na Faculdade de Direito do Recife e estreou nas lettras com um romance. Empolgado pela escola realista que Aluzio de Azevedo vinha de lançar com **O Homem**, iniciou uma campanha intensa, rodeado pelas figuras mais avançadas de sua geração, que o admiravam e que se prendiam á sua sympathia communicativa. Tudo dizia que a nova escola seria victoriosa, mas diversas preoccupações desviaram Mallet para outros rumos. Na imprensa elle foi grande: brilhante na **Cidade do Rio** ao lado de Patrocinio; irresistivel na **Gazeta de Noticias**, com Ferreira de Araujo, e audacioso em **O Combate** no qual foi redactor-chefe. Arrebatadores artigos elle escreveu a favor da causa republicana, que o apaixonava. Sem temores e sem medir consequencias — espirito atrevido que era — elle foi um dos esforços mais efficientes pela ideologia que triumphou em 1889. Morreu aos vinte e cinco annos, quando amadurecia. E foi pena que se apagasse tão cêdo essa grande claridade espiritua.



Casa onde nasceu, a 18 de Outubro de 1836, Benjamin Constant, em Nictheroy, no bairro de São Lourenço. Adquirida pela Municipalidade de Nictheroy em 27-9-1905, foi tempos depois demolida. Em seu terreno, determinação do almirante Protogenes, constróe-se o edificio destinado ao "Grupo Escolar Benjamin Constant"

De 3 a 15 de Novembro de 1889

Relato minucioso das actividades dos revolucionarios nesse periodo

O dr. Urias A. da Silveira fez publicar em 1890 um importante trabalho que se impõe, sobretudo, pela sua farta documentação, sobre o movimento que levou o Brasil á Republica. Esse livro — «Galeria Historica da Revolução Brasileira» — hoje uma preciosidade por ser uma obra rara, encerra uma fonte inexgotavel de informações sobre o grande acontecimento. Nelle se seguem, passo a passo, as actividades dos revolucionarios, desde o dia 3 de Novembro até á Proclamação da Republica a 15, de accordo com o precioso depoimento do autor da importante obra, que realizou um trabalho desapaixonado e de profunda observação:

3 DE NOVEMBRO

Chegou do Rio-Grande Trajano de Menezes Cardoso, no dia anterior tendo vindo da Escola de Tiro onde se achava empregado como instructor por assim entender o Presidente da Provincia que, como a outros, contra este official desenvolveu atroz perseguição por manifestar idéas republicanas e como um meio de afastal-o da Provincia obteve do Governo Imperial sua transferencia para o Regimento estacionado em Minas Geraes.

No dia 3, de accordo com Bandeira e Menna Barreto e Joaquim Ignacio, e a convite deste, vieram a casa de Solon os capitães de infantaria Carlos Olympio Ferraz e Manoel Joaquim Pereira, cujas opiniões já eram conhecidas, afim de conferenciarem sobre a maneira de fazerem o movimento na infantaria.

Nessa conferencia, onde figuraram Menna Barreto, Joaquim Ignacio, Trajano e o 1.º tenente Timotheo Faria Corrêa, os referidos capitães affirmaram que podiam contar com seu batalhão, o 7.º.

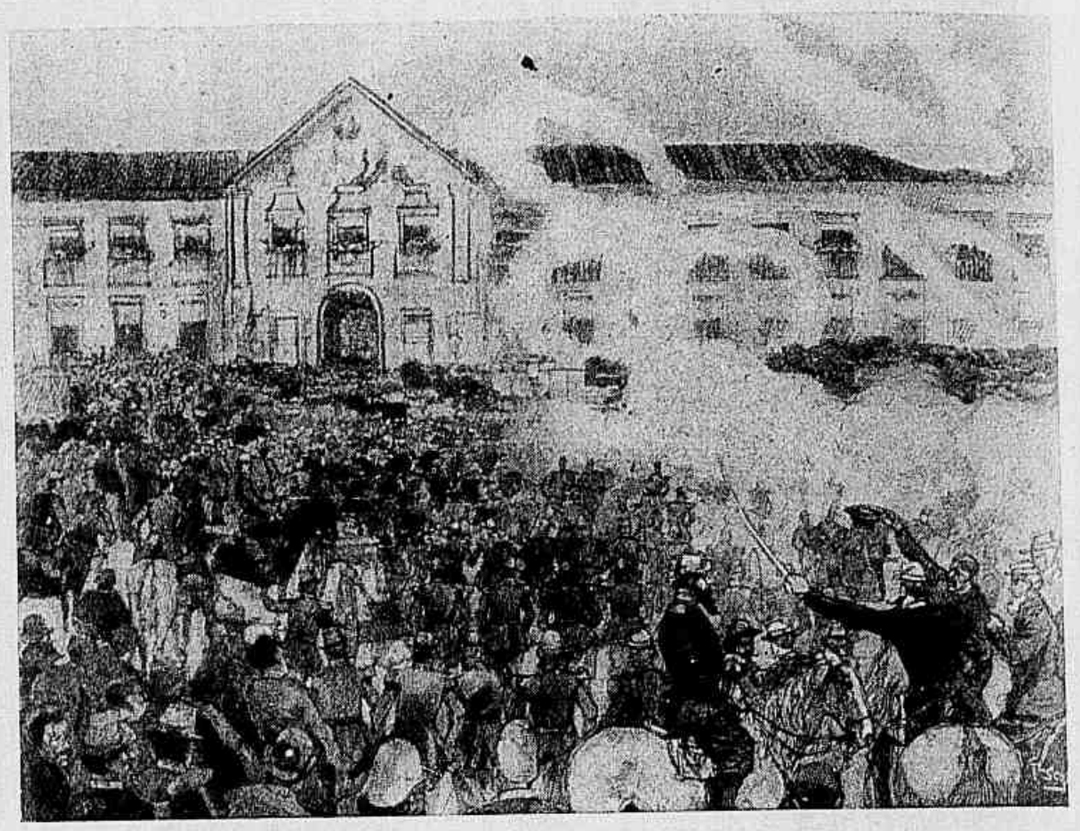
No dia immediato Menna Barreto dirigio-se ao 1.º batalhão, onde conferenciou com os capitães Osorio de Paiva, Bento Thomaz Gonçalves, D. Joaquim Balthazar da Silveira e o alferes secretario Napoleão Felippe Aché, tendo anteriormente já conferenciado com os capitães Minervino Thomé Rodrigues e Filomeno José da Cunha. Os referidos officiaes prometteram seu apoio á 2.ª brigada, com excepção do capitão Osorio de Paiva, que declarou ser amigo do governo, tendo conferenciado tambem com o capitão Silvestre Rodrigues da Silva Travasso, que respondeu-lhe o seguinte: «Não estou bem com o general Deodoro, entretanto se elle se apresentar novamente para defender os brios do exercito e pretender salvar a patria, póde contar com os meus esforços.»

4 DE NOVEMBRO

A 4 o major Marciano Botelho de Magalhães conferenciou com o capitão Menna Barreto que lhe fez ver que a 2.ª brigada estava prompta, tendo porém o 2.º regimento apenas 200 tiros de canhão, ficando o major Marciano de empregar os meios para que viesse do Campinho a munição necessaria.

5 DE NOVEMBRO

A 5 o dr. Aristides Lobo dirigo uma carta a Menna Barreto, pedindo uma conferencia, a qual se realisou no dia 6, á rua do Rosario n. 57, conferencia a que assistiu o dr. Pernambuco. Nesta occasião o dr. Aristides prometteu 400 homens armados que viriam de S. Paulo no dia aprazado e pedindo ao mesmo tempo providenciasse no sentido de, pelo 10.º regimento de guarnição naquella provincia, ser prestado aos correligionarios d'alli todo o auxilio possivel.



Um aspecto differente da Proclamação da Republica, no Campo de Sant'Anna. Este desenho foi feito pelo artista M. Georges Scott e publicado em «Le Monde Illustré» de 1889.

No desempenho dessa missão Menna Barreto immediatamente dirigio uma carta ao alferes daquelle regimento Gaspar Adolpho de Menna Barreto Ferreira, que deveria apresentar-se ao dr. Campos Salles, por cujo intermedio foi-lhe entregue a carta que rezava o seguinte: **Grandes acontecimentos vão ter logar nestes poucos dias: apresente-se ao dr. Campos Salles e forneça-lhe os esclarecimentos sobre os recursos com que poderemos contar nesse regimento. Criterio e muito cuidado!**

Ainda a 5 tivera logar a conferencia de Solon com o general Deodoro, nada transpirando della.

Estando convocada para a noite de 9 uma reunião no Club Militar, a 6 dirigiram-se á casa de Benjamim Constant, ás 11 horas da noite, Menna Barreto, Bandeira, Joaquim Ignacio, Saturnino Cardoso e Annibal Eloy Cardoso, da escola Superior, achando-se alli o major Marciano de Magalhães e o filho de Benjamim, e tratando do que devia fazer-se no sentido de apressar o movimento; mas de modo secreto resolveu-se, por suggestão de Benjamim, que na reunião do Club presidiria a maior discrição, não deixando antever o governo as intenções do exercito, e aconselhando mesmo, como demonstração de disciplina, o embarque do 22.º de infantaria, que precipitadamente foi mandado seguir para o Amazonas. Ficou tambem resolvido que naquella sessão evita.-se-hia discussão calorosa. Nessa mesma occasião Bandeira declarou a Benjamim que o general Barreto manifestára ao capitão Galvão desejo de alliar-se aos revolucionarios mostrando-se Benjamim satisfeito com esta acquisição.

7 DE NOVEMBRO

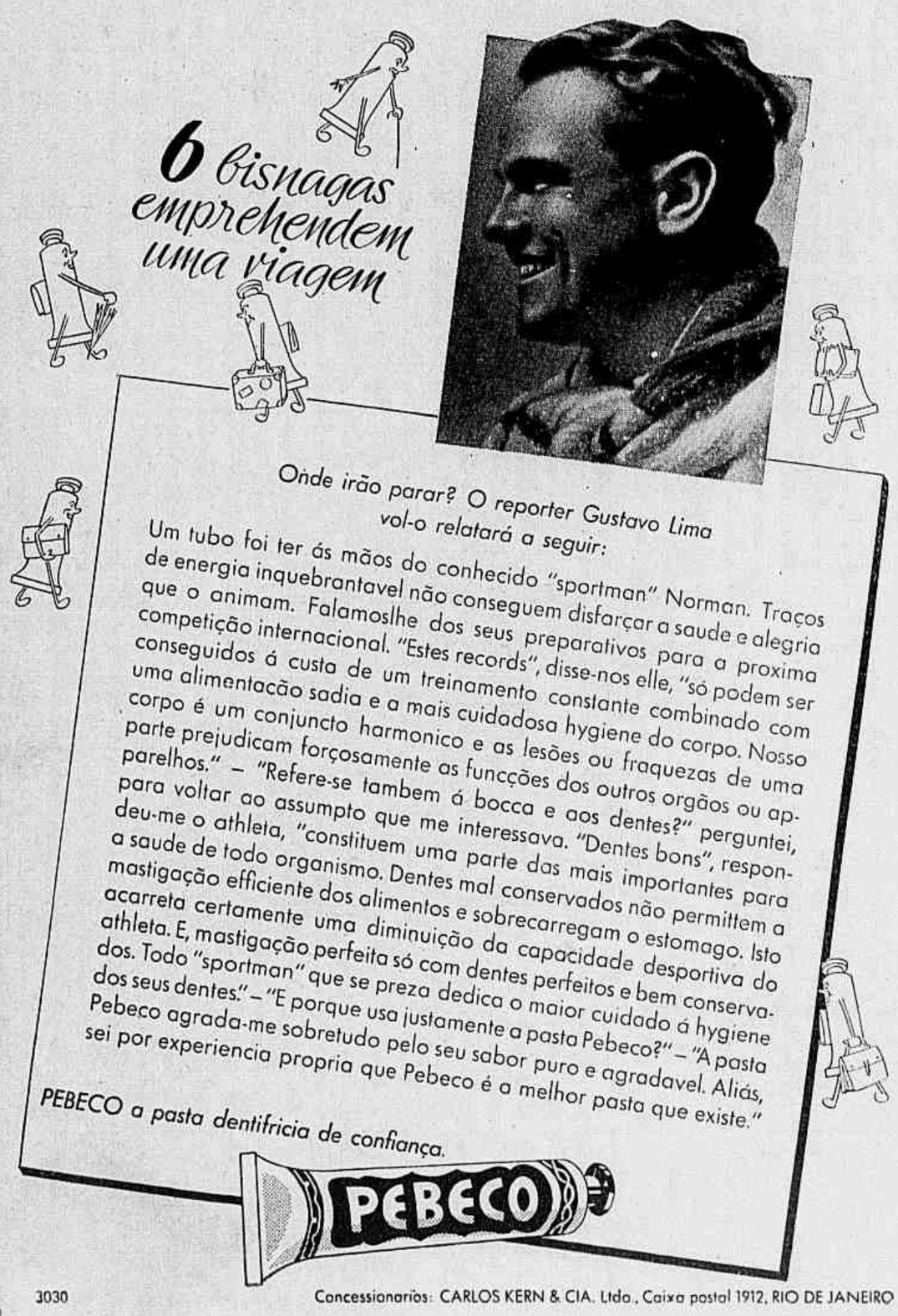
A 7 reuniram-se, em casa de Benjamim, Solon, Menna Barreto, Quintino Bocayuva assentando-se na necessidade de congregarem-se os chefes republicanos com o general Deodoro para resolver-se sobre a organisação do Governo Provisorio.

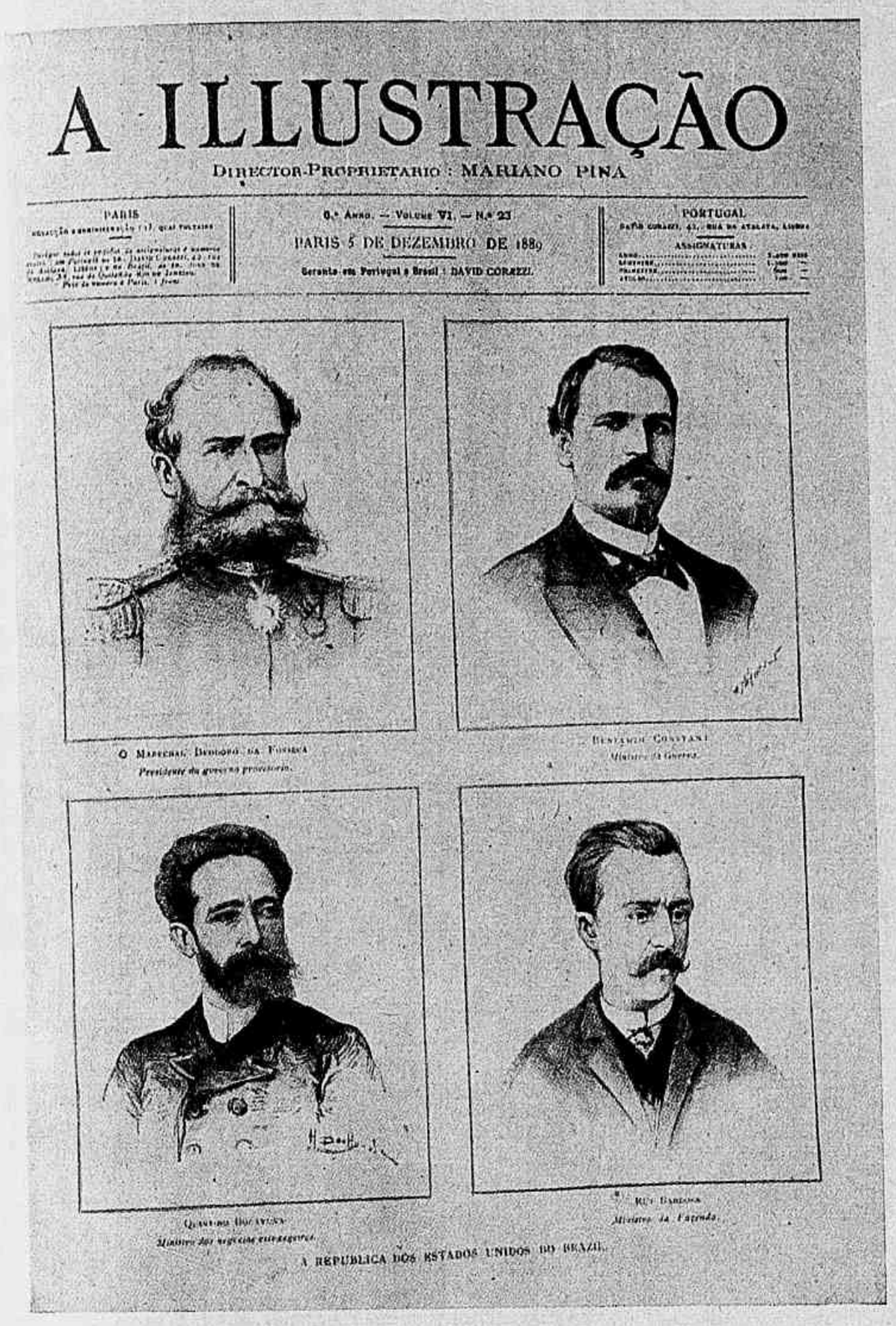
Declarando Menna Barreto que a revolução ia fazer-se, respondeu-lhe Quintino que, se o exercito assim não procedesse, teriamos 3.º, 4.º e 5.º reinados.

9 DE NOVEMBRO

A 9 realisou-se a reunião convocada no Club. Benjamim Constant, depois de expôr succintamente o motivo da convocação, tomou o compromisso solemne de, dentro do prazo maximo de oito dias, apresentar a seus companheiros uma solução honrosa para o paiz e para a classe militar.

O Palacio Imperial em Petropolis.




A ILLUSTRAÇÃO
DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA
PARIS
6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 23
PARIS 5 DE DEZEMBRO DE 1889
PORTUGAL
ASSIGNATURAS
O MARECHAL DEODORO DA FONSECA
Presidente do governo provisorio.
BENJAMIN CONSTANT
Ministro da Guerra.
QUINTINO BOCAYUVA
Ministro dos negocios estrangeiros.
RUY BARBOSA
Ministro da Fazenda.
A REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.

A grande revista que se editava em Paris, noticiando a proclamação da Republica Brasileira, publicou o seu numero de 5 de Dezembro de 1889 com esta capa.

Tomando em seguida a palavra o tenente-coronel de engenheiros Alfredo Ernesto Jacques Ouriques propôz que, á vista do que acabava de dizer o grande mestre Benjamim Constant, se encerrasse a discussão, não sendo mais dada a palavra a nenhum consocio.

Intervindo ainda o 1.º tenente Augusto Ximeno Velleroy, voltou á tribuna Benjamim Constant e com mais calor affirmou mais uma vez estar prompto a morrer pelo exercito na defesa da Patria e dos brios da classe.

Terminada a sessão, Bandeira entendeu-se com o alferes quartel-mestre do 1.º regimento Alexandre Zacarias de Assumpção a respeito de munição, sabendo por esse official que havia alguma em arrecadação; pelo que combinaram que o referido alferes occultal-a-hia de modo a não ser lembrada pelos adeptos ao governo, devendo Assumpção responder pela negativa, quando perguntado sobre a existencia della, pois assim evitaria investigações.

Este official e o sargento quartel-mestre Francisco Pereira da Costa Filho prestaram relevantissimos serviços d'ahi em diante, facilitando tambem armamento, arreiamento e outros objectos em favor da revolução.

10 DE NOVEMBRO

A 10 Bandeira foi á casa de Benjamim, por parte de Solon, pedir uma conferencia dos chefes republicanos Quintino, Aristides Lobo, e de Ruy Barbosa com o general e com Benjamim.

A's 3 horas da tarde do mesmo dia por ordem de Benjamim Constant achou-se na casa do general o tenente Bandeira concordando o general em que a reunião dar-se-hia em casa de sua residencia ao entrar da noite, e que no dia seguinte seriam chamados o ajudante-general Floriano Peixoto e os commandantes dos corpos da 1.ª brigada.

Ao retirar-se da casa de Deodoro, Bandeira foi, por ordem de Benjamim, á procura de Quintino e de Aristides, emquanto que Benjamim partia a entender-se com o chefe de divisão Eduardo Wandenkolk, capitão de fragata Frederico Guilherme Lorena e com Ruy Barbosa. Teve logar a reunião á hora aprazada. Então ficou patente aos conspiradores que lhes eram infalliveis o apoio e o auxilio dos ditos chefes e da armada.

N'esse mesmo dia Menna Barreto dirigio-se novamente a Aristides Lobo na rua do Rosario n. 57 e alli presente o Dr. Pernambuco apresentou ao mesmo Dr. o alferes Gastino de Castro Carneiro Leão afim de seguir para S. Paulo a coadjuvar os officiaes do 9.º regimento Gaspar Adolpho de Menna Barreto, tenente Gustavo Ramalho Borba e alferes André de Padua Fleury, que já alli conspiravam com o Dr. Campos Salles, que disso conhecimento tinha do movimento.

Antes da alludida conferencia foi communicado ao general Deodoro pelo Dr. Benjamim Constant em presença de Bandeira que o brigadeiro Barreto mostrava grandes desejos de unir-se ao chefe para compartilhar dos trabalhos da revolução e para facilitar a união Benjamim combinára em que Deodoro mandaria um cartão como signal convencionado ao dito brigadeiro.

Emquanto tudo isso se passava, a propaganda nos regimentos 1.º e 9.º e escola superior de guerra tomava incremento e os tenentes Saturnino Cardoso e Jorge dos Santos Rosa, auxiliados pelo serralheiro, pelos inferiores e por outras praças fabricaram á noite, com o ferro arrojo, a munição que devia servir para a artilharia, reduzindo até projectis de maior para menor calibre.

A convite de Menna Barreto, Bandeira e Joaquim Ignacio na noite desse dia reuniram-se na casa n. 131 da rua de São Christovão, 2.º andar, os officiaes do 1.º e 9.º regimentos de cavallaria, firmando o pacto que por copia se segue e cujo original foi no dia seguinte entregue ao Dr. Benjamim, que ainda o conserva.

Os Gregos chamam de "ΚΟΛΥΝΟΣ"

QUANDO o Dr. N. S. Jenkins, um dentista de fama mundial, creou o creme dental Kolynos, elle tirou o nome Kolynos do Grego.

Hoje, na Grecia usa-se Kolynos não só pela origem Grega do seu nome mas tambem porque os Gregos sabem que Kolynos conserva os dentes limpos e brilhantes e as gengivas sadias. Assim como em 87 outros paizes, os dentistas de lá, recommendam Kolynos pela sua acção notavel de limpar e proteger os dentes.

Experimente Kolynos e veja como este dentifricio moderno e scientifico melhora a apparencia de seus dentes.

EMBELLEZE seu SORRISO com KOLYNOS — **É ECONOMICO— um centimetro é sufficiente.**

4489

A essa reunião compareceram, commissionados por seus respectivos companheiros, o 2.º cadete 2.º sargento Raymundo Gonçalves de Abreu do 1.º regimento de cavallaria, e João Baptista Xavier, 2.º cadete 1.º sargento do 9.º

Estiveram tambem presentes os alferes-alumnos Annibal Cardoso, Fragoso, Bevilacqua, Filecto, Abrantes, Motta e outros da mesma escola.

Larga-me!... Deixa-me gritar!...

Xarope São João

E' o Melhor para Tosse e Doenças do Peito

Com o seu uso regular. 1 — A tosse cessa rapidamente. 2 — As grippes, constipações ou defluxo cedem e com ellas as dores do peito e das costas. 3 — Alliviam-se promptamente as crises (afflicções) dos asthmaticos e os accessos da coqueluche, tornando-se mais ampla e suave a respiração. 4 — As bronchites cedem, suavemente, assim como as inflamações da garganta. 5 — A insomnia, a febre e os suores nocturnos desapparecem. 6 — Acentuam-se as forças e normalizam-se as funções dos orgãos respiratorios. Pedidos a Alvim & Freitas, Ltda. — Laboratorios Alvim & Freitas, S. Paulo.

11 DE NOVEMBRO

Pacto de sangue

«Ao cidadão tenente-coronel Dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães.

«Reunidos aqui os officiaes nesta assignados, pezando os acontecimentos que desdobram um plano, cujas consequencias e termo são já faceis de prevêr, divisam através do espesinhamento do exercito, na falta de attenção aos seus sacrificios e dedicações, no ludibrio desrespeitoso de brazileiros de serviços reaes, a ruina da patria brazileira.

«E para não a realisarem aquelles que um só sacrificio não contam em seu beneficio, vendo-se obrigadoa a optar entre o anniquilamento completo da nação brazileira e do exercito e a destituição daquelles que só de males têm enchido o nosso paiz, optam pela segunda adherindo sem reservas ao que fôr deliberado pelo eminente cidaão a quem se dirigem sellando este compromisso com o seu sangue, se necessario se fizer derramal-o nas praças publicas. Rio de Janeiro, 11 de Novembro de 1889.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Igual pacto firmaram os alumnos da Escola Superior de Guerra e officiaes do 2.º regimento de artilharia. Correndo a 11 noticia de que o governo mandára desarmar e embarcar para S. Borja o 2.º regimento de artilharia, Menna Barreto dirigio-se ao mesmo quartel, onde em presença do Major commandante Lobo Botelho, toda a officialidade e grande numero de cadetes e inferiores, preveniu-os de que o 1.º e 9.º regimentos de cavallaria não consentiriam em semelhante violencia; respondendo o major e officiaes que emquanto tivessem no quartel uma granada não embarcariam. Igual prevenção já tinha feito Bandeira ao official de estado-maior capitão Porto, momento antes.

12 DE NOVEMBRO

O general Pederneiras procurou o tenente Bandeira a quem offereceu o seu concurso para o bom exito da revolução que lhe era muito sympathica por fazer abortar os planos do Conde d'Eu em relação ao terceiro reinado.

No mesmo dia Menna Barreto e Bandeira conferenciavam como o capitão-tenente Dr. Nelson Vasconcellos de Almeida, lente da Escola Naval, declarando o mesmo doutor que empregaria esforços no sentido de pela sua classe serem fornecidos elementos ao exercito.

Nos dias 12 e 13, Joaquim Ignacio fez distribuir nos quarteis do 2.º de artilharia, no 1.º e 9.º de cavallaria bem como no 1.º e 10.º de infantaria 150 exemplares do **Correio do Povo** que nesses dias tratou especialmente das pessimas condições em que a monarchia deixára o Exercito, distribuindo tambem 50 exemplares do **Dia** que tratava do mesmo assumpto. Neste serviço foi auxiliado ,pelo 2.º cadete 2.º sargento Abreu, 1.º sargento Arnaldo e outros inferiores do 1.º e 9.º bem como pelo particular 2.º sargento do 2.º de artilharia Francisco Pinto Fernandes Junior.

O 1.º tenente Saturnino Cardoso trabalhou sempre com muita actividade, agitando o movimento em seu regimento, no 1.º batalhão de artilharia, escola de tiro e 1.º batalhão de engenharia.

13 DE NOVEMBRO

Ao anoitecer de 13, o tenente Bandeira, dirigindo-se pela imperial quinta á casa do Dr. Nelson, encontrou-se com o capitão Porto, do 2.º regimento, e juntos foram conferenciar com o capitão Galvão acerca da conspiração, o qual declarou-lhes que, em tempo e por intermedio do 1.º sargento Manoel Antonio de Barros, empregado no quartel do Estacio de Sá, os conspiradores seriam informados de qualquer movimento por parte da policia.

A's 4 horas da tarde desse dia o capitão Hermes Rodrigues da Fonseca, tambem conspirador, dirigio-se ao quartel do 1.º regimento, convidando o tenente-coronel Telles a comparecer em casa do general Deodoro, que, com urgencia, precisava fallar-lhe. O tenente-coronel Telles, voltando, declarou ter estado com o general ás 8 horas da noite do mesmo dia, foi ao quartel o capitão Dr. Vicente Antonio do Espirito-Santo, que declarou a Menna Barreto e Joaquim Ignacio que ia convidar o mesmo tenente-coronel para tomar parte no movimento, ao que se julgava com direito não só como professor, que foi do mesmo, como por ser amigo e admirador do seu caracter.

14 DE NOVEMBRO

Na manhã de 14 o tenente Bandeira dirigio-se á casa do capitão Espirito-Santo, prevenindo-o de que Solon não poderia comparecer á conferencia combinada para essa hora, por ter sido chamado pelo ajudante-general.

Tendo de seguir no dia immediato para S. Paulo o alferes do 10.º Daniel Accioli de Azevedo e Silva, na tarde de 14 Menna Barreto com elle conferenciou no largo de S. Francisco de Paula, dando-lhe instrucções sobre o que deveria fazer no sentido de agitar os animos naquelle regimento, trabalho que alli já tinha sido começado pelo tenente Gustavo Borba, de accôrdo com o Dr. Campos Salles.

A's 6 horas da tarde ainda de 14, Menna Barreto e Bandeira, dirigiram-se á casa do general Pederneiras com quem conferenciaram pedindo chamasse a seu filho Achilles Pederneiras, capitão do 1.º batalhão de infantaria, e prevenisse ao tenente-coronel Mallet de que convinha apressar os trabalhos.

A's 7 horas da noite Joaquim Ignacio e Machado dirigiram-se para a cidade, onde iam levar para ser publicado no **Correio do Povo** no dia seguinte um artigo revolucionario escripto por Machado, quando encontraram, na rua do Imperador, o major Solon que mandou o primeiro providenciar no quartel para que o 1.º e o 9.º estivessem promptos á primeira voz, avisando com urgencia a todos os officiaes, pois, segundo affirmou, policia e guarda negra viriam atacar o quartel, devendo o ultimo ir immediatamente chamar o capitão Godolphim, que mora perto do quartel, para tomar o commando dos dous regimentos até que chegassem os respectivos commandantes.

A's 7 1|2 horas da noite o 2.º tenente Augusto Cincinato de Araujo disse a Menna Barreto, na rua do Ouvidor, que o ministerio estava reunido e decretára a prisão de Deodoro; perguntando Menna Barreto onde estava Deodoro, disse que no Andarahy em casa de seu irmão e que já tinham ido avisal-o: redarguio Menna Barreto: «Vou já com o 9.º regimento buscar o general onde elle estiver» e seguio immediatamente para o quartel. Joaquim Ignacio, auxiliado depois por Machado, formou immediatamente o 1.º regimento, mandando chamar os officiaes e fazendo vêr ás praças o motivo da formatura.

O 9.º regimento foi formado pelo alferes Pedro Nolasco Alves Ferreira que se achava de estado-maior e que em companhia do 1.º sargento Virgilio fez abrir os caixões de munição. Com igual presteza tinha-se formado o 2.º regimento de artilharia, com os animaes já atrelados e os armões engatados. A's 8 1|4 horas da noite, chegou ao quartel Menna Barreto, proferindo as seguintes palavras:

«Dêm-me uma blusa e uma espada, que quero mostrar como se morre por um general!»

Em seguida fardando-se, pois estava á paisana, e armando-se, dirigio-se em companhia de Joaquim Ignacio e Machado, cadete Xavier e quartel-mestre do 1.º a todos os esquadrões do 1.º e 9.º concitando-os á lucta e dando estrepitosos vivas á republica e ao general Deodoro, a quem classificou como o maior amigo do exercito. Estes vivas foram correspondidos com delirio, acclamando os soldados a Menna Barreto ao lado de quem, bem como de seus inseparaveis companheiros, estavam promptos para morrer.

A's 9 horas da noite Bandeira chegando ao quartel fez trocar as clavinas do 2.º e 3.º esquadrão do 1.º pelas lanças com que ficaram armadas as praças e mais tarde dirigio-se aos esquadrões de clavineiros examinando o armamento e fazendo distribuir munições.

A's 10 horas da noite chegou ao quartel o commandante tenente-coronel Telles, que declarou estar informado de tudo quanto se passára pelo capitão Dr. Espirito Santo. Dirigio-se em seguida aos esquadrões, pedindo prudencia e calma; encontrando os mesmos armados e promptos, sendo de notar o enthusiasmo que os soldados patentearam pela causa que iam defender e que bem conheciam pela propaganda feita por intermedio dos inferiores já referidos e dos 1.ºs sargentos João Christino Ferreira de Carvalho, Alfredo de Mello Guimarães, Antonio de Andrade, Paulo Antonio da Rocha e o 2.º cadete 2.º sargento Horacio Soares de Oliveira e sargento quartel-mestre Costa Filho.

Cerca das 11 horas da noite Menna Barreto, avistando dous vultos no portão externo da rua do Imperador, procurou reconhecel-os, deparando com os tenente-coroneis Telles e Costa Guimarães, que conversavam, perguntando este a Menna Barreto o que queria o exercito do governo e se não comprehendia que os republicanos estavam especulando com o exercito? respondeu Menna Barreto: «Que no dia immediato saberiam o que se queria», e retirando-se em seguida deixou-os continuar na conferencia. A's 11 horas da noite, ou pouco mais tarde, appareceu no quartel o tenente de infantaria Jeronino Teixeira França, declarando ter havido ordem de prisão contra elle, general Deodoro

Prudente de Moraes

Dr. Prudente José de Moraes e Barros

Reproducção, reduzida em zincographia, do retrato do dr. Prudente de Moraes, composto typographicamente pelo professor Fernando Moreira, quando administrador das officinas d'A REPUBLICA em 1895, para figurar na Exposição Inter-Estadual no Rio de Janeiro.

A biographia do illustre brasileiro está escripta no proprio cliché.

---

e Benjamim Constant e que em consequencia disso não podia entrar em sua casa que estava completamente cercada de policia. Disse mais que de ordem do general Deodoro a 2.º brigada devia seguir immediatamente para a cidade, indo postar-se dentro do quartel do 1.º de infantaria até á madrugada, em que, ás 5 horas, um esquadrão do 1.º regimento deveria ir buscar o mesmo general em casa de seu irmão no Andarahy. Estas declarações foram feitas no Estado-maior do 1.º regimento e em presença de toda a officialidade do 1.º e 9.º e repetidas na casa do tenente-coronel Telles, ainda em presença dos mesmos officiaes.

Pouco depois, porém, chegando ao quartel o major Solon declarou que acabava de estar com aquelle general, com Benjamim, Wandenkolk e Lorena, tendo o mesmo general ordenado que a brigada estivesse prompta á primeira voz. Em seguida o mesmo major foi conferenciar secretamente com o tenente-coronel Telles que voltando abraçou os officiaes do 1.º e 9.º declarando estar prompto a morrer ao lado de seus camaradas. Depois de meia noite chegou ao quartel o major Dr. Innocencio José Serzedello Corrêa, dizendo que, por ordem de Benjamim, com quem acabava de conferenciar, vinha incorporar-se á 2.ª brigada.

Cerca de 1 hora da madrugada de 15 achando-se do lado de fóra do quartel do 1.º a serviço, o alferes Joaquim Ignacio, delle acercaram-se o 2.º tenente reformado Pedro Paulino da Fonseca, uma sua filha e o capitão Hermes Rodrigues da Fonseca, pedindo este a Joaquim Ignacio que da parte do general Deodoro dissesse ao major Solon que o rompimento devia fazer-se pela manhã, porque só a essa hora poderiam desembarcar as forças navaes.

Conservaram-se os tres regimentos em armas, ouvindo-se de quando em quando vivas á Republica; ás 5 1|2 horas da manhã apresentou-se no quartel, de carro e acompanhado pelo 2.º tenente Lauro Severiano Muller e por um clarim, o tenente coronel Benjamim, dizendo ao apear-se **«Estou no meio dos meus amigos! Chegou o momento de vêr-se quem sabe morrer pela patria»**. Em seguida dirigio-se ao saguão proximo á secretaria do 1.º regimento, veste a sua farda, toma todas suas insignias militares e diz: **Ainda ha dignidade na classe militar.**

Mal correu nos quarteis a noticia da chegada do Dr. Benjamim exaltaram-se os animos de uma maneira extraordinaria, tomando todos os seus postos anciosos pela voz de marcha. Em seguida o Dr. Benjamim manda mensagem ao Club Naval dizendo que espera todo o concurso da esquadra para proteger o desembarque dos fuzileiros navaes e ao general Floriano declarando que as forças reunidas esperavam de seu patriotismo que assumisse o commando geral, visto ser talvez impossivel encarregar-se dessa missão o general Deodoro, que passara malissimamente a noite.

Da primeira mensagem foi encarregado o alferes-alumno Fragoso e da ultima o alferes de cavallaria Eduardo Barbosa Junior.

Logo após montando a cavallo, o Dr. Benjamim, e o commandante da brigada tenente-coronel Telles, puzeram-se as forças em movimento com direcção á Praça da Acclamação, guardando a seguinte ordem: na frente o 1.º regimento de cavallaria, composto de carabineiros e lanceiros, commandado pelo major Solon e de que faziam parte os seguintes officiaes: capitão Floriano Florambel da Conceição, Manoel Joaquim Godolphim e Galvão; tenentes Sebastião Bandeira, Jeronymo Augusto Rodrigues de Moraes, Gentil Eloy de Figueiredo, Henrique de Amorim Bezerra e Antonio Borges de Athayde Junior, alferes Alexandre Zacarias de Assumpção, José Brazil de Amorim Bezerra, Gasparinho de Castro Carneiro Leão, João Ludgerio dos Santos Aguirre, Aguiar Cony, Eduardo José Barbosa Junior, alferes-alumnos Affonso Carlos Barruim, Arthur Napoleão de Oliveira Maduseira e Manoel Joaquim Machado. Seguio-se ao 1.º o Dr. Benajmim tendo ao seu lado o 2.º tenente reformado Pedro Paulino da Fonseca, irmão do general Deodoro, e o major Serzedello, acompanhados de uma guarda de honra composta de officiaes e cadetes alumnos da escola superior de guerra, sob o commando do capitão Vespasiano Gonçalves de Albuquerque Silva.

Commandavam os pelotões de alumnos os tenentes Ildefonso Pires de Moraes Castro, João Luiz Pires de Castro, aggregando-se-lhes mais tarde os tenentes Villeroy e Vasconcellos de Menezes.

O major Serzedello foi, durante a conspiração, o intermediario entre Benjamim e os chefes da armada, nomeadamente Wandenkolk e Lorena.

A esta guarda seguiam-na o 2.º regimento de artilharia de campanha, com 16 boccas de fogo commandadas pelo major Lobo Botelho, fazendo parte os seguintes officiaes:

Capitães: Francisco Xavier Baptista, João Maria de Paiva, João Carlos Marques Henriques e José Agostinho Marques Porto; 1.ºs tenentes Clodoaldo da Fonseca, Saturnino Nicolau Cardoso, Thomaz Cavalcanti de Albuquerque, José da Silva Braga, João d'Avila Franca, Americo de Andrada Almada, Thimotheo de Farias Corrêa Filho; 2.ºs tenentes Adolpho Augusto de Oliveira Galvão, Manoel José dos Santos Barboza, Joaquim Maximo Madureira de Sá, Pedro Paulo de Castro Cerqueira, Ivo do Prado Monte Pires da Franca e alferes-alumno Henrique Nogueira Borges, e bem assim o cidadão Antonio Rodrigues de Campos Sobrinho, que espontaneamente apresentara-se na vespera offerecendo os seus serviços em favor da revolução, a que já prestara importantes serviços.

Formava a cauda da columna o 9.º regimento, a pé, e armados de espadas, clavinas e revólvers, protegendo a artilharia, sendo commandado pelo capitão Antonio Adolpho Fontoura Menna Barreto, e tendo os seguintes officiaes: alferes Pedro Nolasco Alves Ferreira, Joaquim Ignacio Baptista Cardoso, Abel Nogueira, Pedro de Artagman da Silva Monclaro; alferes-alumno Pedro Alexandrino de Souza e Silva e Felix Fleury de Souza Amorim.

Acompanhava uma carroça com munições».

ANGELO AGOSTINI

Elle foi o «caricaturista» da campanha republicana. A sua imperecivel **Revista Illustrada** ahi está como fonte inexgottavel de informações, como documentario vivo daquella época. Seu traço vigoroso, sua habilidade em crear, com o lápis, as imagens curiosas, em desenhar retratos fidelissimos e em fazer caricaturas sensacionaes deram-lhe uma grande popularidade e lhe celebrizaram o nome para sempre. Ardoroso republicano, emquanto os seus companheiros atacavam a Monarchia escrevendo artigos nos jornaes ou arrebatando o povo nos comicios elle, com a irreverencia do seu espirito e com o sentido mordaz de suas caricaturas, ia satyrizando os poderosos da época. Suas caricaturas collaboraram na campanha da Abolição e mais vivamente na republicana. Sua bem feita **Revista Illustrada** é bem um reflexo da sua viva intelligencia e do seu senso de opportunidade. Em S. Paulo, onde primeiro residiu, foi companheiro de Campos Salles, Bernardino de Campos, Prudente de Moraes e outros. Antes de editar, aqui, a **Revista Illustrada**, publicou na capital da então provincia de S. Paulo o **Diabo Coxo, O Cabrião, O Mosquito.** Quando desappareceu a **Revista Illustrada**, Agostini lançou o **D. Quixote.** O grande artista e ardoroso republicano nasceu em Farcelle, Italia, e falleceu no Rio, a 23 de Janeiro de 1910. E hoje, quando se recordam tantos nomes desse romantico anno de 1889 — não se póde esquecer o seu...

Angelo Agostini

SEUS OLHOS VALEM
1/2 MINUTO DE ATTENÇÃO POR DIA

Os olhos constituem um dos mais bellos encantos femininos. Por isso conserve-os limpidos, brilhantes e attrahentes, usando, diariamente, algumas gottas de Lavolho.

LAVOLHO
PARA OS OLHOS

O CAMBIO EM 1889

Os jornaes cariocas de 1889 publicaram no dia que se seguiu ao da Proclamação da Republica, como de costume, a situação do cambio, que era esta:

O dollar, 1$820; a lira $348 réis; o marco $430 réis; o franco $ 346 réis; a libra a 8$888. O cambio estava ao par.

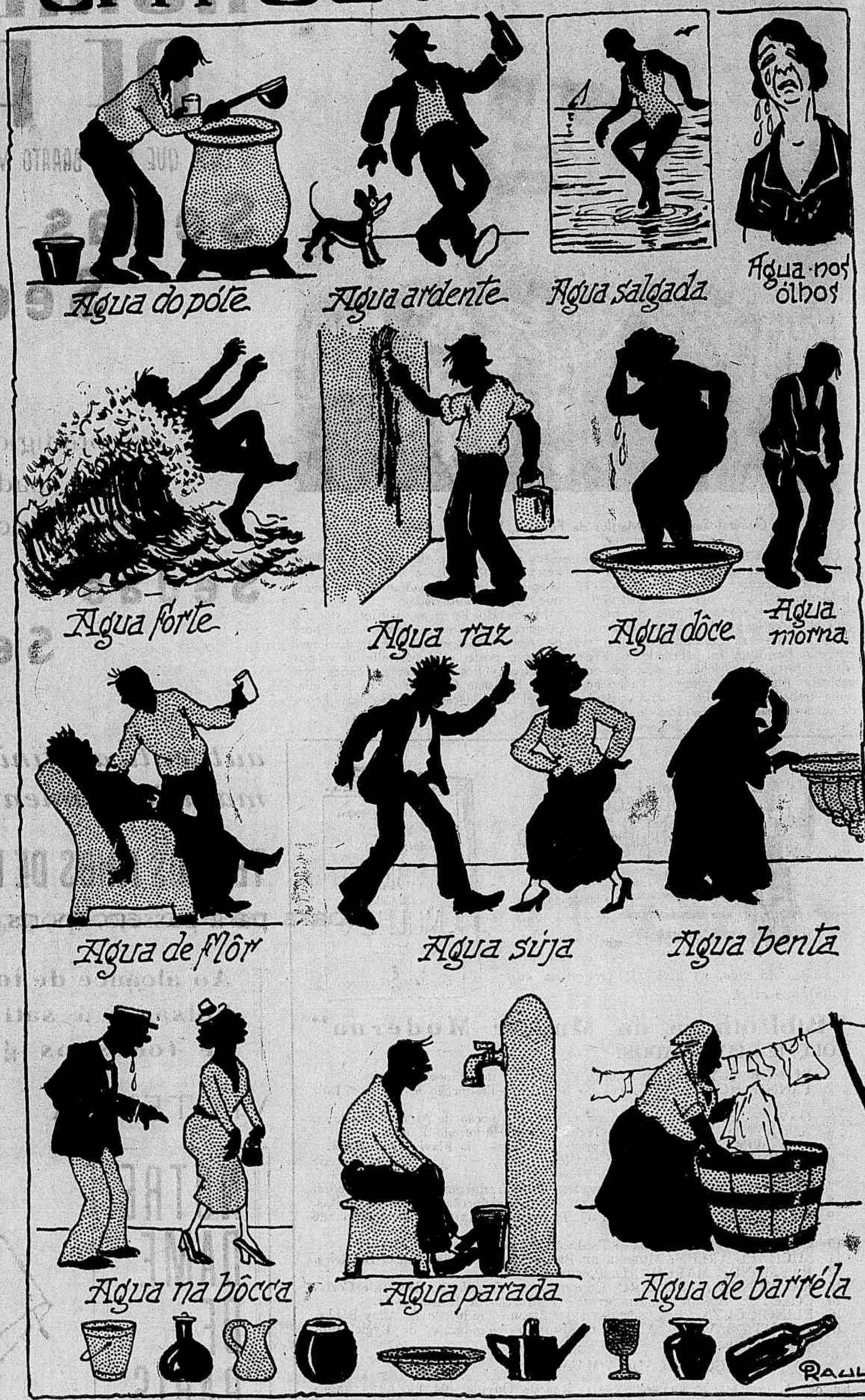
O CAFÉ EM 1889

A Associação Commercial do Rio de Janeiro em 16 de Novembro de 1889 enviava as seguintes informações para Nova York, sobre o mercado do café:

Existencia total ... 291.000 saccos
Entradas no dia 15 2.000 "
Entradas em Santos 9.000 "
Estado do mercado: firme.
Preços: os mesmos.

Cravos, espinhas e manchas na pelle:
Leite de Alfazema
NAS PHARMACIAS E DROGARIAS.

UM POUCO D'AGUA



Evaristo de Moraes e o 15 de Novembro

"O que occorreu a 15 de Novembro, mediante a intervenção decisiva das forças armadas, succederia, sem maior abalo, nas mesmas condições, logo após a morte de Pedro II. Era uma questão de mais dois ou tres annos. Eis por que o arguto e intemerato Silva Jardim intensificava a campanha contra o futuro reinado, e pouco se incommodava com a presença inoffensiva do imperador".

DE QUINTINO BOCAYUVA

"Benjamin foi o astro que illuminou o movimento republicano".

JORNAL de S. PAULO

Após a saudação feita pelo menino Mauro de Oliveira Cezar, pela passagem do 50.º anniversario da Republica Brasileira. O mesmo cumprimenta o general Mauricio Cardoso, que compareceu ás festividades do Instituto Dante Alighieri.

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONTROLE LEGAL

Unico sobrevivente paulista da Constituição de 1891 — Grupo feito na residencia do dr. Rodolpho Miranda, unico sobrevivente da representação paulista á Constituinte Brasileira de 1891, quando das homenagens prestadas ao illustre politico pelo Gremio Universitario "Alberto Torres" no dia 15 de Novembro.

A ULTIMA DESCOBERTA DA SCIENCIA MODERNA
A' VENDA EM TODO O BRASIL

Nos Campos Elyseos por occasião da sessão solemne pela passagem do 50.º anniversario da Republica, vendo-se na gravura d. Gaspar, sr. Moura Rezende, interventor interino de São Paulo, dr. Guilherme Whinter e o general Mauricio Cardoso, commandante da Região.

Missa em acção de graças mandada resar pelos advogados de 1889 pela passagem do seu 50.º anniversario de formatura.

A FESTA DA SAUDADE

De todas as commemorações que se realizaram em S. Paulo por occasião do cincoentenario da Republica nenhuma tão simples mas nenhuma tão suggestiva e sentimental como a que reuniu os bachareis formados em 1889, na Faculdade do grande Estado. Foi uma tocante festa da saudade em que essa velha geração se reuniu para festejar os seus cincoenta annos de formatura. Não se póde negar o curioso destino dessa pleiade que deixou a tradicional Escola de Direito justamente quando começava o novo regimen, que ella, com os enthusiasmos dos seus movimentos academicos e com a eloquencia de sua oratoria, nos comicios e conferencias de que participou, ajudou a construir e, mais tarde, a consolidar. Os velhinhos sympathicos e sorridentes assistiram, pela manhã, á missa na igreja de S. Francisco e almoçaram, todos juntos, no Automovel Club, recordando os bons tempos em que eram moços, revivendo episodios e aventuras que ficaram gravados na memoria de todos. Foi uma festa differente e bôa. Uma festa em que a saudade fez as honras da casa...

L. C.

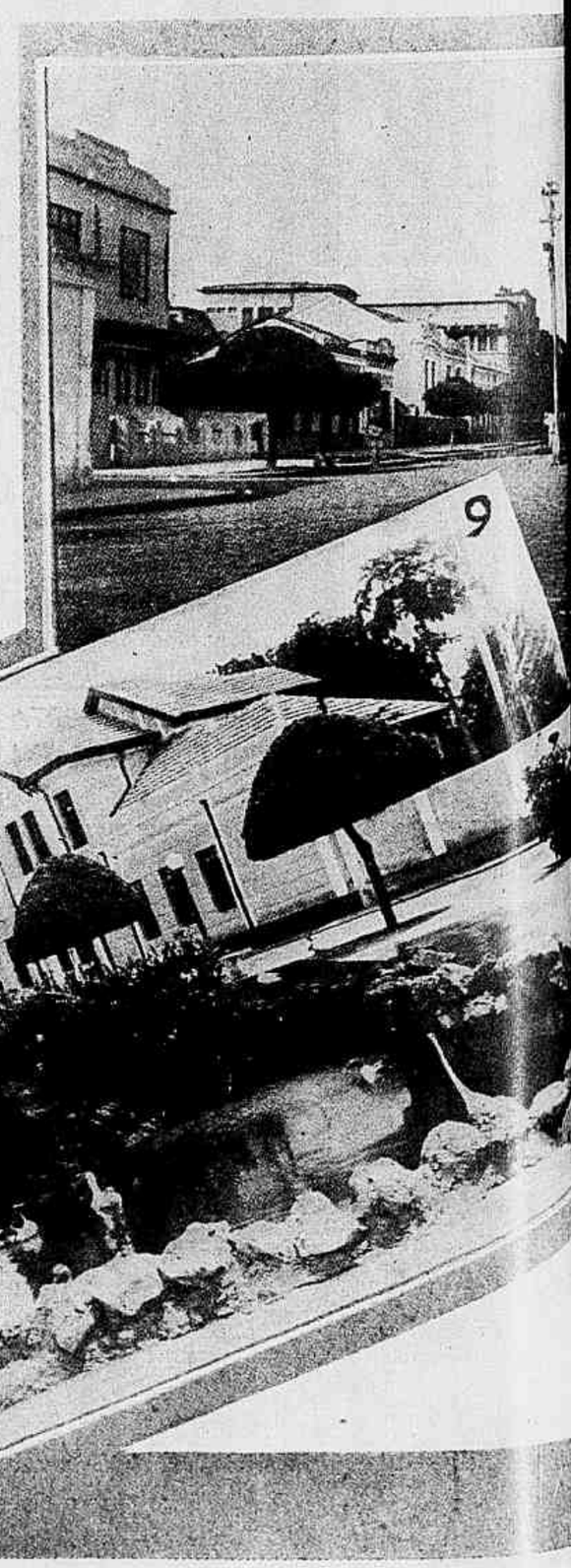
◆ ◆ ◆ ◆

O Piauh

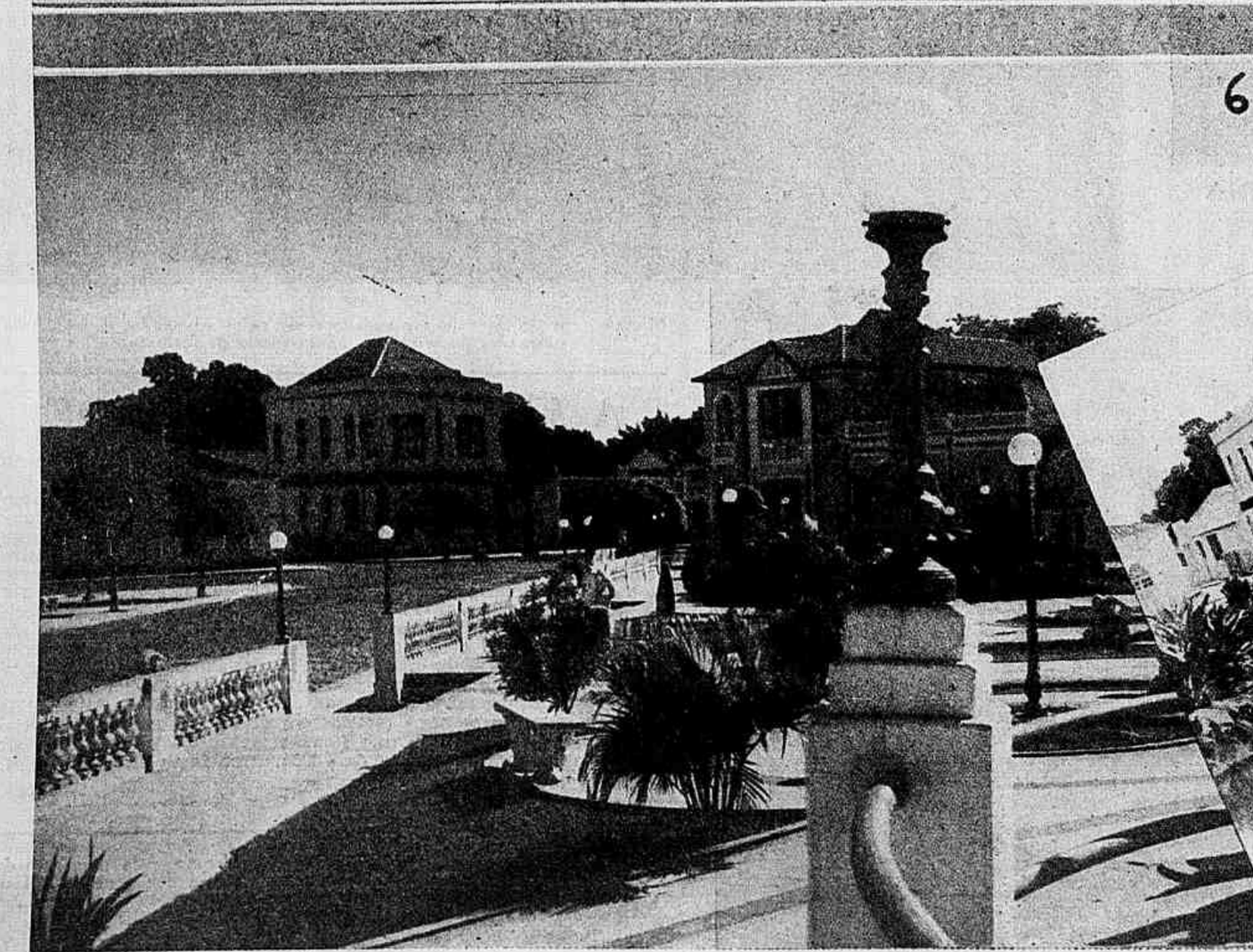
COMO PROGREDIU THEREZINA NOS CINCOENTA ANNOS DE REPUBLICA

O Piahuy é um dos Estados do norte do Brasil que apresentam maior desenvolvimento economico nestes ultimos tempos.

O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem lançou ha alguns annos um arrojado projecto: ligar Therezina ao Rio de Janeiro atravez de uma rodovia cuja extensão seria de 1.920 kilometros.



1. — Vista parcial da Praça D. Pedro II. 2. — Trecho da Praça Rio Branco. 3. — Trecho da Praça Marechal Deodoro, vendo-se ao lado a Escola Normal. 4. — Trecho da rua Duque de Caxias (arborisada com oitiseiros). 5. — Vista parcial da Praça



Actualmente acham-se construidos 1.050 kilometros dessa estrada, ou seja mais da metade do grandioso projecto.

Therezina tem se tornado nestes ultimos annos uma das cidades mais modernas do norte do Brasil, e muito deve á administração do Interventor do Estado, dr. Leonidas de Mello, e ao seu actual prefeito, dr. Lindolpho do Rego Monteiro.

As nossas photos attestam o progresso da linda e moderna capital nortista.

Rio Branco. 6. — Outro trecho da Praça D. Pedro II. 7. — Trecho da rua Simplicio Mendes, vendo-se "a columna da hora". 8. — Trecho da Avenida Antonio Freire. 9. — Vista parcial da Praça D. Pedro II. 10. — Novo trecho da Praça D. Pedro II.

A GOTA DE SANGUE DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

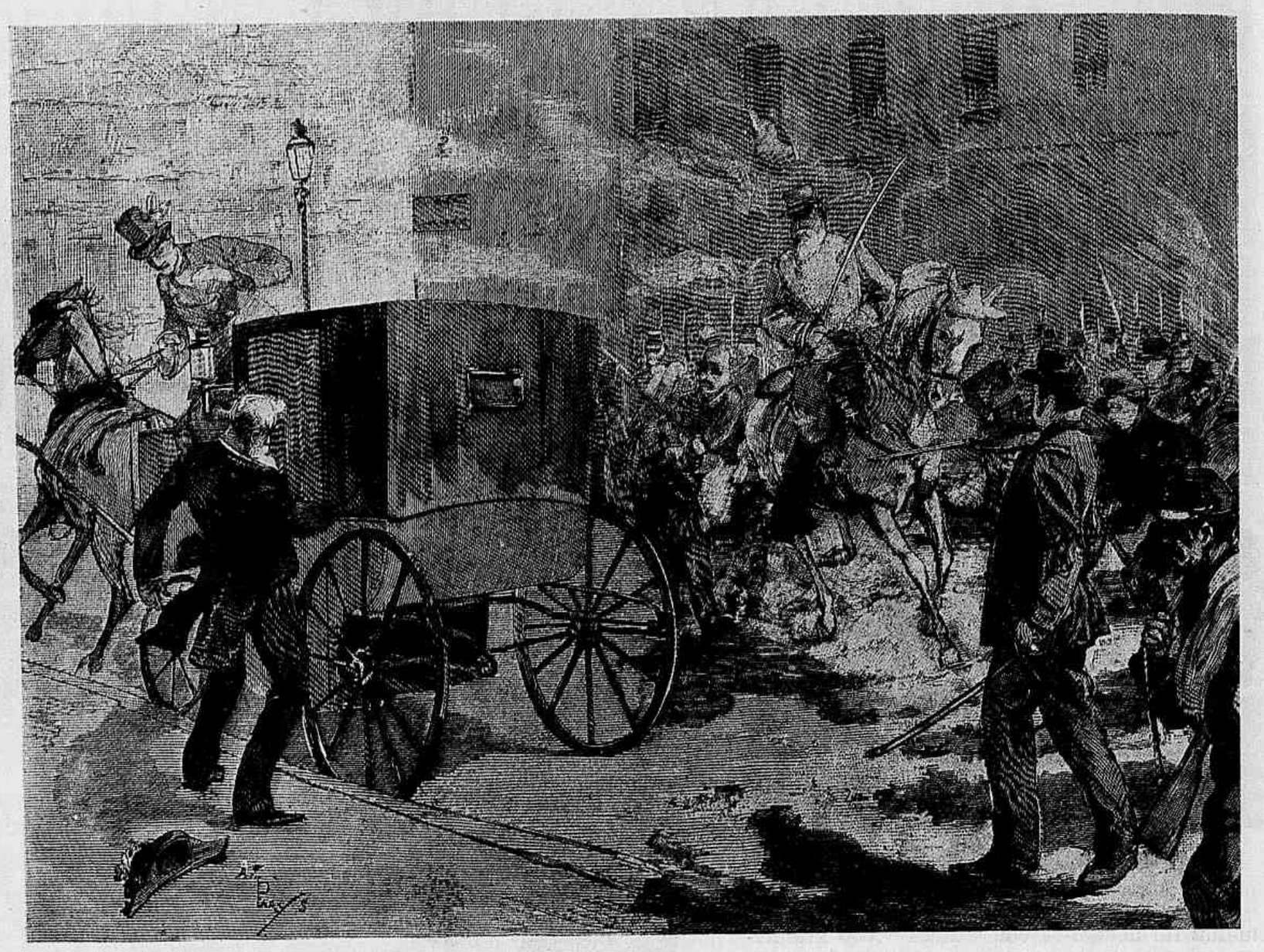
EM meio da tropa que commandava, no momento em que a situação ainda não estava bem definida, o marechal Deodoro avistou o coupé do barão do Ladario, ministro da Marinha, que se aproximava.

Bem comprehendeu Deodoro que o Barão regressava do Arsenal de Marinha, onde fôra determinar medidas de defesa do regimen prestes a baquear, para juntar-se aos seus companheiros de Ministerio, todos reunidos no Quartel-General. E Deodoro não vacillou em ordenar ao tenente Adolpho Pena Filho que o fosse prender. Pena correu ao encontro do coupé, apeou-se do cavallo e dirigiu-se a José da Costa Azevedo (barão do Ladario), justamente no momento em que elle deixava o vehiculo. O barão, ouvindo-o, mas sem lhe responder, sacou do bolso um revólver, apontou-o contra o tenente Pena e puxou o gatilho, mas a arma negou fogo. Defendendo-se, o official alvejou o ministro que, por sua vez, vendo Deodoro aproximar-se, atirou contra elle. Por um triz o marechal não foi attingido.

A guarda do chefe da Revolução avançou; o cadete do 1.º Regimento, Alfredo Pereira de Carvalho, que era chamado o "Macacão", fez um disparo contra o barão; o sargento Cenobelino Pereira da Silva, do mesmo regimento, vibrou-lhe um golpe de espada, ao tempo que os outros militares do mesmo destacamento jogavam-se sobre elle. Ferido, o ministro da Marinha precipitou os passos, procurando fugir, para, já sem forças, cahir na esquina da rua larga de São João com a de São Louurenço. Foi quando Deodoro surgiu, de novo, gritando aos soldados que avançavam sobre o ferido: "Não matem o barão!"

Extendido na calçada, sangrando, o ministro da Marinha ahi ficou alguns instantes, até que o sextannista do Collegio Pedro II, Carlos Vieira Ferreira, e o official da Fazenda, João José Rodrigues Correia, auxiliados por populares, o transportaram para o pateo do Palacio Itamaraty. Ahi os medicos Rego Cesar e João Cancio lhe ministraram os soccorros urgentes de que carecia. Mais tarde, em padiola, o barão de Ladario foi levado para um bonde especial, fechado, que o conduziu á sua residencia no Cosme Velho. Quanto aos ferimentos recebidos pelo ministro foram quatro, segundo a noticia publicada na "Cidade do Rio", de José do Patrocinio, em sua edição de 16 de Novembro de 1889, n.º 260, e vasada nos seguintes termos: "Sabe-se que os ferimentos do barão do Ladario foram declarados leves pelo snr. barão de Pedro Affonso. O nosso reporter, porém, ouviu do cirurgião Pereira Guimarães que era grave o estado do ferido. Os ferimentos são quatro: um na fronte, dois na coxa esquerda e um na região sacro-iliaca".

Foi essa a gota de sangue — a unica que se derramou no decorrer dos acontecimentos que marcaram a Proclamação da Republica.



Suggestiva gravura publicada em Dezembro de 1889 em "Le Monde Illustré", de Paris, na qual o desenhista M. Parys reproduz ao accidente occorrido com o Barão de Ladario, então Ministro da Marinha.

Barão de Ladario

Tenente Adolpho Peña

A espada de Floriano

O sr. Arthur Peixoto, com o ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, na ceremonia da entrega da espada de campanha de Floriano Peixoto ao Exercito Brasileiro.

Do Chile ao Proclamador

A homenagem das forças armadas do Chile ao Proclamador. No momento em que dois officiaes collocavam a placa de bronze no monumento da Praça Paris.

Reunem-se, nesta gravura, as soberbas visões da parada militar de 15 de Novembro, quando os soldados de hoje reverenciaram a memoria dos soldados e civis que implantaram a Republica em 1889. Vêem-se: o presidente Getulio Vargas conduzindo a palma de flôres naturaes que depositou no tumulo de Deodoro e s. excia. na tribuna de honra; a homenagem do Exercito da Venezuela e as tropas desfilando deante do monumento do Proclamador.

SÃO PAULO na XII FEIRA INTERNACIONAL de AMOSTRAS

UM INDICE EXPRESSIVO DO PROGRESSO E CAPACIDADE DO GRANDE ESTADO BANDEIRANTE

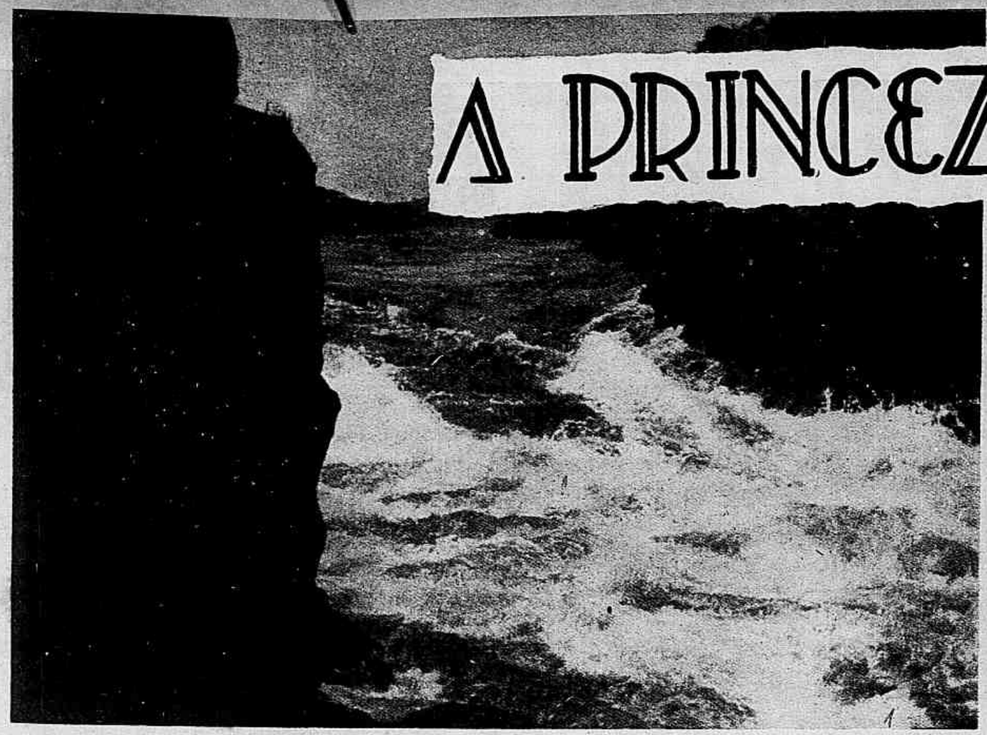
Teve logar no dia 18 do corrente a inauguração do Pavilhão de S. Paulo na XII Feira Internacional de Amostras. Presidiu a solemnidade o sr. Getulio Vargas, presidente da Republica, acompanhado de ministros de Estado, interventores e demais autoridades. S. Excia. foi recebido, ao som do Hymno Nacional, pelo interventor Adhemar de Barros e grande numero de convidados, tendo, logo após cortar a fita symbolica, percorrido todo o Pavilhão, demorando-se em minucioso exame dos mostruarios, particulamente os da Secretaria da Agricultura e Ensino Profissional. Ahi foram apreciadas as realizações das Escolas Profissionaes, entre as quaes despertou viva admiração a Machina Frezadora Universal, construida pelos alumnos, orientados por technicos nacionaes e com todo o material nacional. Essa admiração, aliás, causou tudo o que foi exposto pelo Ensino Profissional de S. Paulo, numa bella demonstração do que podem a von-

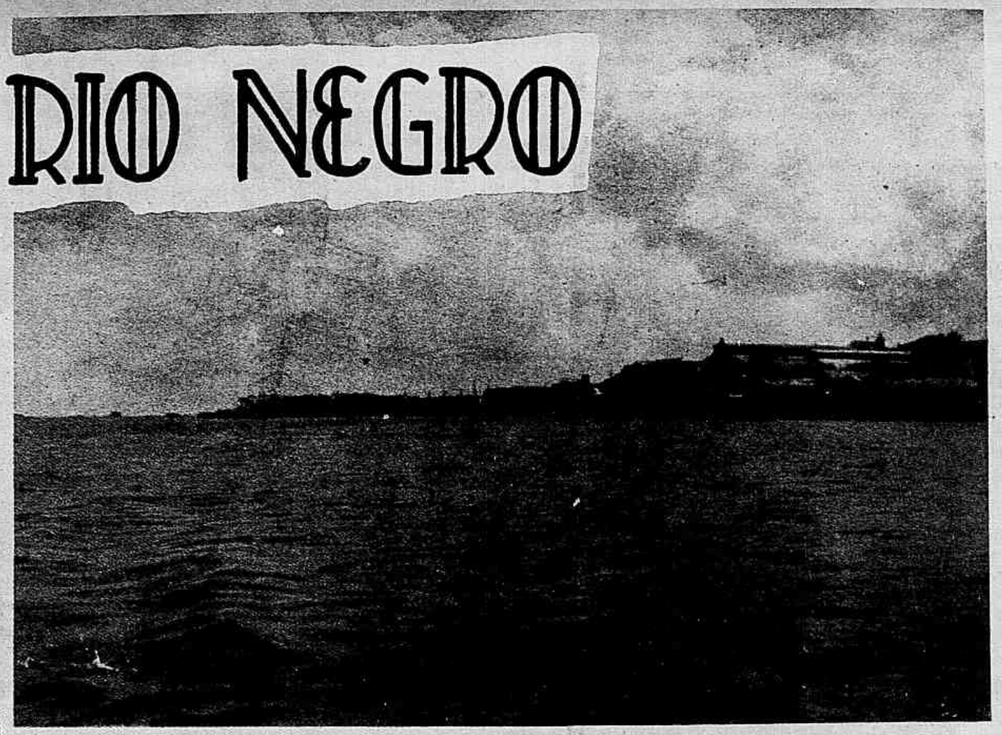
As gravuras desta pagina mostram: — Em cima, vista externa do Pavilhão; ao centro, o Presidente da Republica corta a fita symbolica, inaugurando o Pavilhão; á esquerda, o sr. Getulio Vargas acciona a Machina Frezadora Universal; em baixo, aspecto parcial do mostruario da Secretaria da Agricultura.

tade e o patriotismo de um povo, e que não é possivel ser descripta em tão pequeno espaço. Tambem foram muito admiradas as exposições da Secretaria da Agricultura, com os seus magnificos graphicos sobre as actividades agricolas e industriaes do Estado, onde se pode, com a maior facilidade, observar a constante evolução da economia paulista. Tambem as industrias do Estado se acham condignamente representadas em artisticos stands, que mereceram de todos os melhores elogios. Emfim, um eloquente resumo, o Pavilhão de S. Paulo, do labor incansavel do povo paulista pelo progresso e prosperidade do Brasil.

Em cima, majestoso aspecto do pavilhão do Ensino Profissional; ao centro, vista parcial dos **stands** das industrias, e, em baixo, o pavilhão da Secretaria da Agricultura.

A PRINCEZA DO RIO NEGRO





MANAUS AOS 50 ANNOS DE REPUBLICA

Quando teve logar a Independencia do Brasil, inexplicavelmente a Capitania do Rio Negro desceu a comarca do Pará. Graças, porém, ao esforço dos seus grandes homens, foi decretada uma lei em 5 de Setembro de 1850, que lhe deu a denominação de Provincia. Dentre aquelles que se bateram então pelo engrandecimento politico do futuro Estado do Amazonas destacou-se João Baptista Tenreiro Aranha, em quem recahiu a escolha para primeiro presidente da Provincia e cujo Governo teve inicio a 1.º de Janeiro de 1852.

A nova unidade politica estava plenamente organisada e progressista quando em 15 de Novembro de 1889 se implantou o regimen republicano no Brasil.

A Provincia passou a ter a denominação de Estado do Amazonas, garantindo-lhe a Constituição da Republica todas as prerogativas politicas inherentes á sua nova condição politica.

Povo essencialmente tradicionalista o amazonense conservava a corôa imperial na Cathedral de Manáus, até ha bem pouco tempo. E talvez ainda conserve, não como demonstração de convicções politicas, mas como reliquia do passado.

Fundada em 1669, quasi nada recorda, na bella cidade de Manáus de agora, a antiga villa da Barra.

Manáus, no linguajar poetico do seu povo, é chamada hoje a "Cidade Princeza do Rio Negro" e "Cidade Risonha", pela claridade exuberante que sempre lá existe.

Manáus está destinada a ser uma das maiores capitaes do Brasil, pois para a sua praça converge quasi a totalidade da producção amazonense.

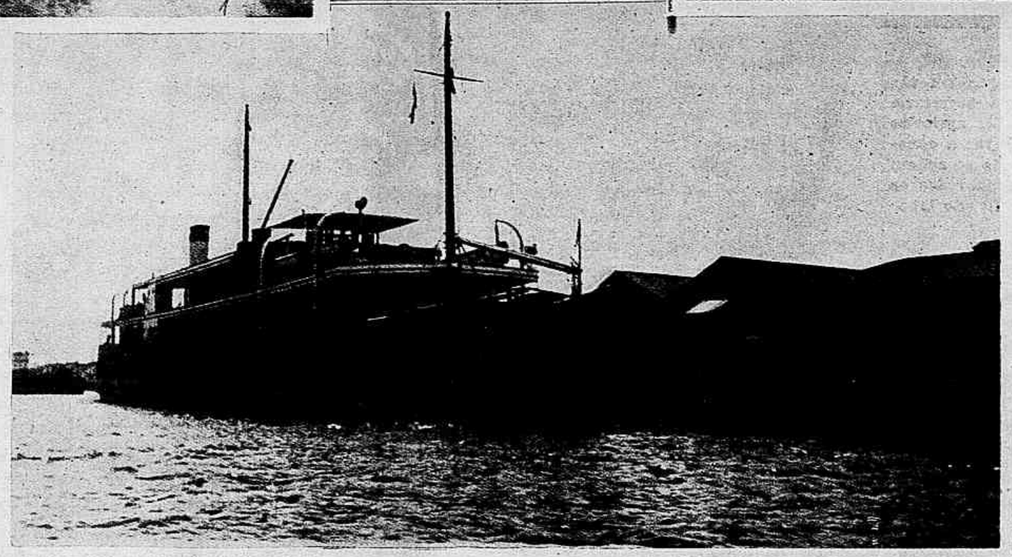
O porto, na bahia do Rio Negro, constituido por fluctuantes de grande extensão, parece prenunciar o futuro brilhante que se approxima.

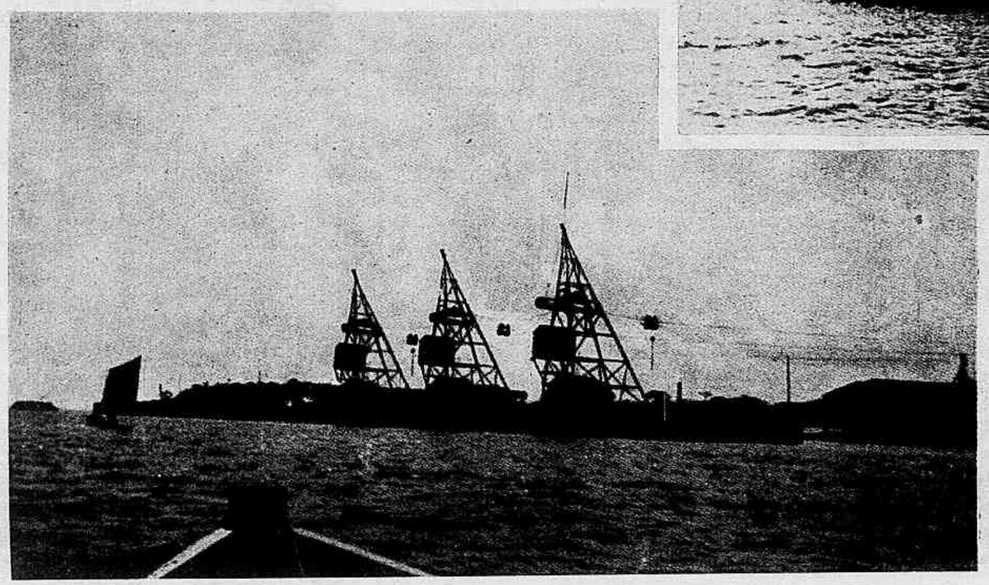
Viajando-se pelo "Paiz das Pedras Verdes" descortinam-se panoramas maravilhosos. Esse trecho encachoeirado de um affluente do Rio Negro bem pode dar uma idéa de como são alli imponentes os aspectos da Natureza.

A grande rêde hydrographica do Amazonas offerece segura navegação ás suas embarcações, que fazem de Manáus o ponto terminal de suas viagens. Deslisando-se durante muitos dias pela extensa estrada liquida que é o "Rio-Mar", chega-se á "Cidade Risonha", que o seu dynamico prefeito, dr. Antonio Maia, transformou numa das mais bellas e modernas capitaes do Norte do Brasil.

As photos que illustram esta pagina exprimem melhor que palavras o quanto progrediu Manáus nos 50 annos de vida republicana.

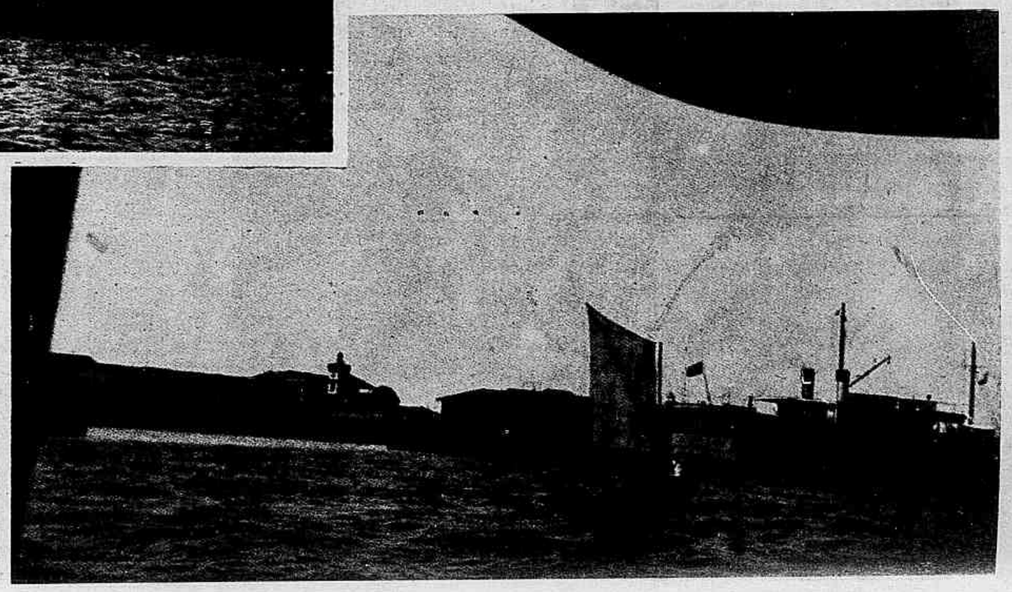
Os mais recentes melhoramentos, porém, deve-os não somente a Capital porém todo o Estado do Amazonas á esclarecida orientação do Interventor Alvaro Maia.





Ao alto, no centro: Dr. Antonio Botelho Maia, prefeito de Manáus

1 — Trecho encachoeirado de um affluente do Rio Negro. 2 — Aspecto do porto de Manáus. 3 — Uma embarcação typica do Amazonas, "Vaticano". 4 — Guindastes aereos do porto de Manáus. 5 — Outro aspecto do porto de Manáus, vendo-se ao fundo o edificio da Alfandega.



Silva Jardim,

O APOSTOLO SACRIFICADO

Saul de Navarro

A commemoração do cincoentenario do regimen republicano no Brasil, que nesta ultima semana se celebrou, deu ensejo a que se processasse uma reconstituição do acontecimento historico. E, numa visão retrospectiva, resurgiram os vultos e factos, que se prendem ao memoravel episodio.

A queda do Imperio foi obra de uma élite de civis e militares, porque o povo, no seu sentido gregal, jamais tomou parte directa na sua fundação, quando da Independencia, nem de sua derrocada, quando lhe foi dada a Republica. O governo, em qualquer época e seja qual fôr a sua forma, sempre foi e será o poder como resultado do direito da força, que gera a autoridade. A democracia, como governo do povo pelo povo, só é exequivel, no dizer de um sociologo, para um povo de deuses. Desde a Magna Carta, de 1215, á declaração dos direitos do homem, de 1789, foi assim, e assim será.

A Republica foi sempre uma aspiração nacional, desde os primordios de nossa historia. Vaga ou ostensiva, essa idéa sempre animou os nossos movimentos libertadores, sendo a esperança de quasi todos os surtos revolucionarios. Em 1630-1695 negros, fugindo das senzalas e engenhos, tendo Zumbi por chefe, congregaram-se num quilombo, dando origem á Republica dos Palmares. Em 1710-1713 deflagrou em Pernambuco a **Guerra dos Mascates** na qual a gente nativa se insurgiu contra a exploração reinol. Em 1720 houve o levante, em Minas, de João Felippe dos Santos, o proto-martyr, por ordem chronologica; e, em 1789-1792, a Inconfidencia Mineira fez de Tiradentes o Christo da nossa nacionalidade. A Revolução de 1817, chefiada por Domingos José Martins, foi um novo impulso, secundado, em 1824, pela Confederação do Equador. Em 1834-1836 revoltam-se os Cabanos do Pará. Em 1837 deu-se na Bahia a Sabinada. Em 1838 occorreu no Maranhão a Balaiada. Em 1842 explodiu em S. Paulo a sedição de Raphael Tonias e Diogo Feijó contra a Corôa. E, no mesmo anno, Theophilo Ottoni, em Minas, foi alma de mesmo gesto.

Em 1835-1845 travou-se, no Rio Grande do Sul, a Guerra dos Farrapos, da qual surdiu a ephemera Republica de Piratiny. Em 1849 rebentou em Pernambuco a Revolta Praieira, de onde se immortalizou a bravura de Pedro Ivo, glorificado pelo cantor dos **Escravos**. Em 1888 houve a revolução economica, que solapou as bases do Imperio, com a abolição dos escravos. E em 1889, finalmente, a questão militar, habilmente explorada pelos propagandistas, determinou o golpe militar da proclamação da Republica. E esta, tendo sido, em varias phases de nossa formação politica, o alvo da nacionalidade, gerando heróes e martyres, foi o mais bello sonho do nosso espirito, a musa do nosso civismo, a meta do idealismo de nossa gente. A penna e a espada, a palavra e a acção, a lyra e a cruz, a eloquencia e o jornalismo foram o seu elemento de catechese, enchendo de luz e rythmo o preludio lyrico da Propaganda. E nas escolas e casernas, na tribuna e nos comicios, fazia-se o combate oral contra a Monarchia, principalmente para impedir a possibilidade do 3.º Reinado.

Aproveitando a opportunidade, que me dá o transcurso de tamanho evento, vou evocar um nome quasi esquecido, rendendo minha sincera homenagem a um apostolo sacrificado: Antonio da Silva Jardim, o verbo da Propaganda, o propheta do novo regimen.

E' um symbolo num homem. E toda a sua vida foi um grande sonho de justiça e liberdade.

Pequeno de estatura, franzino e nervoso, com a barba em ponta e o olhar em fogo, ninguem poderia imaginar que, nesse conspecto de duende, se occultasse a envergadura de um heróe, onde a coragem se aninhava, a vontade operava prodigios, o caracter tinha a tempera do aço, a palavra era um milagre de força e persuasão, num vôo e clarão de eloquencia, como arma de seu combate e seiva de seu espirito.

Antes delle, o genio épico de Castro Alves, num relance prophetico, traçára-lhe o destino:

Republica! vôo ousado
Do homem feito condor!

E foi-o. A Republica foi o vôo desse tribuno invencivel, o itinerario de sua epopéa oral, desde Santos a Recife, para se tornar o espantalho da Monarchia, impedindo a calamidade do 3.º Reinado. E fala nos comicios; realiza conferencias; percorre cidades paulistas, mineiras e fluminenses, sem temer a furia dos sicarios, num dynamico arrojo de audacia e denodo. Cavalleiro andante, bate-se pela palavra, em defesa de sua Dama, num quichotismo empolgante. E culmina com a sua maxima proeza: toma o mesmo navio que transporta o Conde d'Eu, em excursão politica ao Norte; desembarca na Bahia; prosegue na sua predica revolucionaria contra o throno, desafiando os janizaros da «guarda-negra».

Escapa de varios attentados contra a sua vida. Não esmorece. Continua impavido, peregrinando e pregando o seu ideal até que a espada desfecha o golpe fulminante, que precipita a queda do Imperio; e a Republica nasce sem sangue, aos toques de clarim, na madrugada de 15 de Novembro de 1889.

Silva Jardim, homem-condor e arauto da Republica, obra de seu verbo, ficou isolado e esquecido, emquanto a turba dos adhesistas e devotos dos factos consummados assaltava as posições, acclamando os vencedores.

Embarcou para a Europa, a caminho de um exilio voluntario, que se lhe tornou, pouco depois, definitivo e irrevogavel.

O apostolo sacrificado, com 31 annos de edade e seculos de amargura, foi, na tarde de 2 de Julho de 1891, percorrer, na companhia de um amigo fiel, as ruinas de Pompéa, como si caminhasse entre as proprias ruinas de seu sonho... E, obstinado, quiz e foi ver o Vesuvio. Foi lenta e morosa a ascensão. Já estava escurecendo, quando se approximou das crateras. Foi, desprezando qualquer aviso de prudencia, irresistivelmente se deixando attrahir pelo vulcão, cujas lavas ardentes rolavam naquelle inferno visivel. E avançava, sem pavor, numa transfiguração suprema, como si estivesse já tocado de eternidade e fosse caminhando para a morte, que a cada passo se lhe abria aos pés... E sereno, sorrindo, gracejou: — «E si o vulcão entrasse agora em erupção, o que seria de nós?» E avançava, avançava, como impellido pela volupia do fogo, querendo, talvez, desfazer-se naquella massa ignea. O duende brincava com o Vesuvio! E, avançando, avançando, foi indo, foi subindo, foi desapparecendo... E até hoje ninguem ficou sabendo o seu segredo, quando occorreu o accidente presumivel ou o suicidio provavel. Quanto a mim, estou certo de que Silva Jardim subiu e quedou no Vesuvio, para se tornar o maior symbolo da Republica.

A B C D E F G

BENJAMIN DEODORO FLORIANO

ESTA sequencia por ordem alphabetica é significativa e muito honrosa para o exercito brasileiro.

B — Benjamin, na cathedra, préga á mocidade os ideaes republicanos com palavras convincentes fazendo de cada um dos seus discipulos ardoroso adepto da grande causa republicana.

D — Deodoro, o bravo alagoano, o maior prestigio militar em 89, conduz destemerosamente a tropa na historica manhã de 15 de Novembro, para tornar realidade o ideal democratico em nossa Patria.

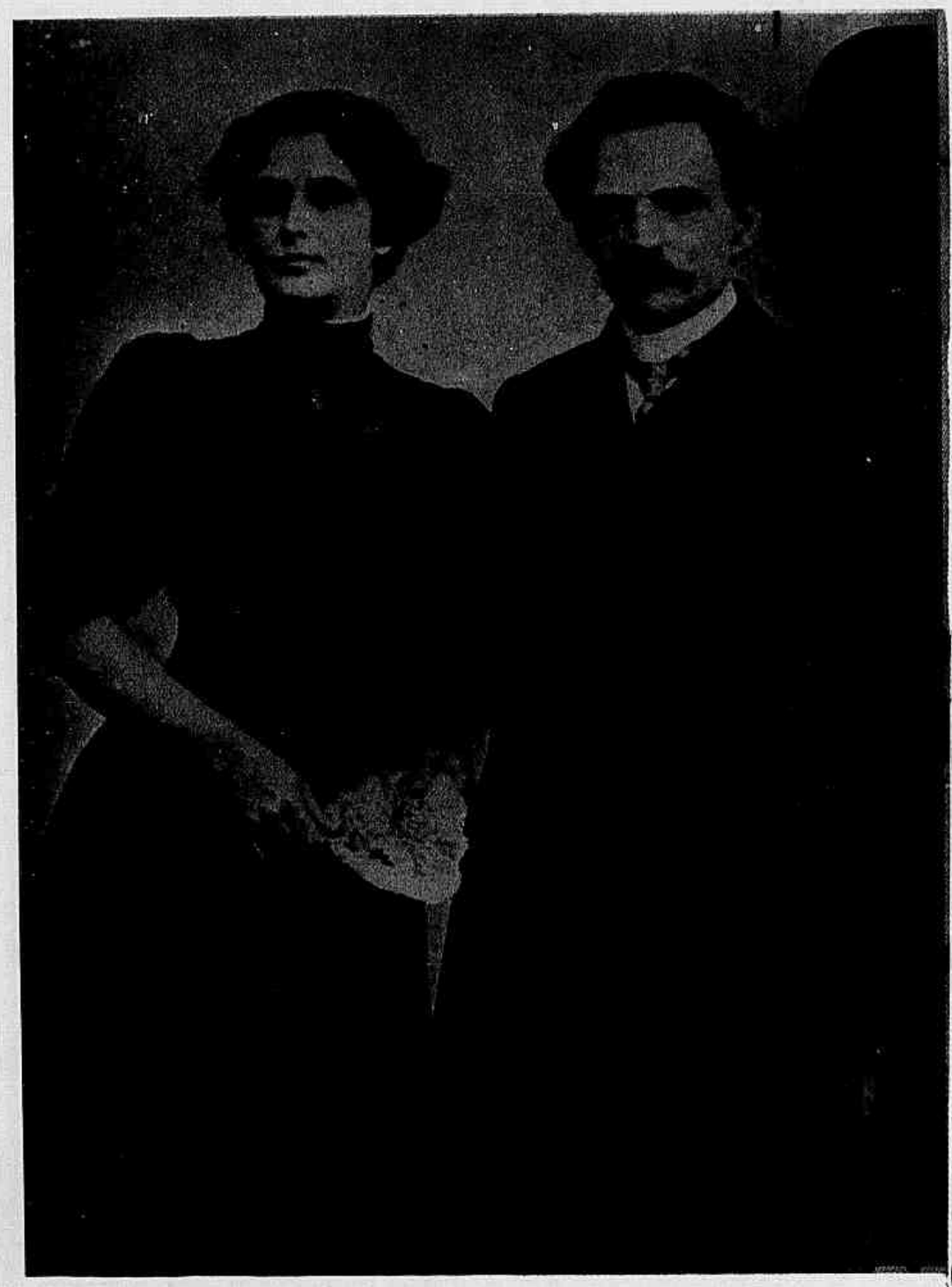
F — Floriano, o consolidador do novo regimen, cercando-se da mocidade vibrante daquella época suffoca a onda de ambições e despeitos que ameaçavam as instituições republicanas.

B, D, F, abreviatura de Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto — uma trindade bendita.

Arthur Vieira Peixoto.

A nossa capa

A capa desta edição da REVISTA DA SEMANA é feliz concepção e artistica execução do nosso companheiro Alberto Lima. Elle realizou um trabalho suggestivo e cheio de belleza, bem interpretando a significação que aquella mascara e o perfil daquelle monumento têm hoje, quando todo o Brasil commemorou o cincoentenario da Republica. É uma capa cheia de imponencia, sem duvida; é uma exaltação á figura do proclamador da Republica e ao grande acontecimento politico que tem nesse majestoso monumento o seu symbolo mais impressionante!

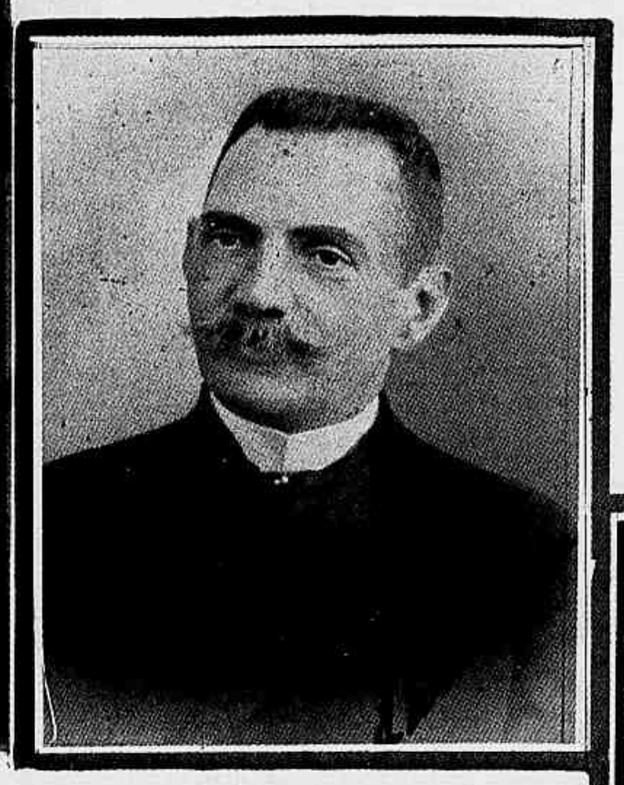


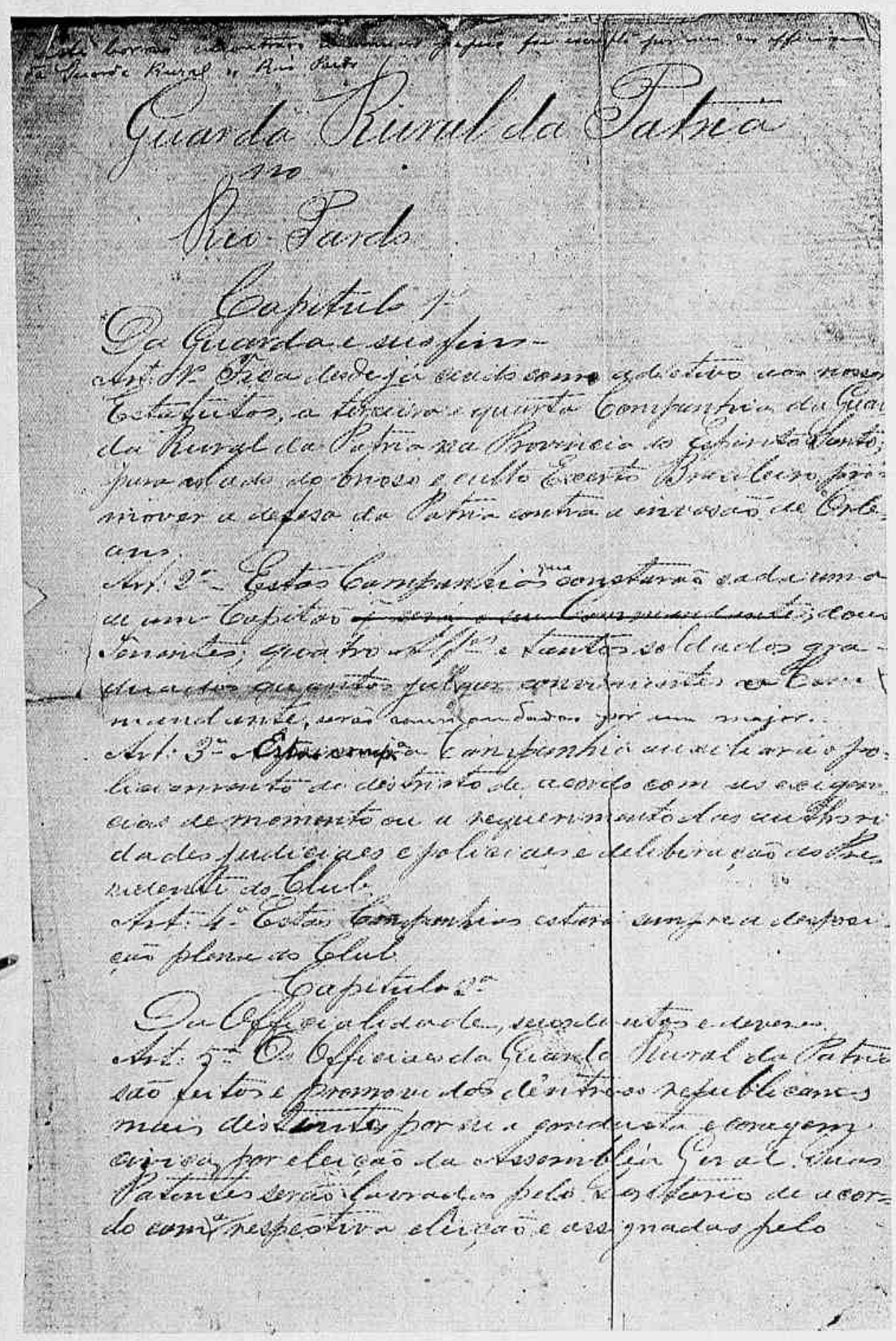
COELHO LISBÔA,

NO rosario de evocações que o cincoentenario da Republica fez a nossa veneração e saudade desfiar, assistimos ao desfile de figuras e factos, de depoimentos que se entrechocam, de affirmativas que se contradizem, de logares-communs que se repetem, mas que se acceitam pela sua finalidade inspirada de festejar esses dez lustros de clima republicano. Mas ha a lamentar, sem duvida, no alvoroço de tantas homenanagens e na emoção de tantas recordações, o esquecimento de nomes que se destacaram no periodo preparatorio da mentalidade republicana e nos acontecimentos que antecederam de perto e se desnovelaram a 15 de Novembro de 1889. A **Revista da Semana** procurou reviver a grande maioria desses nomes esquecidos, consagrando-lhes, nesta edição, as referencias carinhosas que merecem, como acontece, por exemplo, em relação a Coelho Lisbôa que dos que não foram lembrados foi justamente o mais esquecido. Imperdoavel cochilo de memoria porque Coelho Lisbôa tem um merito de que nunca se orgulhou porque era um simples, despreoccupado de si mesmo, mas que se deve exaltar sempre: emquanto, em sua epoca, os homens de opinião trabalhavam, primeiro, pela Abolição, para depois se entregar á luta da Republica, elle não admittia que se desirmanassem as duas causas, tão bem as sentia parte de um Todo, dizendo não comprehender «a quéda da escravidão dos negros com a estabilidade da escravidão dos brancos». Coelho Lisbôa foi um lutador da primeira hora não de causas isoladas; foi um esforço prompto a demolir não homens que erravam, mas principios que estavam errados. Elle queria um Brasil maior, mais civilizado, abrigado sob a bandeira das grandes conquistas sociaes e politicas que já pannejava sobre os outros paizes do Continente. Elle sonhava um Brasil integrado na communhão americana, um Brasil republicano e avançado como o seu proprio espirito. A Escravidão encontrou na sua intelligencia um jacto de luz a devassar-lhe as entranhas e a illuminar todo o seu drama. E contra ella lutou não pelos enthusiasmos da mocidade e sim por uma vocação de apostolo. E a Republica teve nelle um soldado arrebatado, uma voz quente de eloquencia e uma bravura sem par. Com Lopes Trovão e Silva Jardim, Coelho Lisbôa forma a trindade dos pregoeiros mais audaciosos da Republica. Em 28 de Agosto de 1885 surgiu, pela primeira vez em Pelotas, um homem fazendo, em alta vozes, o elogio da ideologia republicana. Dominando a praça publica, em tribuna improvisada, esse homem ousado começou a discursar para a multidão que foi engrossando, a dizer-lhe que o Brasil não supportava mais o regimen que então o governava e que o povo precisava capacitar-se dos seus deveres e voltar o olhar para o sól da liberdade symbolizado pela Republica. A' surpreza do primeiro instante seguiu-se o espanto que se assenhoreou de toda aquella gente e, em breve, as autoridades policiaes, avisadas, surgiam para insuflar o povo contra o orador. Uma tempestade de pedras desabou sobre o nomem corajoso que, sozinho, enfrentou o oceano de odios encapellado pela furia policial. Não recuou um passo nem se intimidou.

Esse homem era Coelho Lisbôa.

Cavalleiro andante do Sonho, Coelho Lisbôa não arrefecia o seu enthusiasmo e ia, ao interior, fazer comicios, soffria rudes ataques mas tinha, a envolver-lhe a cabeça, a aureola dos victoriosos, porque fazia de cada revez um novo estimulo para entrar em novas refregas. Assim foi que no alto Guandú escapou illeso de um conflicto quando falava na praça publica. Coelho Lisbôa no seu idealismo era tomado de uma extranha inquietação ante a maneira fria e quasi indifferente com que o povo recebia a doutrinação da ideologia republicana. Elle tinha pressa em filtrar para a alma das multidões todas as seducções do regimen que devia abrir horizontes mais largos no panorama social brasileiro, do regimen que promettia igualar os homens e dar-lhes mais direitos. Elle conhecia a pouca cultura do povo e era esse atrazo mental que o fazia temer a demora da comprehensão da ideia republicana. Por isso se fazia precipitado e corria a levar as luzes de sua palavra eloquente a essas intelligencias em trevas. Avançado cincoenta annos sobre o seu tempo, Coelho Lisbôa queria a Republica não apenas como forma de governo; queria-a pelo que seus postulados podiam permittir e facilitar para a grande reforma de costumes de que então o Brasil estava precisando. Desde muito jovem trepidava de indignação ante as castas e olygarchias que impunemente pontificavam pelo paiz. Era uma alma collocada muito acima do nivel commum, beijada de perto pelo sol da Civilização. Menino ainda, na cidade de Areia, Parahyba, onde nasceu, revelava o seu horror á escravatura, acolhendo com carinho e repartindo as guloseimas que lhe davam com os escravos que encontrava. E muito





Guarda Rural da Patria
no
Rio Pardo

Capitulo 1º
Da Guarda e seu fim.

Art. 1º Fica desde já creado como adjectivo aos nossos Estatutos, a terceira e quarta Companhia da Guarda Rural da Patria na Provincia do Espirito Santo, para o dia do Anno e culto Evangelico, para promover a defesa da Patria contra a invasão de Estrangeiros.

Art. 2º Estas Companhias constarão cada uma de um Capitão, um Tenente, quatro alferes e tantos soldados graduados que outros quaesquer operarios e Commandante, serão commandados por um major.

Art. 3º Estas companhias ficarão prestando o serviço de acordo com as occasiões de momento ou a requerimento das autoridades publicas e policiaes e deliberação do Conselho do Club.

Art. 4º Estas Companhias estarão sempre a disposição plena do Club.

Capitulo 2º
Da Officialidade, sequelas e deveres.

Art. 5º Os Officiaes da Guarda Rural da Patria são eleitos e promovidos dentre os republicanos mais distinctos por seus predicados e conveniencias por eleição da Assembléa Geral. Os Patrones serão lavrados pelo Capitão de acordo com a respectiva eleição e assignados pelo

Coelho Lisbôa e sua exma. esposa, a sra. Luzia Coelho Lisbôa, num retrato antigo; o grande republicano num dos seus melhores retratos e em uma caricatura de José Candido. A' esquerda o manuscripto do projecto da "Guarda Rural da Patria".

A MAIS IMPRESSIONANTE VOCAÇÃO REPUBLICANA DO SEU TEMPO

Reportagem de BARROS VIDAL

antes da Abolição já dava liberdade aos escravos da fazenda do seu pae, dizendo:

— O homem que escravisa é o mais repugnante dos escravos!

◆◆◆

Meia hora já tinha decorrido desde que chegaramos ao ambiente acolhedor da residencia da familia Coelho Lisbôa, na rua Paysandú, e não só a solicitude generosa da viuva do grande republicano mas todos aquelles documentos que se abriam aos nossos olhos nos punham em contacto com essa epoca e com esse homem superior. Tudo o que acima está escripto leramos e ouviramos, e agora, a uma pausa, fazemos nova pergunta:

— Onde estava Coelho Lisbôa no dia 15 de Novembro de 1889?

A senhora Luzia Coelho Lisbôa responde, não com palavras mas com documentos. E nos proporciona uma revelação de sensação; um facto historico inteiramente desconhecido:

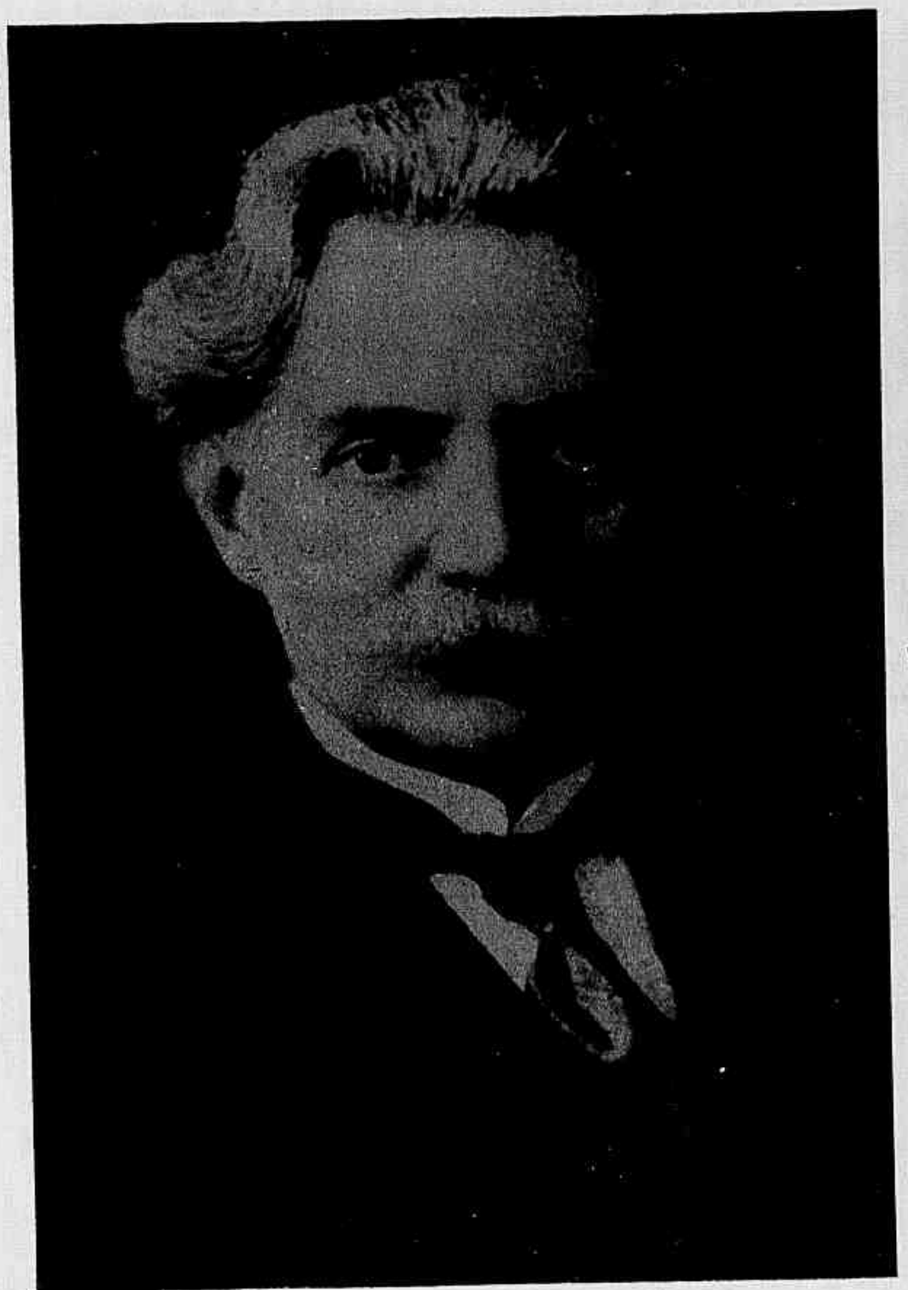
Coelho Lisbôa em fins de Outubro tinha partido para o Espirito Santo afim de organizar a «Guarda Rural», um batalhão de voluntarios para lutar, de armas nas mãos, a favor da Republica. Elle já sabia que dentro de poucos dias a Monarchia desceria do seu pedestal. Articulado como estava com os conspiradores, seguiu para essa Provincia, no proposito de arregimentar homens.

E' muito interessante, sem duvida, o documento que nos conta a historia dessa «Guarda Rural», documento cujo **fac-simile** publicamos com estas notas. Seria uma força auxiliar do Exercito, para entrar na luta logo que fosse preciso. O projecto da organização da «Guarda Rural» consta de 18 artigos, todos muito claros e expondo as altas finalidades da milicia. Não foi avante entretanto, essa organização, por desnecessaria. E Coelho Lisbôa voltou ao Rio contente de vêr realizado o seu grande sonho.

A victoria da Republica não foi para elle uma finalidade. Era o começo da nova jornada e, se elle foi grande no periodo da campanha, maior, sem duvida, depois, nos factos que se succederam. Provou que não ambicionava posições; que era republicano por ideal e quando seu patriotismo exigiu que de armas na mão se collocasse ao lado de Floriano, eil-o organizando o Batalhão Patriotico 3 de Novembro, entrando em combate com impressionante desprendimento pela vida.

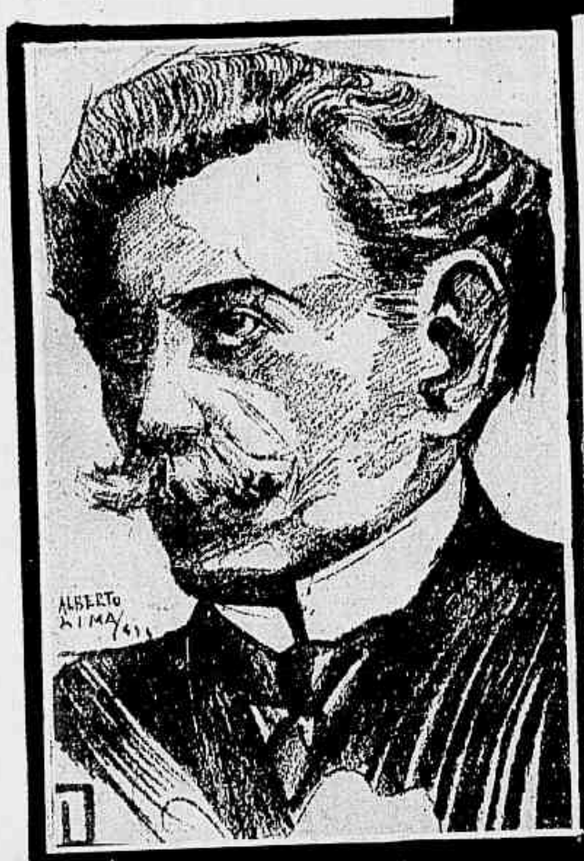
No Governo Hermes da Fonseca recusou o logar que este lhe offereceu, de ministro do Tribunal de Contas, enviando-lhe uma longa exposição de motivos que rematava nestas palavras: **«Do Tribunal que ahi temos, apezar da selecção do seu pessoal deliberativo bem como do pessoal instructivo, deste Tribunal que apenas registra despesas nesta capital, dando-se a anomalia de não haver registro para os delegados do Thesouro nos Estados da Republica: deste Tribunal que não póde tomar conta aos poderosos, mas somente estudar as contas dos que cahiram em desagrado dos satrapas estaduaes, eu não posso fazer parte.»**

Espirito combativo, indole rebelde ás injuncções, Coelho Lisbôa não sabia transigir e em toda a sua existencia nunca se calou ante uma injustiça. Foi um homem differente. A sua luta contra as olygarchias forma um outro capitulo arrebatador de sua vida cheia de agitações. Lutou para derrubal-as e conseguiu-o.



Coelho Lisboa em uma das suas ultimas photographias.

O ardoroso republicano em um traço de Alberto Lima.



E, millionario de intelligencia e de attitudes desassombradas, morreu pobre, lutando. D'ahi a sinceridade destas palavras de Bricio Filho, proferidas á beira do seu tumulo, em 11 de Julho de 1918:

«Se nos ultimos dias da sua existencia foi um vivo-morto, depois de trazido para a necropole passa a ser um morto-vivo. Sim, vivo no peito da generosa juventude, dos seus dilectos discipulos, não contaminados pelo vicio, não dominados pela corrupção, não desviados dos bons caminhos, que promoveram esta emocionante romaria, desde a sua residencia ao Campo-Santo: vivo no seio dos bons republicanos, que lhe reconhecem a grandeza dos serviços; vivo no coração da Patria, que vê nelle um filho querido, um dos mais abnegados apostolos da Abolição, um dos mais ardorosos propagandistas da Republica.»

Seu unico pedido, ao morrer, foi satisfeito: quiz que seu corpo fosse transportado ao cemiterio por um grupo de seus alumnos do Pedro II e o caixão envolto na bandeira republicana arvorada a 15 de Novembro de 1889 no topo do mastro do edificio da Prefeitura. E assim foi. Pela ultima vez aquella bandeira gloriosa percorreu a cidade, sendo depois recolhida ao archivo da Municipalidade. Seu ultimo contacto foi com os despojos do ardoroso republicano.

◆ ◆ ◆

Rosalina Coelho Lisbôa Muller, grande vulto das nossas lettras e filha de Coelho Lisbôa, de quem herdou o brilho da intelligencia, a bravura e o desassombro de attitudes, está escrevendo a biographia de figura tão singular. Ideia louvavel e feliz porque não se comprehende que duranre tanto tempo tenha permanecido sobre vulto tão gigantesco um tão envolvente véo de esquecimento. Rosalina vae render essa homenagem á sagrada memoria do seu pae e prestar um grande serviço á geração de hoje, que precisa conhecer o caracter, a força mental e o perfil de heroe desse homem soberbo e raro.

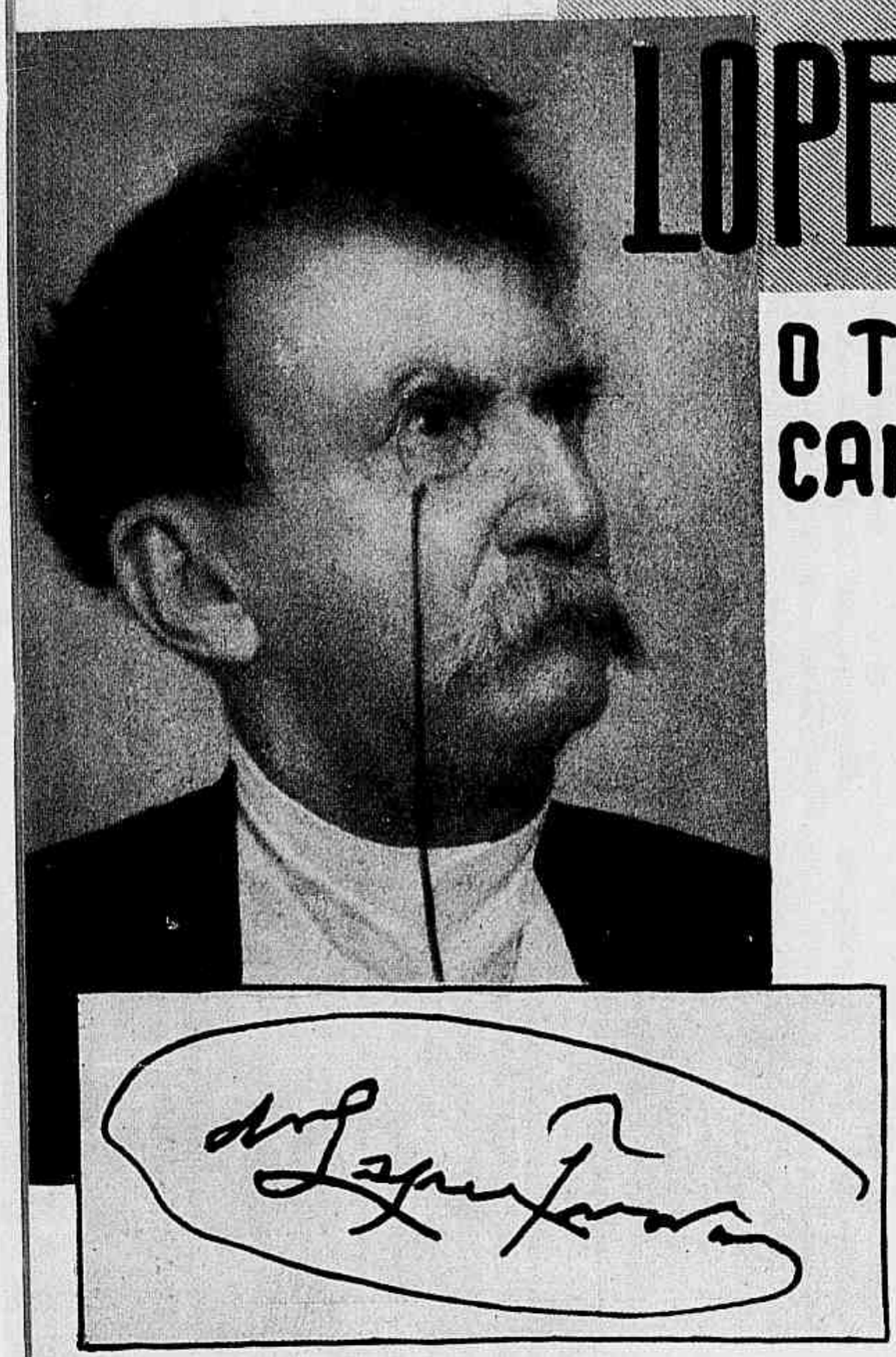
Uma hora viveramos com Coelho Lisboa naquella tarde, atravez seus documentos — a verdadeira historia da Republica — e a amabilidade captivante de D. Luzia Coelho Lisbôa, uma senhora que encanta pelo paradoxo dos seus cabellos brancos e a mocidade do seu espirito. Ouvil-a é um prazer sem par; uma emoção que fica na nossa alma; uma physiomnomia que a gente não esquece mais.

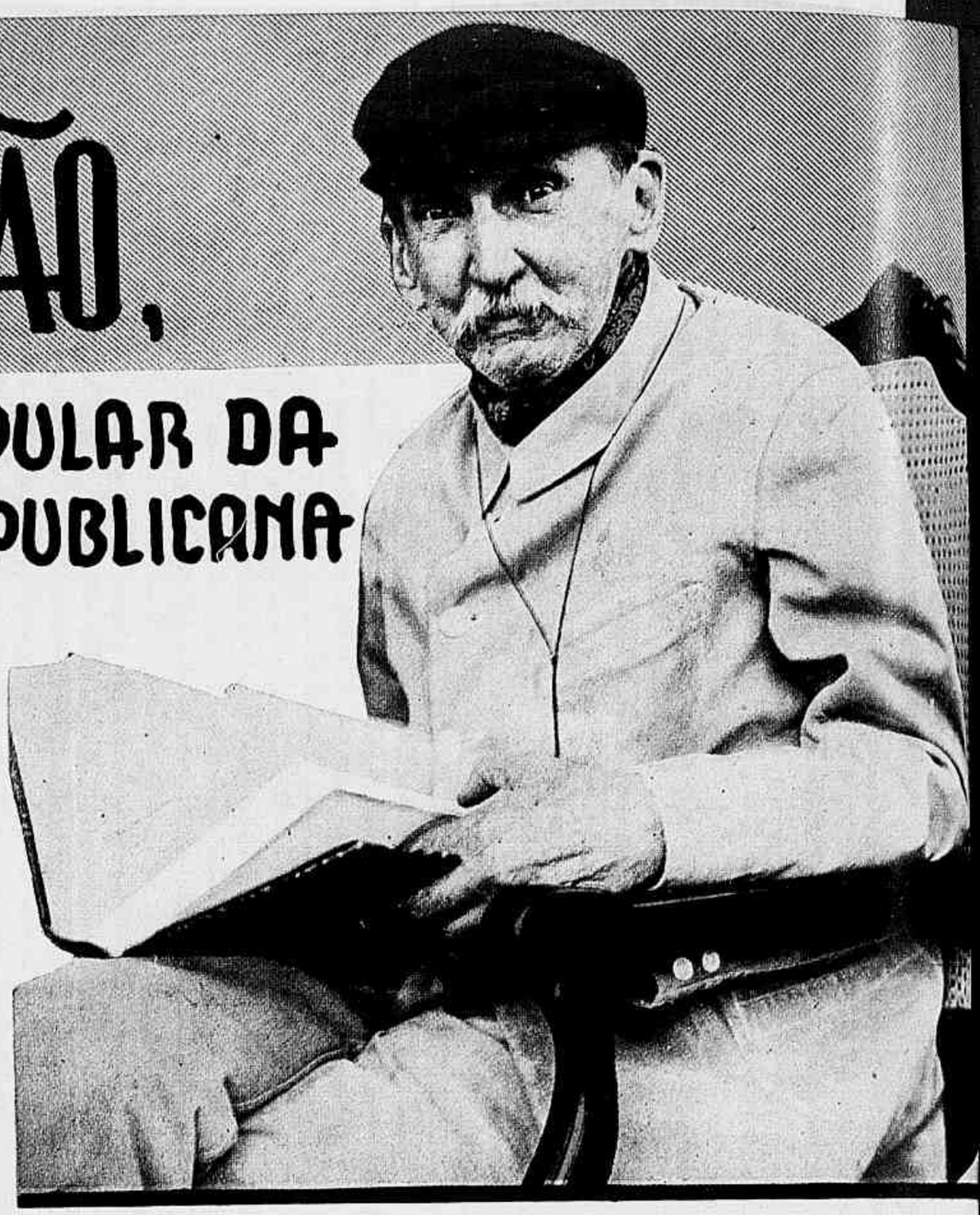
Tinha de ser victorioso, como foi, o homem cuja vida se illuminou á luz dos olhos de tão linda, tão attrahente, tão irresistivel inspiradora!

Barros Vidal examinando, na residencia da familia Coelho Lisboa, a farta documentação por elle deixada sobre a sua actuação na propaganda republicana.

LOPES TROVÃO,

O TRIBUNO POPULAR DA CAMPANHA REPUBLICANA



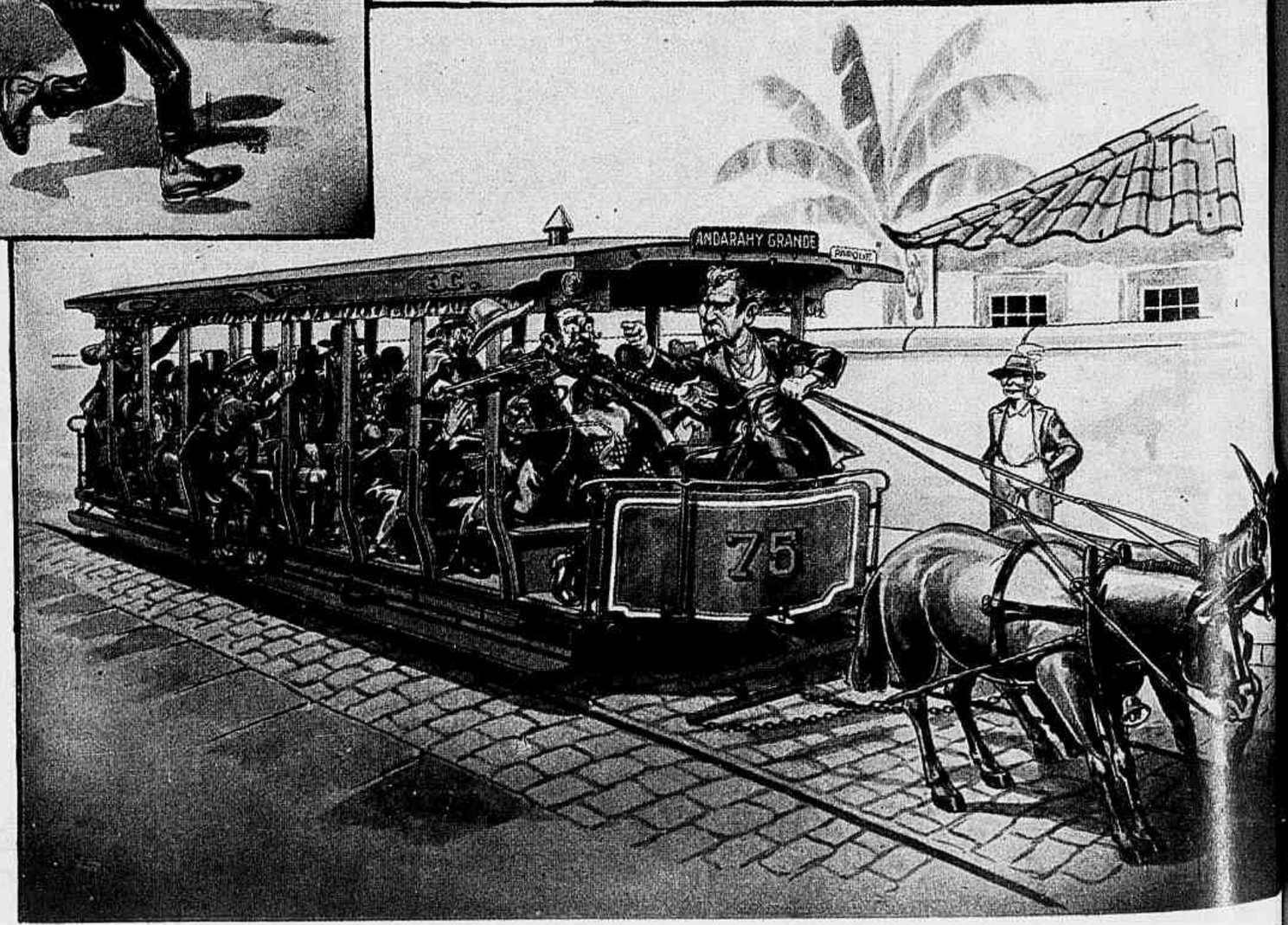


Um dos ultimos retratos do grande propagandista da Abolição e da Republica.

De todos os esquecimentos que tem havido, em torno das figuras de projecção do movimento de 89, o mais clamoroso, sem duvida, é o votado á memoria de Lopes Trovão, justamente a figura mais popular de todas, popular pelas imposições do sector em que exerceu a sua actividade na campanha. Foi elle o porta-vóz dos anceios populares; elle foi a alma das ruas, o agitador das massas, o conductor das multidões, nas longas passeatas pelas ruas e nos comicios arriscados nos quaes não poucas vezes a sua vida esteve em perigo. Lopes Trovão, cuja caricatura é em si um elemento de irresistivel popularidade, é um perfil que não se apaga facilmente, pois a sua actuação na propaganda republicana foi demais aberta ás claridades da Vida. Elle e Silva Jardim foram as vozes mais audaciosas e convictas que se levantaram para gritar pela Republica. Foram elles as ondas mais altas desse oceano immenso e impetuoso da propaganda republicana que se arremessaram contra o rochedo da Monarchia. E — bem curisoso, sem duvida — Lopes Trovão, o lutador impavido e arrebatador era de uma formação sentimental muito delicada. A irreverencia dos caricaturistas devassou-lhe a alma ingenua e bôa e multiplicou-lhe o perfil, tal apparece nesta pagina , em "charges" originalissimas e verdadeiras, mostrando-o como elle era accessivel á dôr alheia e até aos soffrimentos dos animaes. Não poucas vezes, nos bondes — naquelle tempo puxados a burros — elle os fazia parar e arrancava as redeas das mãos dos cocheiros, ante os maltratos impostos áquelles por estes. E no **tilbury** em que viajava fazia o mesmo.

Rasgos de generosidade elle os exibia todos os dias e, se era forte nas lutas em que se empenhava, era um fraco ante os panoramas da amargura dos homens e dos animaes. Foi um bom e a despeito das extravagancias de sua indumentaria, escandalosa e inconfundivel na sua época, foi um simples. A historia de sua participação na campanha republicana é extensa e illuminada pelo mais puro idealismo. Em torno della é inexgottavel o anecdotario, mas inexgottaveis tambem as narrações que lhe pintam a vivacidade da palavra facil, os arroubos electrizantes da eloquencia, a sinceridade dos seus sentimentos republicanos e acima de tudo o seu profundo desinteresse. Lopes Trovão foi, sem duvida, o arauto da ideologia nova; foi a incarnação da alma do povo na campanha que culminou com o 15 de Novembro, a clarinada que ainda se ouve hoje, cincoenta annos depois!

JOÃO GUALBERTO.



Duas "charges" de Loureiro, mostrando como Lopes Trovão defendia os animaes.

ASSIM como os triumphos suscitavam aos povos antigos canticos commemorativos, a Proclamação da Republica Brasileira suggeriu a ideia de um novo hymno patrio.

O enthusiasmo pela mudança do regimen era tão intenso que fazia esquecer o Hymno vibrante que Francisco Manoel da Silva escrevera em 1831 para celebrar a Abdicação de D. Pedro I, o mesmo que servira para festejar a coroação de D. Pedro II e que sagrára a nossa victoria no Paraguay.

Essa musica enthusiastica era o **Hymno Brasileiro**, tocado em todas as festas e commemorações. Os proprios ideaes republicanos já vinham sendo cantados desde o Imperio nos versos do poeta Medeiros e Albuquerque, com o Hymno composto pelo sr. Ernesto Fernandes de Souza, pae do sr. Gastão Penalva. Esse foi realmente o primeiro hymno republicano.

O sr. Ernesto de Souza, que fôra premiado em Outubro de 1888, no concurso promovido pela Columna Official do Partido Republicano, sob a direcção do dr. Silva Jardim, desistira do premio.

Mas o seu hymno teria sido cantado com os versos de Medeiros e Albuquerque nos primeiros dias da Republica, recebendo ataques da critica de Rodrigues Barbosa, que pleiteava a escolha de um novo hymno por meio de um concurso official.

"LIBERDADE! abre as asas sobre nós"

DE MARIZA LIRA

O busto de Leopoldo Miguez e o hymno que elle compoz

Conservou-se a poesia de Medeiros e Albuquerque apenas modificada num verso, sendo aberto concurso para a musica do novo Hymno Nacional, pelo ministro da Justiça, cidadão Aristides Lobo.

Inscreveram-se 29 concorrentes, entre os quaes figuravam os melhores musicos do Brasil, assim como simples compositores populares. Todos almejavam a mesma gloria — subscrever o Hymno Nacional dos Estados Unidos do Brasil. Essa decisão, porém, não representava o sentir geral.

Interpretando a vontade do povo, uma voz autorizada levantou-se e pela imprensa appellou para o Proclamador.

Oscar Guanabarino, n'**O Paiz** de 4 de Janeiro de 1890, depois de judiciosas ponderações, assim terminava o seu artigo intitulado — **O Novo Hymno:**

...«Que se conserve o Hymno Nacional Brasileiro é o nosso desejo e talvez da maioria dos republicanos. A constituinte poderá decidir sobre o caso e, se a sua sabedoria e patriotismo indicam a necessidade de substituição, que seja dado ao povo um hymno que venha sem pretenções ridiculas dos fabricantes de musicas de dansa. Mas si a nossa opinião não puder annullar o concurso estabelecido pedimos, ao menos, que nas instrucções enviadas á commissão julgadora que deve ser nomeada seja declarado que, se não houver entre os concorrentes trabalho digno de uma nação adiantada, nem por isso é obrigada a commissão a escolher a composição menos ruim, podendo deixar de classificar todos os trabalhos apresentados, si todos estiverem longe de satisfazerem seus fins. O novo, se for adoptado algum, deve ser o Hymno da Republica, mas o antigo deve ser e será o Hymno Nacional Brasileiro.

Appellamos para o Chefe do Governo Provisorio, a quem perguntamos: — Marechal, nos campos do Paraguay, quando á frente das columnas inimigas a vossa espada conquistava os louros da victoria e as bandas militares executavam o Hymno Nacional, qual era a idéa, o nome que acudia á vossa mente no instante indescriptivel do enthusiasmo— Patria ou Imperador?

Decidi, portanto, digno cidadão de accordo com a resposta da vossa consciencia.— Oscar Guanabarino.»

Esse artigo impressionou o velho Marechal e nesse mesmo dia o Gabinete do Governo indagou da Sala da Imprensa si estava presente o autor.

Guanabarino que lá estava no momento teve ordem de se apresentar ao Marechal Deodoro, o que fez desassombradamente.

Mal se defrontaram, disse-lhe bruscamente o Marechal:

— «Li o seu artigo e estou de pleno accordo».

Guanabarino triumphara.

A 15 de Janeiro de 1890 ficou resolvido que a magnifica composição de Francisco Manoel continuaria a ser o Hymno Nacional e a Republica seria glorificada com o que melhor traduzisse o sentir brasileiro do momento.

No dia seguinte appareceram n'**O Paiz** uns versos, que bem expressavam a alegria despertada pela conquista de Guanabarino.

Intitulavam-se «Apáras» e eram assignadas por — Tezoura — pseudonymo de um jornalista conhecido — Augusto Fabregas:

Quando uma idéa é sensata
Vence mais tarde ou mais cedo
A's vezes caminha a medo,
Porém triumpha, afinal.
Volta o velho Hymno acclamado
Esse canto do passado
Que era o Hymno Nacional.

.....

Ora, pois, isto consola,
Tanto trato dado á bola
Tanta gente a fazer hymno.
E, afinal, bemdita rolha
Quem venceu, fóra da escolha.
Foi o Oscar Guanabarino.

Mas o concurso continuou, já agora para que fosse escolhido o Hymno da Proclamação da Republica. Das 29 composições só 4 apresentavam os attributos exigidos. Subscreviam-n'as Francisco Braga, J. Queiroz, Alberto Nepomuceno e Leopoldo Miguez. A escolha final foi realizada solemnemente a 20 de Janeiro de 1890, no antigo Theatro D. Pedro II, que se ficou chamando Theatro Lyrico.

A' 1 hora da tarde chegava ao Theatro o Marechal Deodoro acompanhado pela sua Casa Civil e Militar: dr. Fonseca Hermes e o major Hermes da Fonseca; ajudante de ordens major Olympio da Fonseca, capitão-tenente Gonçalves Leite e o 1°. tenente Lybenio Lins.

Depois das continencias devidas, prestadas por uma força do Regimento de Policia desta Capital, o Chefe do Governo Provisorio dirigiu-se ao camarote de honra, onde o aguardavam os Ministros do Interior, da Justiça, da Guerra e da Agricultura.

O theatro estava completamente cheio.

No palco tendo ao fundo um vistoso trophéo de bandeiras de diversos paizes, armara-se um estrado para a numerosa banda regida pelo maestro Carlos de Mesquita. A commissão julgadora compunha-se dos srs.: Alfredo Bevilacqua, Frederico Nascimento, Carlos de Mesquita, Paulo Porto Alegre e Miguel Cardoso. O programma determinava que as composições seriam executadas na seguinte ordem: I — Francisco Braga; II — J. de Queiroz; III — Alberto Nepomuceno; IV — Leopoldo Miguez.

A primeira, dizem os chronistas da epoca, feita com acompanhamento de côro para vozes masculinas, agradou immensamente, sendo até bisada.

Mas, durante o intervallo de vinte minutos, as opiniões ficaram divididas.

A' segunda, de J. de Queiroz, supprimiram-se os córos e muitos acharam a musica «sombria e melancolica com instrumentação lugubre.»

Não foi bem recebida pelo publico.

A terceira, de Alberto Nepomuceno, máo grado não tivesse colorido nem viveza e só encerrasse no seu todo «duas» phrases muito bem feitas», foi prejudicada pela suppressão dos córos.

A ultima, assignada pelo maestro Leopoldo Miguez, começa a phrase inicial com uns compassos da Marselheza, de Rouget de Lisle.

A execução despertou grande enthusiasmo na platéa que o acclamou intensamente.

Terminada a audição, o Chefe do Governo Provisorio, ao retirar-se para a sala contigua ao camarote, teria dito a phrase historica — **Prefiro o velho.**

Ahi aguardou o Marechal Deodoro o resultado da commissão julgadora, que escolheu por unanimidade de votos o Hymno de Leopoldo Miguez.

Acto continuo foi assignado pelo Chefe do Governo e o Ministerio, o Decreto n. 171, de 20 de Janeiro de 1890:

«Conserva o Hymno Nacional e adopta o da Proclamação da Republica.

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação decreta:

Art. I — E' conservada como Hymno Nacional a composição musical do Maestro Francisco Manoel da Silva.

Art. II — E' adoptado sob o titulo de Hymno da Proclamação da Republica a composição musical do Maestro Leopoldo Miguez, baseado na poesia do cidadão José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque.

Sala das Sessões do Governo Provisorio — 20 de Janeiro de 1890, 2°. da Republica — Manoel Deodoro da Fonseca — Aristides da Silveira Lobo — Manoel Ferraz de Campos Salles — Benjamim Constant Botelho de Magalhães, Demetrio Nunes Ribeiro».

Voltaram todos para o camarote de honra, lendo o Ministro da Justiça, em voz alta, o Decreto.

O povo ouviu-o de pé, acclamando prolongadamente a resolução.

Foi então executado o Hymno da Proclamação da Republica, sob calorosos applausos.

Mal terminara a musica, o povo, em altas vozes unisonas, vibrando exigiu em delirio o Hymno Nacional.

A peça magistral de Francisco Manoel foi executada com enthusiasmo.

Applausos, vivas, **hurrahs** em frenetico delirio ovacionavam a admiravel e patriotica inspiração de Francisco Manoel.

O Proclamador da Republica deixou-se contaminar pela emoção do povo.

O cantor do Hymno da Proclamação da Republica não era um nome vulgar.

Leopoldo Miguez, o maestro victorioso, foi um dos mais notaveis musicistas brasileiros. Compositor admiravel de poemas symphonicos de alto valor artistico, o autor de **Parisina, Prometeu, Ave libertas** e tantas obras de grande estylo, era um caracter purissimo.

A' noticia que o Governo Provisorio resolvera premial-o com vinte contos de reis, envidou todos os esforços para abreviar a decisão e sem mesmo chegar a receber a quantia, empregou-a na compra de um grande orgam para o Instituto Nacional de Musica de onde era Director.

Esse acto, digno de uma intensa admiração, veio se juntar á gloria de ter cantado harmoniosamente os versos de Medeiros e Albuquerque, que tão bem expressam o sentir da alma brasileira:

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós.
Das lutas nas tempestades
Dá que ouçamos tua voz.

LIMITADO pelo Estado do Amazonas, pela Bolivia e pelo Perú, o territorio do Acre é terra nossa a preço de dous milhões de libras esterlinas. Após lutas e litigio recebeu-as em compensação a Bolivia, dando-nos o Acre o tratado de Petropolis de 1903 subscripto por nossa parte pelo segundo Rio Branco. Para conversações diplomaticas e firmar de acto definitivo o negociador encontrou na sua Secretaria de Estado iniciativa, esforços, preliminares de antecessor, Olyntho de Magalhães, ministro das Relações Exteriores na presidencia Campos Salles.

A principio o Acre foi dividido em cinco municipios: Rio Branco, Xapuri, Seabra, Cruzeiro do Sul e Senna Madureira. Quatro cidades de taes municipios perderam antigos nomes: Rio Branco, o de Volta da Empreza, Xapuri o boliviano de Mariscal Sucre, Seabra antes Fóz do Muru, Cruzeiro do Sul de inicio Centro Brasileiro.

Só uma cidade séde de municipio conheceu nome novo em folha, o de Senna Madureira, tal cidade promovida a capital do Alto Purús, fundada pelo prefeito general Siqueira de Menezes.

Por que Senna Madureira? Para explical-o deixemos o caminho estreito da Corographia, enveredemos pela estrada larga da Historia Patria. Acolhe toda qualidade de homens, toda especie de successos para o juizo diuturno da posteridade, ratificadora de benemerencias ou de condemnações no processo sem prazos dos seculos.

Nos fastos da guerra do Paraguay, na paz do Imperio, em acontecimentos pouco anteriores á queda d'aquelle regimen, figura Antonio de Senna Madureira, em diversidade de acções e de attitudes.

Reclamem a carreira das armas e a litteraria a personalidade de Senna Madureira, naquella elle escriptor technico, nesta autor fluente num livro de viagem consignando impressões, hoje materia para interessantes e não raro dolorosas comparações, certa parte da humanidade actual tão infesta á civilisação. Em Historia quem não compara dispara. D'ahi tantos juizos temerarios injustos, quando não comicos.

Dedicou-se Senna Madureira a escriptos militares de repercussão na sua epoca. Assim a contestação aos conceitos em nosso desfavor de Jorge Thompson, em obra sobre a guerra do Paraguay, annotada por argentinos. Dous estudos, um de 1874, outro de 1876, consagrou Senna Madureira á analyse da organização militar de grandes potencias européas e do Brasil, E'-lhes attribuido resumo historico das operações do commando Caxias no Paraguay, resumo acobertado pelo pseudonymo latinizado de Brasilicas. Com o de Marius subscreveu Senna Madureira **Notas de Viagem De Um Brazileiro Na Europa**, livro impresso nitidamente em Londres. A Alfredo de M... (nome a identificar entre amigos do autor) o viajante brasileiro dedicou obra formada por cartas dirigidas áquelle amigo do Brasil e colleccionadas «na monotona e fria Londres», por quem pela terceira vez se ausentava da patria. Accrescentava o autor que as missivas «escriptas ao correr da penna, ás impressões primeiras, não podiam guardar unidade e belleza de estylo», reconhecido, porem, nas cartas e no livro **O merito unico da verdade**. A obra technica e litteraria dispersa ou desapparecida de Senna Madureira merece reimpressão para estudo e avaliar de um homem e de uma epoca de vida nossa e européa.

O anno de 1840 é apontado como o do nascimento de Antonio de Senna Madureira em Valença, cidade bahiana e terra de illustres. Votando-se á carreira militar, no exercito, Senna Madureira n'elle se distinguiria por estudos, serviços de intelligencia na paz e outros de bravura, estes quando estalou a guerra do Paraguay meditada no orgulho de Lopez, para dar uma lição ao colosso, phrase d'elle. Não é mister aqui nomear o colosso, é só procural-o na Historia entre sacrificios nossos de toda ordem, do sangue ao nervo da guerra.

Na luta contra Lopez mostrou-se Senna Madureira o destemor personificado. Provou-o nas avançadas de Tuyuty, na linha mortifera que embora clara dia e noite fôra cognominada de Linha Negra pelas muitas vidas nossas que supprimia ou ameaçava de continuo.

Dionisio Cerqueira pintou Senna Madureira numa trincheirinha da Linha Negra. Subindo ao parapeito ahi incontinenti o saudou chuveiro de balas inimigas. O intrepido tomando uma corneta atirou-lhes este desafio: Olá, paraguayos, ouçam como berra a mulher do Lopez. Ia tocar, o som não sahio, uma bala na testa atirou Senna Madureira a fio comprido no terrapleno. Correram todos, o ferido recobrando logo sentidos sorrio e disse: «Não foi ainda desta vez».

Esta e outras assignaladas acções de guerra explicam a presença, entre outros symbolos militares, de condecorações figuradas sobre o expressivo tumulo de Senna Madureira no cemiterio de S. Francisco Xavier. Ergueu-o subscripção publica pouco após a morte do bravo official, a 28 de Janeiro de 1889, na sepultura tambem de repouso a sua consorte D. Constança de Mariz e Barros Madureira.

Mas da impassibilidade da mórte volvamos aos reboliços da vida para em Junho de 1873 dizer Senna Madureira em Pariz, cidade no momento cruciada por sitio na guerra franco-prussiana e como se não bastasse, dôr sobre dôr, flagellada pelos desvarios da Communa. A soberba despenha as nações, a desgraça as purifica.

Senna Madureira avaliou quanto os communistas de 1871, entre fogo de armas e de incendios, haviam devastado Pariz. Mas a França reproduz na civilisação a fabula de Anteu, sem Hercules capaz de suffocal-a no estreitar de braços. Basta á França, nos instantes de perigo ou de momentaneo sossobro, tocar o seu solo sagrado para recuperar forças como Anteu as recebia mal tocava a Terra de quem era filho.

Senna Madureira presenciou Pariz se refazendo das destruições da guerra e da Communa, tanto reerguendo a sua Columna Vendôme como construindo a sua Grande Opera.

Não só na ordem material do mal das lutas convalescia Pariz com a França, na ordem politica e social a capital e o paiz se refaziam.

Foi dado a Senna Madureira assistir á sessão da Assembléa Nacional no palacio de Versalhes. Do alto de galeria o brasileiro vio Thiers entrar no recinto em busca de sua cadeira de deputado. Appareceu-lhe o Libertador «um velho corpulento. (Thiers nascera em

Tenente coronel Antonio de Senna Madureira. Valença (Bahia) 1840 — Rio de Janeiro.

1797), baixo de estatura, barba raspada, cabeça nivea, olhos vivos e penetrantes, encobertos por lunetas, vermelho e sadio. Um sorriso fino e malicioso franzia-lhe sempre os labios finos e contrahidos.»

Após Thiers, Gambetta. Vio-o Senna Madureira subir á tribuna, entre murmurios e olhares hostis de adversarios, applaudido por correligionarios. O orador esperou calma geral para discursar, estabelecido «silencio profundo na multidão de 700 deputados vestidos de negro, traje de ceremonia e de rigor na Assembléa».

A oração de Gambetta terminou entre salvas de palmas de partidarios e imprecações de adversos, notadamente bonapartistas, já nesse amanhã do ostracismo de espera paciente a todas as ambições humanas.

Sahindo de França, a percorrer pontos principaes da Suissa, Senna Madureira em Zurich tomou caminho de Vienna, alcançada a 1.º de Agosto de 1873, passando pela Baviera.

Admirando e censurando o viajante nosso conheceu Vienna ao tempo da Exposição Universal. Outras nações procuravam desacredital-a até com boatos mentirosos. Reconhecendo as bellezas de Vienna, o viajante apontava-lhe o desasseio no máo serviço de esgotos. Segundo Senna Madureira á vista do viennense o systema de esgotos do Rio de Janeiro era «uma perfeição» Aviso aos que desdenham comparar.

Que secção da Exposição de Vienna attrahiria attenção de Senna Madureira? A militar, está visto. Passado elle a Berlim, visitando a fabrica Krupp, seus olhos de vêr iam tambem a scenas militares, uma a parada de tres mil homens, em Potsdam, em honra do rei da Italia, Victor Emmanuel II. Para bem receber hospede o imperador Guilherme poz-se á testa da parada, emquanto o monarcha de alem Alpes seguia as evoluções das forças com interesse do soldado.

«Uma hora depois — consignou Senna Madureira — desfilavão as tropas por diante do heroe de Palestro, vestido de uma simples blusa militar, a «Aguia Negra» da Prussia a tiracollo.» Tendo pintado Thiers, physicamente, Senna Madureira evocou Victor Emmanuel dizendo-o de «enormes bigodes e pêra côr de azeviche, falsa ou verdadeira, pescoço de touro, nu, compleição herculea, olhos vivos e penetrantes, physionomia aberta e intelligente, agradavel no conjuncto, bem que irregular nos detalhes.»

Em Outubro de 1873 regressava Senna Madureira a Pariz repovoado pela sociedade elegante no verão nas cidades balnearias, nos castellos de provincia ahi entregue ás caçadas de não pouca despeza.

Em 1863 Senna Madureira iniciava vida de viajante em Bruxellas. Revio-a com prazer decennio depois. Visitadas Liége e Antuerpia, no dia de Todos os Santos de 1873 achava-se Senna Madureira em Pariz. Em dia tão em massa de bemaventurados a memoria o conduzio ás saudades. Levou-o á Bahia, a Valença, residencia de sua familia, cidade aquella na qual Todos os Santos era festa grande.

«No torrão de sua meninice» as longas festas de igreja haviam sido para Senna Madureira «o prazer mais delicado e exquisito», o que no homem feito confessava o menino da cidade sul bahiana á margem do Una.

Lembrava-a ao passar por Pariz, este de attenção voltada para o processo do marechal Bazaine. Sem innocental-o, julgava Senna Madureira tal processo mostra de «erro politico deploravel por parte do governo da Republica Franceza. Será justo — dizia — tornar um só chefe responsavel pelos desastres de todo o paiz, pelos erros dos que governavão, e queriam a resistencia a todo transe»?

Senna Madureira testemunhou a sessão do processo Bazaine na qual o presidente do tribunal, o duque d'Aumale, filho segundo de Luiz Felippe, procedeu ao interrogatorio de Bazaine, arrebatadoramente defendido por Lachand, cuja eloquencia movendo juizes e auditorio não tirava Bazaine da impassibilidade.

Transcorrido inverno em Pariz, em Abril de 1871, Senna Madureira visitava Londres. «Conhecer Londres e seus mysterios — para tanto seria mistér annos de vida», observava Senna Madureira. Chegava á capital da Grã bretanha em plena **season**, ao receber aquella com honras de principe de sangue, para tumulo em Westminster, os restos mortaes de Livingstone, o devassador da Africa central e austral.

Fugindo do calor suffocante em Londres, ia Senna Madureira se refugiar em Brighton, praia balnearia lavada pelas ondas do Mar da Mancha. Presenciaria o Grande Derby de Epsom, em dia no qual para vencer quinze milhas de separação entre Londres e Epsom qualquer vehiculo servia, gente fina em carroças de pão, de legumes, de carvão, 800.000 espectadores agglomerados mo Derby epsoniano.

Apoz curta estadia em Pariz tornava Senna Madureira a Londres, não mais sob o habitual manto de carvão de pedra. O inverno substituira-o pelo manto da neve alvinitando ruas, parques, **squares**, tectos de casas, grades de jardins, cimo de muros.

Declarava-se Senna Madureira incapaz de ficar vinte e quatro horas consecutivas em aposento aquecido, só a enfermidade o condemnando a tal reclusão. «Faltar-me-hia ar para respirar á vontade, movimento, diversidade de vista, a vida em summa». Tudo bem de homem do tropico cheio de sól.

Lamentando o descaso pela celebração do pittoresco Natal brasileiro, Senna Madureira passava tal dia em Londres, toda a Inglaterra apegada ás tradições, ouvindo n'ella a voz de gerações passadas. Londres protestante festejava a noite do berço de Jesus na primeira de suas adorações, a dos pastores. Nas mesas da noite do Natal inglez não podia, nem pode faltar o **plum-pudding**.

Nota de Senna Madureira: «Troca de **puddings** estabelece-se então entre as casas amigas, e como não conheço uma só aqui, a minha **landlady** trocará o que faz por minha ordem e custa, por outro a si proprio destinado. Ficará, assim, salvo o preceito que tanto respeita-se nesta terra do **free** exchange; o bolo estrellado de passas.

No Natal londrino, só, não tendo a quem presentear, Senna Madureira percorria lojas de toda especie cheias de objectos para presentes, para os mais variados **best-wishes** de sexo a sexo, de idade a idade, de coração a coração.

Senna Madureira findava 1874 no aguardar regresso ao Brasil, a qualquer hora, por qualquer vapor sahido da Inglaterra para a America do Sul. Declarava bemvindas ordens de partida oriundas do seu Brasil, ancioso a esperava. Que força a do berço natal! Refere Chateaubriand, no **Genio do Christianismo**, que grumete inglez nascido em navio o considerava solo nativo. Mandal-o á terra era para elle horrivel castigo, em altos gritos escondia-se logo no porão. O grumete tinha por patria as taboas fluctuantes e só entre ellas o seu coração se ampliava. Que dizer de quantos nascem em terra firme esquecida de terremotos?

O ESCULPTOR do MONUMENTO da PROCLAMAÇÃO

Modestino Kanto falando ao nosso companheiro Barros Vidal. Em pé o collaborador do esculptor, Honorio Peçanha.

DOIS mezes antes da data historica de 15 de Novembro de 1889 nasceu o homem que viria a ser o esculptor do monumento destinado a perpetuar em bronze a proclamação da Republica. E agora, quando, entre tantas festas, se evoca o acontecimento significativo, do qual já cincoenta annos nos separam e o grande monumento é alvo de todas as celebrações, pois elle é bem o grande symbolo do movimento republicano, procuramos conversar com o artista que o realizou. Simplorio e amavel, Modestino Kanto nos recebeu no seu "studio", quasi escondido no "Lyceu de Artes e Officios". E' um recanto de religiosa tranquillidade. Por todos os lados "maquettes", bustos que começam a definir-se, caras ainda sem olhos, figuras muito nossas familiares já concluidas. Uma estante cheia de livros historicos, barro, gesso e metal — tudo que o artista precisa para imitar a lenda que diz que Deus fez os homens... Mas o tempo corre e o olhar não se cansa de admirar os detalhes do monumento imponente que ficou alli, em miniatura, desaggregado, separados os seus conjuntos, dispersos os seus motivos centraes. Todas aquellas figuras reconstituidas na Praça Paris, rodeam-nos no ambiente de paz que offerece o salão do esculptor, na tarde que morre. E Modestino começa a falar:

— Aberta a concorrencia para a construcção do monumento fui eu o ultimo a me inscrever. O presidente da Commissão, general Ilha Moreira, vendo que faltavam apenas dois mezes para o encerramento do prazo, achou que eu não teria tempo de preparar a minha "maquette". Metti mãos á obra, trabalhei sem cessar e na data estipulada apresentei o meu trabalho. Fui victorioso. Na concepção artistica que compuz interpretei fielmente o pensamento da commissão. Para o conseguir estudei o episodio historico nas suas minucias e nos seus detalhes todos. Com o meu esforçado collaborador Honorio Peçanha tracei um largo e audacioso plano não apenas para fazer uma obra dentro dos compromissos assumidos — mas para dar ao Rio de Janeiro o monumento, no genero, mais bonito do mundo E tenho para mim que o consegui. Como vê a estatua está em diagonal e de qualquer um dos quatro lados que se a aprecie avulta o que de mais grandioso ella pode offerecer: o perfil do cavallo gigantesco e sobre elle a figura garbosa do Proclamador. A sua posição é unica no mundo. Corri os olhos por photographias e gravuras de todas as estatuas equestres que ha sobre a Terra e nenhuma está construida nessa posição.

Ha uma pausa e o esculptor continua:

— Mas fazendo a obra gigantesca não me cingi a dar tudo que a minha inspiração podia me offerecer somente ao motivo central do monumento. Preoccupei-me com os detalhes e procurei reconstituir todas aquellas figuras historicas com a maior fidelidade.

Modestino Kanto desce, agora, a minucias:

— Será curioso o amigo ficar sabendo que no monumento estão oitocentas e cincoenta toneladas de granito sobre estructura de cimento armado. Só o cavallo, em bronze, pesa seis mil kilos. Foram gastas, no decorrer da confecção da obra, seis toneladas de gesso, quatorze de barro e treze de metal. E o custo total do monumento até a sua inauguração foi de setecentos e quarenta contos.

Agora, sorrindo, sportivamente e não como quem se lamenta mas como quem quer dar notas completas:

— ...Acabei a obra exactamente como a comecei...

Verdo a interrogação que se estampou no nosso olhar, concluiu:

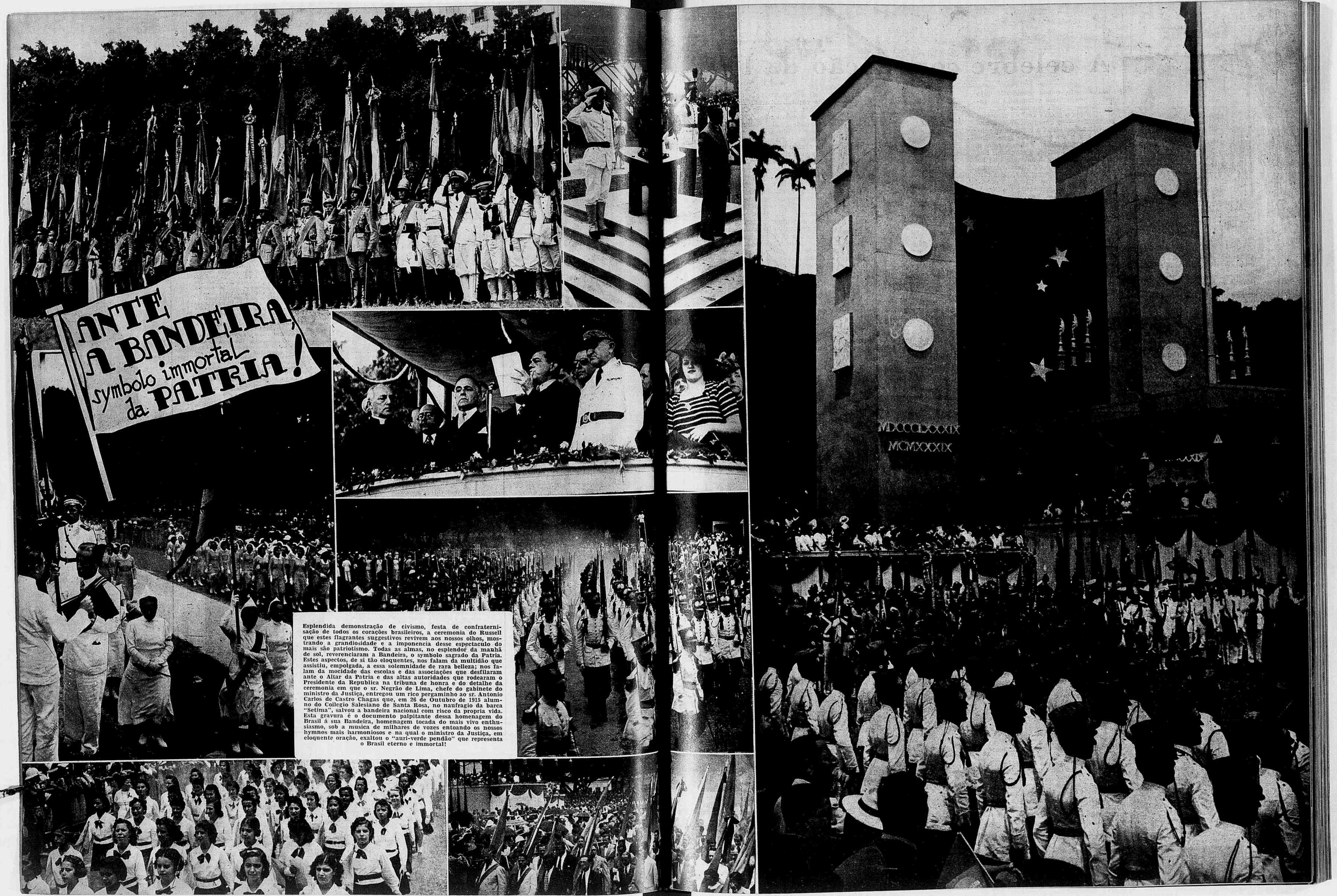
— Pobre...

Deixamos o esculptor, que neste momento trabalha a figura de Quintino Bocayuva, para entrar na concorrencia aberta para a construcção do seu monumento pensando na palavra com que elle concluiu a entrevista.

Pobre... realmente é para causar pasmo fazer uma obra tão grande, eterna, para continuar pobre... Mas gloria maior elle conquistou, ficando na Historia como o esculptor do monumento da Proclamação da Republica!

Modestino Kanto em pose especial para esta Revista.

Emmolduram esta pagina detalhes do grande monumento da Proclamação, a obra maxima do grande esculptor.



Esplendida demonstração de civismo, festa de confraternisação de todos os corações brasileiros, a ceremonia do Russell que estes flagrantes suggestivos revivem aos nossos olhos, mostrando a grandiosidade e a imponencia desse espectaculo do mais são patriotismo. Todas as almas, no esplendor da manhã de sol, reverenciaram a Bandeira, o symbolo sagrado da Patria. Estes aspectos, de si tão eloquentes, nos falam da multidão que assistiu, empolgada, a essa solemnidade de rara belleza; nos falam da mocidade das escolas e das associações que desfilaram ante o Altar da Patria e das altas autoridades que rodearam o Presidente da Republica na tribuna de honra e do detalhe da ceremonia em que o sr. Negrão de Lima, chefe do gabinete do ministro da Justiça, entregou um rico pergaminho ao sr. Antonio Carlos de Castro Chagas que, em 26 de Outubro de 1915 alumno do Collegio Salesiano de Santa Rosa, no naufragio da barca "Setima", salvou a bandeira nacional com risco da propria vida. Esta gravura é o documento palpitante dessa homenagem do Brasil á sua Bandeira, homenagem tocada do mais vivo enthusiasmo, sob a musica de milhares de vozes entoando os nossos hymnos mais harmoniosos e na qual o ministro da Justiça, em eloquente oração, exaltou o "auri-verde pendão" que representa o Brasil eterno e immortal!

A celebre convenção de ITU'

Carlos Vasconcellos de Almeida Prado, em cuja casa se realizou a Convenção de Itu'

Foi a 18 de Abril de 1873 que os republicanos paulistas realizaram a Convenção de Itú, razão pela qual a cidade seiscentista ficou famosa e seu nome ligado tão intimamente á historia da Republica. Cesario Motta, o homem que organizou a instrucção publica de S. Paulo e que participou desse grande movimento ideologico, assim descreve o palpitante acontecimento:

"Sahimos do Porto Feliz no dia 16 de abril. Chegamos á Itú ás 7 horas. As ruas estavam arborizadas, grande animação na cidade. A 17 o movimento era immenso. Os trolys succediam-se de momento a momento. Havia alegria geral. Uma ala de bambús e palmeiras estendia-se da rua do Commercio até á estação da estrada de ferro inaugurada nesse dia pelo presidente da provincia João Theodoro Xavier. No começo daquella rua um arco virente e simples era encimado por um anjo, com o distico: "Ao progresso Ituano".

Ao meio dia foi enorme o movimento. Carros transportando senhoras ricamente vestidas, desciam continuamente para o centro da cidade. Uma corrente continua de povo, ligava a cidade á estação da via ferrea. Esplendido era o panorama. Vasta archibancada, adornada com gosto. estava repleta de senhoras, lindamente trajadas, todas pertencentes a familias conceituadas revelando, nos seus trajes, muito luxo e gosto.

Pouco depois das duas horas, annunciou-se a aproximação do trem inaugural (que havia partido da estação da Luz, ás 7 e meia horas, chegando a Jundiahy ás 10 e a Itú ás 2 e meia horas) accorrendo o povo para a plataforma da estação. As senhoras levantaram-se, nas archibancadas. A ansiedade foi geral. O dr. Queiroz Telles ergueu vivas calorosamente correspondidos. A composição, que constava de sete vagões embandeirados, encostou á plataforma no meio de geraes e enthusiasticas acclamações. O padre Miguel Corrêa procedeu á bençam da estação. Havia alli armada uma tribuna para a qual subiu o dr. José Elias Pacheco, presidente da Companhia Itúana. Em phrases entrecortadas de emoção, fez vêr as difficuldades que teve de enfrentar, as lutas que travou, as esperanças que nutria e o apoio que encontrou da parte dos accionistas e dos companheiros de directoria, aos quaes saudava.

Seguiram-se com a palavra o desembargador Gavião (deve ser Gavião Peixoto) em nome da Companhia Paulista, e o dr. João Gabriel de Moraes Navarro, que felicitou o dr. José Elias. Appareceu, então, o dr. Candido Barata que, em um dois mais bellos discursos que tenho ouvido, saudou a Companhia e, especialmente, o seu presidente cujo nome pediu fosse estampado na face da posteridade em letras de ouro.

"Um dia o povo é rei" — começou o orador — e demonstrou que naquella solennidade a verdadeira realeza era a do povo. Foi freneticamente applaudido. Falou ainda o conselheiro Martim Francisco. Em seguida passámos á sala em que se achava preparado o "lunch". A mesa, profusamente servida, tinha a forma de X ou cruz grega. No centro, havia uma locomotiva de flôres, carregando frutas. Era obra delicadissima de mãos femininas.

O presidente da Provincia — dr. João Theodoro, o dr. José Elias e outros foram saudados.

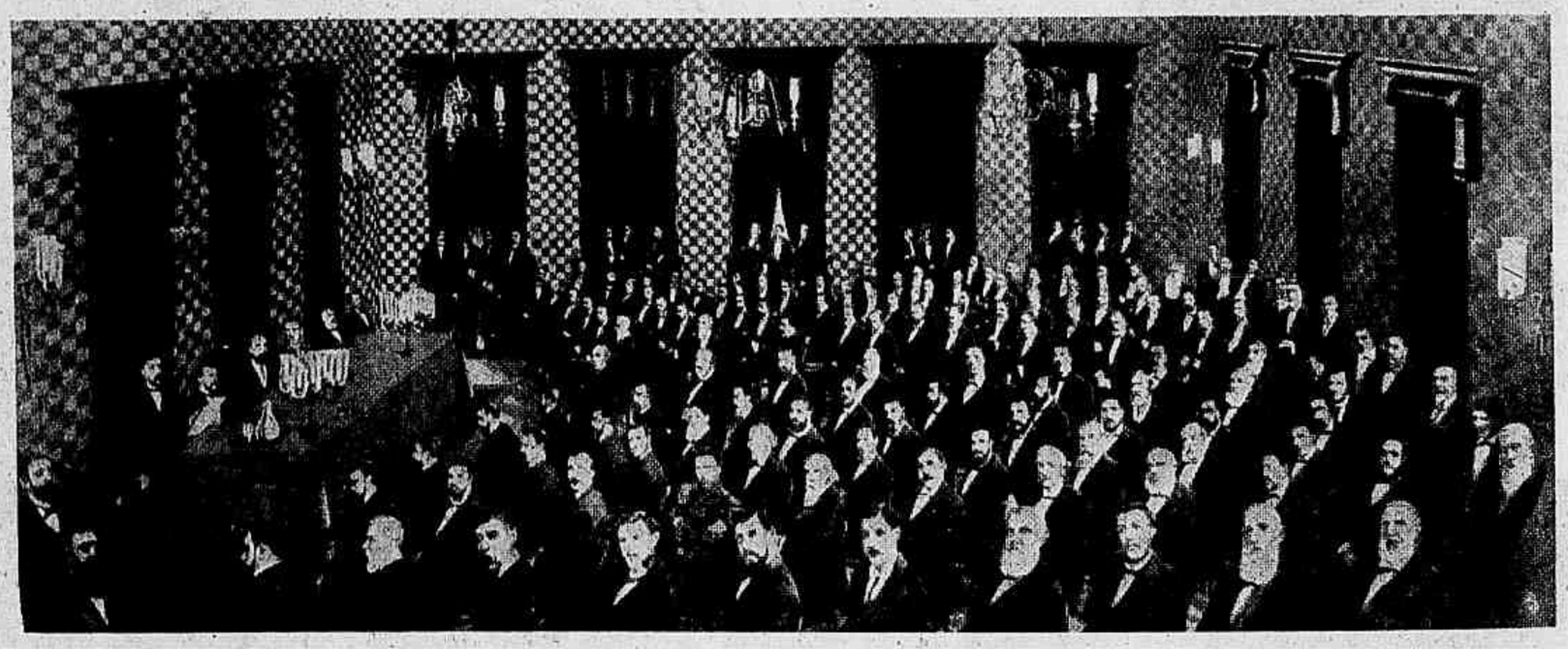
Em uma das extremidades da mesa estavam Americo de Campos, Ubaldino do Amaral, Quirino dos Santos, Antonio Cintra, etc.

O que se deu de mais notavel foi o seguinte: Martim Francisco Filho, saudou a iniciativa dos ituanos que provaram, na realização deste commettimento, não mais precisar o povo da tutela do governo. João Gabriel, tomando talvez este brinde como attentorio da dignidade do presidente da Provincia, saudou o principio da autoridade, encarnado na pessôa do dr. João Theodoro, principio necessario á manutenção da ordem, indispensavel ao progresso. Dahi parece ter nascido a reacção: fizeram-se saudações aos mais energicos democratas, terminando com um brinde á Republica Federativa.

Á noite houve illuminação, musica no largo da Matriz, discursos no coreto alli erguido: espectaculo dramatico pela Companhia Joaquim Augusto. Foi levada á scena "A Morgadinha de Val Flôr, fazendo a parte de "Morgadinha", a actriz Julia de Azevedo e a de "Luis Fernandes", o Dias Braga. O João Eloy representou em scena comica "O beberrão".

Na tarde de 18 houve "Te Deum" orando frei Eugenio Rumilly. Grande concorrencia de povo. Á tarde deu-se a reunião republicana".

Fachada da casa onde se realizou a Convenção de Itú.



Os republicanos paulistas reunidos em Itú, na casa do convencional Carlos de Vasconcellos Almeida Prado, casa em que hoje está installado o museu republicano "Convenção de Itú".

DETALHES CURIOSOS

É ainda Cesario Motta quem escreve:

"Grande foi o numero de municipios representados. Joaquim Roberto propoz para presidente o cidadão Tibiriçá. Este, a seu turno indicou o dr. Americo Brasiliense. Tomando Tibiriçá a presidencia, convidou para secretario o dr. Americo, que expoz os motivos da reunião, que consistiam na discussão das bases para a organização do Partido Republicano Paulista. Resumiram-se no seguinte:

Cada municipio enviará um deputado á assembléa constituinte, que deverá reunir-se em São Paulo. O objectivo da assembléa seria elaborar o projecto da Constituição Politica e as leis organicas do Partido. No intervallo de suas reuniões uma commissão permanente, por ella eleita, dirigirá o Partido. O dr. Americo Campos propoz e foi approvado que a assembléa se reunisse no dia 1 de julho. O dr. Quirino dos Santos indicou que o mandato durasse um anno; o dr. Ubaldino do Amaral, que fosse revogavel "ad-nutum" dos eleitores; o dr. A. Cintra, que os municipios déssem um numero de representantes proporcional á população. Essas idéas cahiram, falando além dos proponentes os drs. Jorge Miranda, Antonio de Paula Sousa, Americo Brasilense e Barata. Este fez accusações veementes contra os redactores do jornal "A Republica", do Rio.

Approvadas as bases travou-se discussão sobre a imprensa. Tratava-se de saber se bastava apoiar a da capital ou se deveria ser dada preferencia á da Côrte. Dividiram-se as opiniões, manifestando-se maior numero pela sustentação da da capital. Oraram Americo Brasiliense, Americo de Campos, Morae Barros, Antonio A. Fonseca, Joaquim de Paulo Sousa e outros. Não ficou resolvida a questão, não entrando, portanto, nas bases. Ao fim da sessão o cidadão Amelio C. Silva Braga recitou uma poesia patriotica. Á porta da casa da Convenção achava-se uma escrava, quasi branca, pedindo duzentos mil réis, para libertar-se. Quirino dos Santos, com palavras cheias de maior sentimentalismo, propoz que as pessôas presentes concorressem para aquella redempção. Todos contriburam. Á noite houve animada illuminação e bandas de musica percorreram as ruas.

No dia 19 houve festa literaria no Colegio dos Jesuitas e á noite foi queimado fogo de artificio no largo da Matriz. A chuva, porém, prejudicou o effeito dos fogos. No dia 20 realizou-se o jantar offerecido pelo Clube Republicano aos representantes dos outros districtos, sendo que muitos já se haviam ausentado. A casa escolhida foi a do cidadão Almeida Prado. Presidiu a festa o dr. Americo Brasiliense.

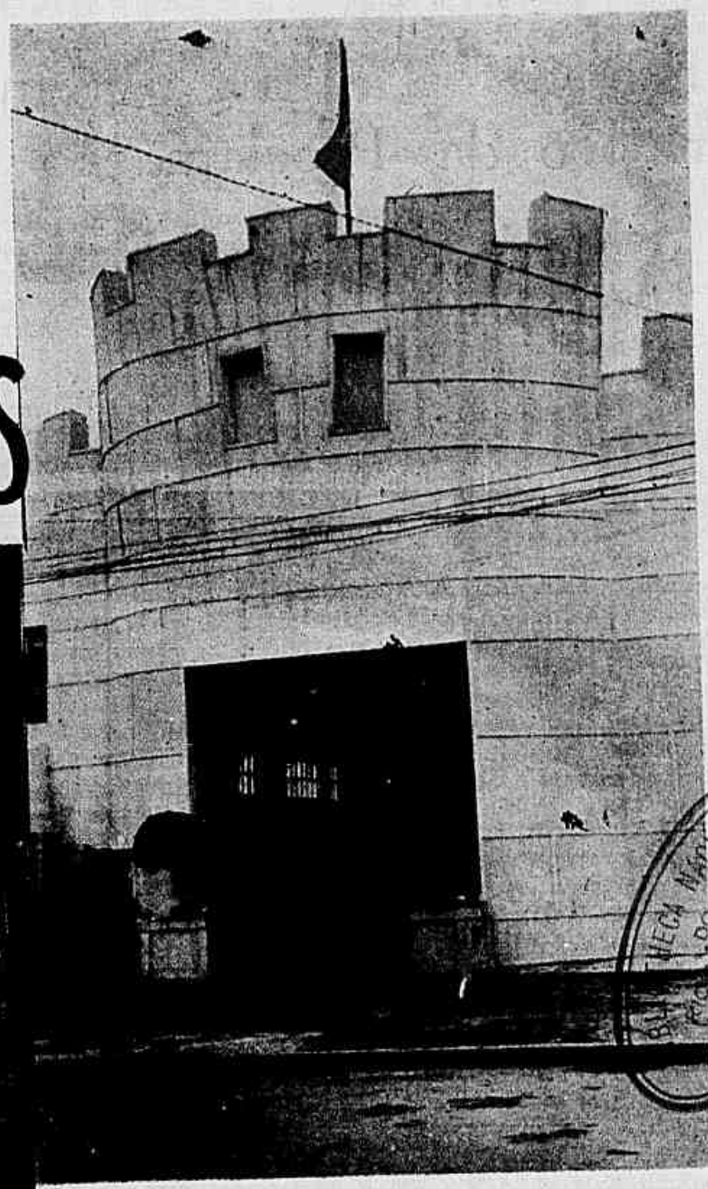
O primeiro brinde foi levantado pelo dr. João Tobias, em nome do Clube de Itú aos republicanos das diversas localidades alli reunidas.

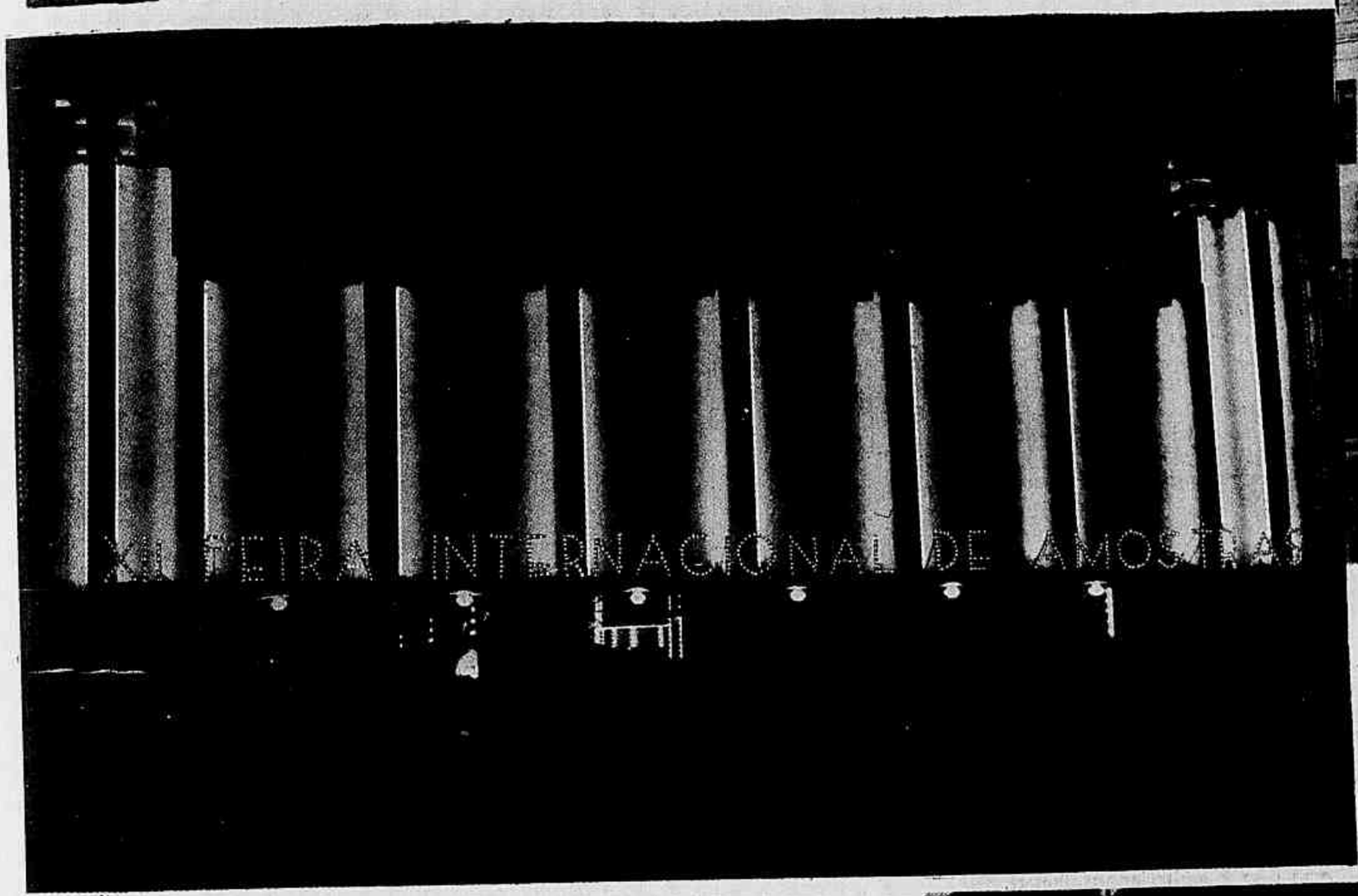
O dr. Quirino dos Santos saudou o Clube de Itú, agradecendo aquella manifestação de apreço. Eu fiz o mesmo em nome de Porto Feliz. O dr. Bernardino de Campos tambem agradeceu em nome de Amparo e o dr. Antonio Cintra, no de Mogy-Mirim. O dr. Quirino dos Santos em eloquentissimo discurso saudou o dr. Americo Brasiliense. João Tibiriçá saudou Saldanha Marinho. Houve ainda saudações á Academia de Direito Republicano e do representante desta aos ituanos, á imprensa campineira, á mulher republicana, á memoria do regente Feijó. Por fim Americo Brasiliense fez o brinde de honra á Republica Federativa. As palavras elevadas do orador provocaram calorosos applausos".

Nação Armada

O primeiro numero de "**Nação Armada**" que vem de surgir, victoriosamente, é uma demonstração clara e insophismavel da intelligencia e do **savoir-faire** dos seus dirigentes. Reunindo ao nome prestigioso de Affonso de Carvalho, um dos mais competentes e brilhantes officiaes do nosso Exercito, o de Jayme Adour da Camara, uma das culturas mais solidas senão a mais profunda dos de sua geração, o bello mensario consagrado á Segurança Nacional se apresenta, na sua edição de estreia, farto de collaboração preciosa, cheio de leitura attrahente e seductora. A **Nação Armada** vem occupar um logar vago entre as nossas publicações e é certo que rapidamente se firmará, tão bem cuidada a sua parte graphica e tão escolhida e palpitante a sua materia. Neste numero-apresentação assignam os artigos mais suggestivos nomes como os do general Gamelin, o generalissimo dos exercitos alliados; André Maurois, coronel Onofre Gomes, tenentes-coroneis Ignacio J. Verissimo, Armando Ararigboia, Henrique R. Hall e Jayme Adour da Camara, Carlos Sodré e outros. A bella revista civil-militar foi recebida com enthusiasmo e as credenciaes com que surgiu são de molde a augurar-lhe um grande destino.

A inauguração da XII feira internacional de amostras





As photos que illustram esta pagina são: 1 — Fachada da Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. 2 — Pavilhão da Republica. 3, 4 e 5 — O sr. Getulio Vargas, acompanhado do sr. Georgino Avelino, director de Turismo da Prefeitura, do sr. Henrique Dodsworth, Prefeito do Districto Federal, de diversos ministros, interventores e representantes da imprensa, demora em visita ás diversas secções do Pavilhão da Republica.

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL SECÇÃO

Realizou-se no dia 15 do corrente a inauguração da XII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, parte integrante dos festejos commemorativos do Cincoentenario da Republica.

A nossa objectiva fixou diversos aspectos desse acontecimento, que empolgou a Cidade inteira.

O acto inaugural, que se revestiu de grande imponencia, foi presidido pelo Exmo. Snr. Dr. Getulio Vargas, Presidente da Republica, que se mostrou optimente impressionado com a organização da XII Feira.

Francisco Braga e o hymno commemorativo da Proclamação da Republica

APROVEITANDO o ensejo em que todo o paiz commemorava, com grandes pompas o cincoentenario da Proclamação da Republica, procurámos ouvir Francisco Braga, o unico sobrevivente dos quatro compositores brasileiros que participaram do concurso do Hymno da Republica.

Fala o insigne mestre:

— O concurso para o Hymno da Republica verificou-se em 1890. O acto teve logar no antigo Theatro D. Pedro II, mais tarde Theatro Lyrico, hoje demolido. Faziam parte da banca examinadora os seguintes professores do Instituto Nacional de Musica: Alfredo Bevilacqua, Frederico do Nascimento, Paulo Porto Alegre, Miguel Cardoso e Carlos de Mesquita. Os Hymnos foram executados pelas bandas de musica do Arsenal de Marinha e do Asylo dos Meninos Desvalidos, hoje Instituto João Alfredo, e um côro de 30 vozes masculinas, sob a regencia de Carlos de Mesquita.

«A execução de cada Hymno se verificava com um espaço de 20 minutos entre um e outro, intervallo esse que tinha por objectivo facilitar ao publico o julgamento. Essa medida não deu o resultado que era de esperar, pois as manifestações populares se verificaram desordenadamente, sem que se soubesse qual o Hymno preferido. O general Deodoro da Fonseca e seus ministros assistiram ao **certamen**, do camarote presidencial. A multidão em peso pedia freneticamente o antigo Hymno Nacional. Nessa occasião, para conciliar os animos, o professor Agostinho de Gouvêa, mestre da banda de musica do Arsenal, dirigiu a execução do glorioso Hymno, sob formidavel acclamação. Foi então que do camarote presidencial se ouviu um pedido de silencio, de onde foi lido o decreto instituindo Hymno Nacional Brasileiro o de Francisco Manoel; Hymno commemorativo da Proclamação da Republica, o de Leopoldo Miguez, então director do Instituto. O mesmo decreto, considerando o effeito que causaram ante o publico o meu Hymno e o de Nepomuceno, mandava-nos como pensionistas do Estado aperfeiçoar os nossos estudos na Europa. Nepomuceno já se achava em Roma, estudando no Collegio de Santa Cecilia, a expensas de amigos; quanto a mim, segui pouco depois para a França, onde cursei o Conservatorio de Paris.

— Houve algo no concurso, digno de critica, na occasião?

— Não, replicou o mestre. — Causou apenas certa extranheza o facto de ter Leopoldo Miguez, na qualidade de director do Instituto Nacional de Musica, nomeado a banca examinadora do concurso ao qual concorria e não menos estranhavel foi o terem sido distribuidas pelas galerias do Theatro fanfarras para dar maior brilho ao seu Hymno, que finalmente foi o escolhido. Creio porém que o maestro Miguez não tivesse tido sciencia do que prepararam os seus admiradores, senão no momento da occorrencia, sendo impossivel evital-a. Era um homem honestissimo e de grande benevolencia. O premio de 20:000$000, que lhe coube como detentor do primeiro premio, doou-o ao Instituto Nacional de Musica para acquisição do orgão. Só isso basta para mostrar o seu desprendimento.

— São exactos os commentarios acerca do seu Hymno em relação ao do maestro Miguez?

— O Hymno de Miguez é superior aos outros, quer na factura, quer na instrumentação, quer na imponencia. Reputo a harmonisação e instrumentação do Hymno victorioso como trabalho de artista, salvo pequenas reminiscencias. A acceitação do meu Hymno por parte do publico pode ser attribuida tão somente por ser elle mais accessivel á massa, mas está muito aquem do valor do Hymno de Miguez, que na época já era um mestre, emquanto eu apenas um principiante. Devo dizer que o hymno classificado foi feito para quatro vozes, de maneira que somente uma voz o cantava verdadeiramente, limitando-se as outras a harmonisar, o que em composição de tal natureza não é muito aconselhavel. Essa irregularidade foi mais tarde corrigida pelo proprio auctor, que em questão de arte era intransigente.

— Sobre o Hymno de Nepomuceno?

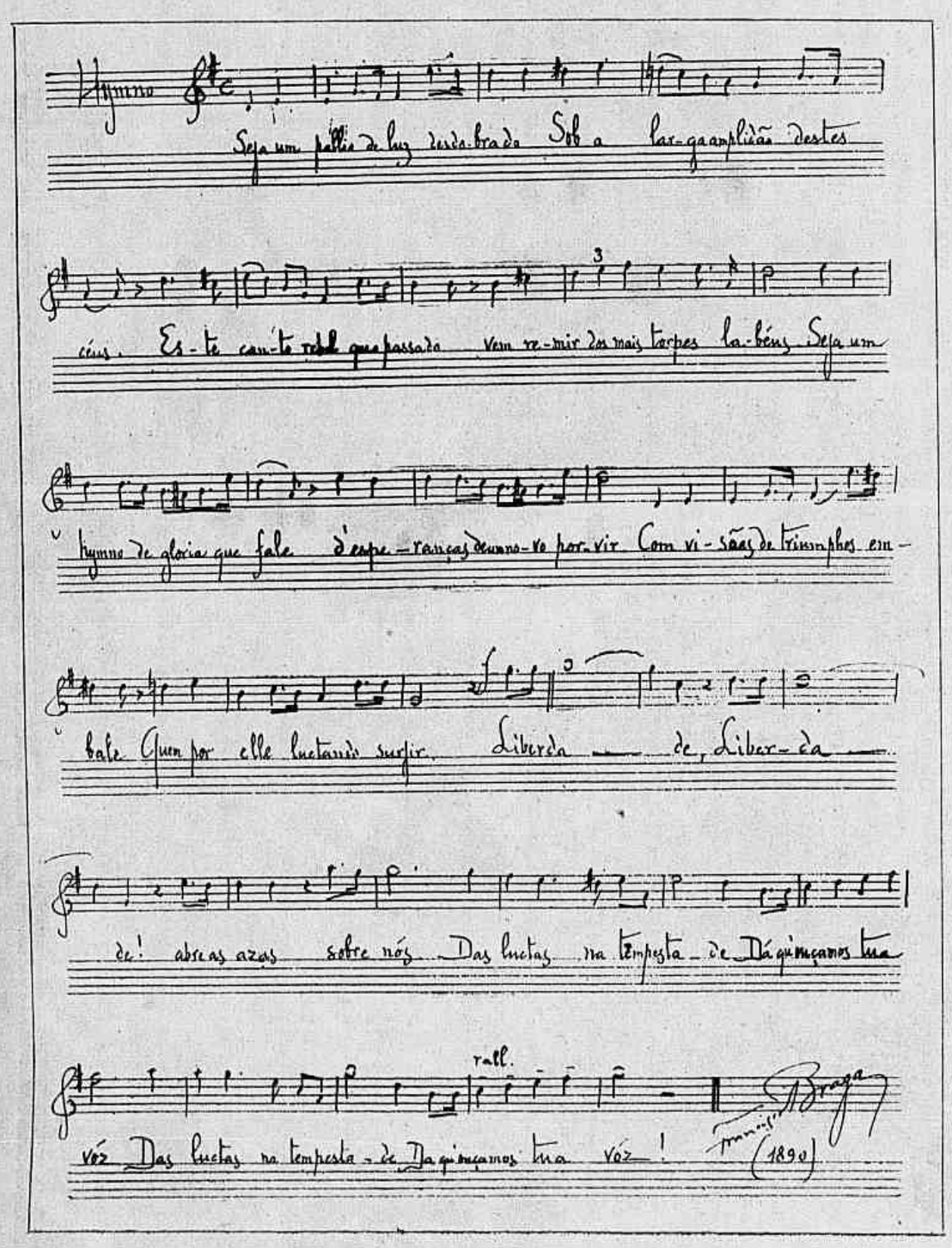
— O grande compositor cearense, que como já disse estava em Roma por occasião do concurso, recebeu por telegramma a metrificação dos versos, compondo seu Hymno, e enviando-o para o Rio, dada a urgencia, sem orchestral-o. Aqui, o professor Porto Alegre fez os versos e a orchestração, de sorte que o Hymno de Nepomuceno ficou com algumas imperfeições, entre ellas a harmonisação e a orchestração, que não correspondem ao valor do mestre.

— Acha que o Hymno commemorativo da Proclamação da Republica tem sido convenientemente divulgado?

— Tendo chegado ao Rio em Julho de 1900, em 15 de Novembro do mesmo anno fui convidado por um grupo de senhoras da sociedade para dirigir, no «Club dos Diarios» hoje «Automovel Club», o Hymno da Republica, e notei que o mesmo era quasi desconhecido. Estando presente o Presidente da Republica, dr. Campos Salles e membros do governo, ninguem se levantou ao soar o Hymno. Somente no fim, quando alguem os avisou, não obstante figurar no programma e estar a senhora que fazia o solo com a faixa da Republica é que se levantaram. Não ha prova mais evidente de que o hymno era desconhecido do publico e das autoridades. Curioso é que passados cincoenta annos os factos se apresentam mais ou menos iguaes. O Hymno é pouco tocado, a não ser pelas escolas publicas, principalmente depois que se instituiu o ensino do canto orpheonico, e na data da Proclamação da Republica. Basta dizer que não existe uma gravação official do citado Hymno, o mesmo acontecendo com o material de orchestra. Aliás, essa mesma irregularidade se verifica com o Hymno Nacional que, ao que parece, vae ser officialmente impresso e gravado em disco por orchestra, bandas e côro. «Antes tarde do que nunca» disse o maestro Braga despedindo-se sorridentemente por ter que continuar trabalhando na selecção das marchas do concurso instituido pelo Ministerio da Guerra para commemorar o cincoentenario da Republica.

José Siqueira.

O professor José Siqueira ouvindo o maestro Francisco Braga.



Autographo do hymno com que Francisco Braga participou, em 1890, do concurso para a escolha do Hymno da Republica.

O CINCOENTENARIO DA REPUBLICA

No grill da Urca, foi uma grande noite a do "réveillon" da Republica. Tambem ali estiveram presentes a Missão Militar Chilena e a Missão Norte-Americana, esta constituida dos aviadores das "Fortalezas Voadoras". A primeira das photographias é um aspecto do "réveillon", a segunda da Missão Chilena; a terceira, dos Norte-americanos.

Morte de Benjamin Constant

A molestia adquirida quando participou da luta contra o Paraguay vinha, nos ultimos mezes, minando a saúde de Benjamin Constant; depois dos padecimentos do figado, rins e baço, os medicos haviam declarado ser elle portador de grave lesão cardiaca, prescrevendo-lhe um regime de vida inteiramente calmo, se desejava prolongar a existencia ameaçada. Amando a familia — "o centro sympathico das suas mais ternas affeições" — pretendeu retirar-se á vida remançosa do lar. A solicitude da esposa e o carinho das filhas haveriam de dar-lhe alento para resistir áquella conspiração de varios orgãos contra a sua existencia. Na placidez da sua residencia, em Santa Teresa, encontraria a atmosphera adequada á realização do que mais aspirava: lêr, estudar, meditar. Mas, uma vida socegada é difficil empresa. E Benjamin Constant, arrastado pelos acontecimentos de que fôra um dos maiores factores, não pôde recuzar a sua collaboração activa, directa, no Governo Provisorio. Alma sensivel, desinteressada, desprezando a gloria e a pompa das posições, o entrechoque das paixões encheu o seu coração de amarguras, sem que ao menos, como o commum dos homens, tivesse o consolo de sentir o prazer da ambição satisfeita. Conhecia o seu estado de saude, previa onde o estava levando o sacrificio que emprehendia, mas punha a segurança das novas instituições acima das suas proprias conveniencias e, mesmo, das de sua familia. Aos que, estimando-o sinceramente, procuravam demovel-o desse proposito quasi suicida, respondia com simplicidade: "— Isso de pouco me valeria, ao passo que viria impedir-me de cumprir com o meu dever".

Já na pasta da Guerra, empenhando o seu indiscutivel prestigio pessoal na tão necessaria manutenção da ordem, os seus habitos soffreram radical transformação, obrigando-o, não raro, a levantar-se de madrugada e ficar em vigilia no Quartel-General, prevenindo as forças de terra contra reacções armadas. O "Diario" de minha bôa e saudosa mãe, nessa época contando apenas 16 annos, refere-se amiudadamente aos boatos de perturbações da ordem que então circularam, determinando para seu pae um "modus-vivendi" inteiramente em desaccordo com as prescripções de seus medicos. O mesmo "Diario" consigna as conferencias politicas e administrativas que se realizaram na residencia de Benjamin Constant, muitas vezes levando-o a entrar pela madrugada nesses serviços ao paiz. Benjamin Constant, não tendo sido republicano impellido pela paixão, mas sim pela razão, claramente viu a necessidade do seu sacrificio, voluntario mas necessario, afim de preservar as novas instituições do fracasso. A sua autoridade moral, mais do que a sua culta mentalidade, serviu de escudo protector da Republica, nos agitados primeiros mezes do regimen. Pensando, como Renan, "que a vida é bôa quando bem aproveitada", Benjamin Constant consumia os seus derradeiros meses de vida na consolidação da obra realizada a 15 de Novembro de 1889. O seu espirito equanime frequentemente foi chamado, no inicio do cyclo republicano, a dirimir contendas e resolver desavenças entre os principais responsaveis pelos destinos patrios. O modo pelo qual, depois do seu fallecimento, a elle se referem os seus pares no Governo Provisorio, denota a ascendencia moral que Benjamin Constant sobre elles exerceu. Isso é admiravel, não somente porque foram manifestações acerca de um morto, que nenhuma influencia material mais possuia, como tambem porque partidas de pessôas de credos diversos dos que o distinguido mestre adoptara.

Pagina de fóra (a ultima) publicada na REVISTA ILLUSTRADA de Janeiro de 1891 em homenagem á memoria de Benjamin Constant.

Benjamin Constant deperecia, emquanto fortemente concorria para revigorar o organismo da Republica. Dispnéas, dôres nevrálgicas na cabeça, insônias constantes anunciavam a aproximação do termo de sua vida objetiva. Desde 17 de Novembro, quando retornara de Jurujuba, logar escolhido por elle para fugir ás manifestações do dia 15 não mais pudera sahir. Não obstante, continuou a estudar e resolver os assumptos relativos ao ensino; á sua residencia era levado o expediente do Ministerio da Instrucção Publica para que fosse assignado. Um dos seus ultimos actos foi a instituição do montepio obrigatorio dos funcionarios publicos, medida que reputava indispensavel. E explicava — "Ninguem tem o direito de deixar a familia na miseria; se o montepio não fôr obrigatorio muitos irão relaxando e um dia morrem sem haver preparado o futuro dos seus". Os seus males, todavia, progridem cada dia que passa; quasi não pode dormir, assaltado pela dispnéa. Durante o dia ainda recebe os que o vão visitar; sempre gostara de palestrar com seus discipulos e sensibilizava-se com os testemunhos de amizade e veneração que lhe davam constantemente. Um delles, o hoje general Ximeno Villeroy, que fôra o 1.º governador do Amazonas depois de 15 de Novembro, descreve-lhe longamente as bellezas e a opulencia do grande estado da União. Benjamin Constant, enthusiasmado, exclama: "O Brasil será, um dia, a primeira nação do mundo!"

A extrema prostração, a irritabilidade de seu systema nervoso sem o repouso do somno, levam-n'o por momentos, a deixar-se dominar pelo pessimismo; á sua filha Bernardina, que lhe exalta a conducta e louva sua acção no movimento republicano, responde: "Tu julgas, minha filha, que teu pae cahiu do céo...; pensas que essas cousas (as glorias) são duradouras? Daqui a alguns annos nem mais se lembrarão que eu existi e talvez haja alguem que affirme que não estive no Campo de Santanna no dia 15 de Novembro..."

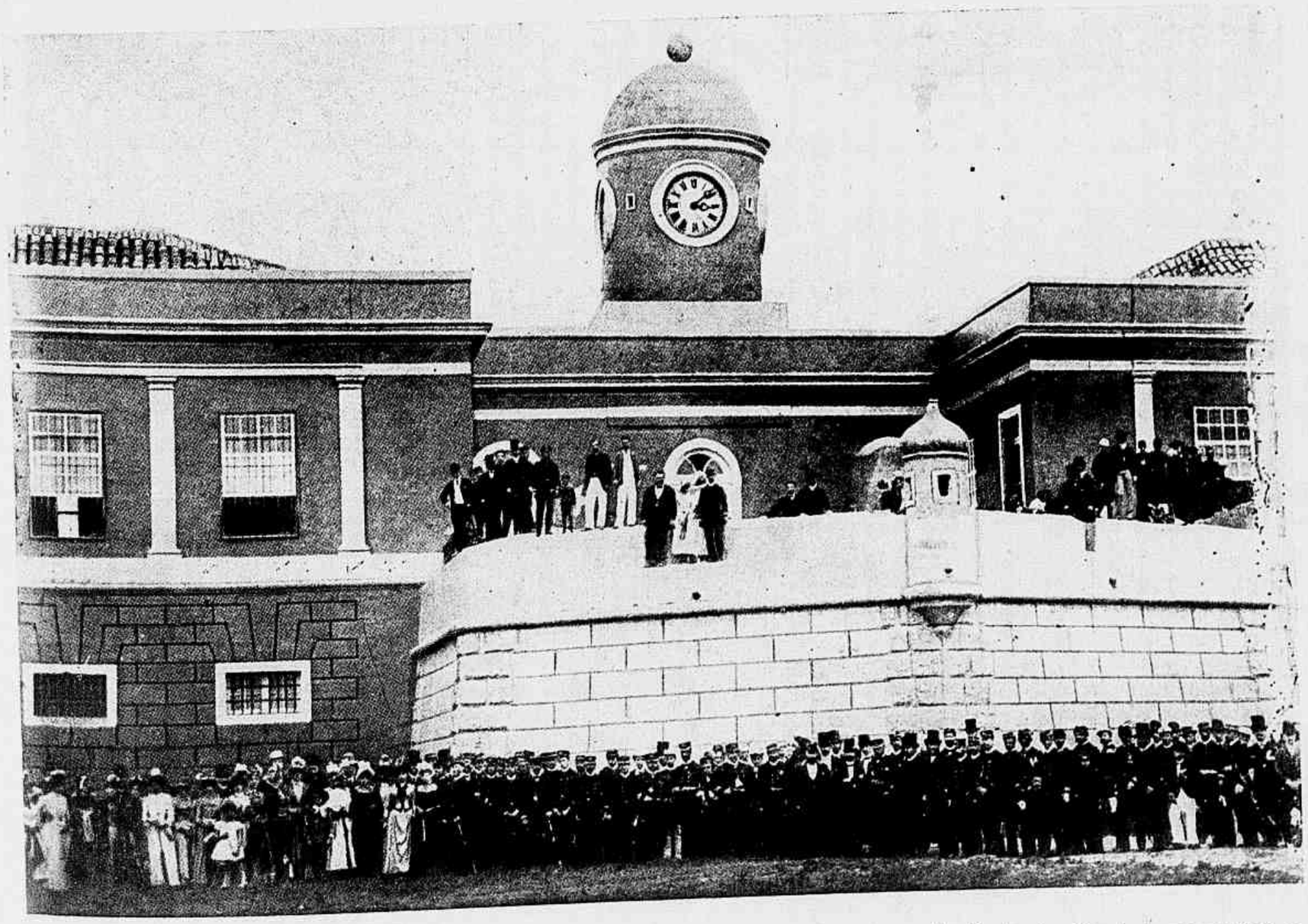
Noutra occasião, detem-se frente a um retrato seu, de corpo inteiro, em que está fardado e com a mão na espada, sorri melancolicamente e observa: "Estou alli com ares de valentão, e agora mal posso commigo!"

A 17 de Janeiro seu estado tornou-se alarmante; nos ultimos dias, apezar da extrema debilidade, mantinha-se sentado, minorando as torturas da dispnéa, mas á tarde desse dia carregou-o para a cama o seu discipulo Tasso Fragoso, ante a impossibilidade de seu mestre poder dar um passo sequer. Continuou, entretanto, em perfeita lucidez, manifestando seus desejos aos presentes, embora com a difficuldade propria de quem vinha padecendo cruelmente ha tantos dias.

No dia seguinte, pediu Benjamin Constant ao irmão, coronel Marciano, que chamasse o seu medico, dr. Joaquim Murtinho, e delle obtivesse uma opinião franca sobre o seu estado; em consequencia do que disse o futuro ministro da Fazenda do governo Campos Salles, resolveu Benjamin Constant pedir a sua demissão de ministro da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos. Obtida esta, dispôz-se a morrer com os que lhe eram caros, em redor. Sem forças para mover-se ou falar, respiração offegante, olhar fixo, perdido no vago, agonizava Benjamin Constant, á tarde de 21 de Janeiro.

Veiu a noite, uma noite cheia de estrellas, e pela madrugada de 22 de Janeiro de 1891 a morte cerrou para sempre os olhos do Fundador da Republica.

BENJAMIN CONSTANT, neto



A famosa Escola Militar da Praia Vermelha, na historica visita dos officiaes chilenos, quando Benjamin Constant pronunciou o discurso tido como um desacato ao então ministro da Guerra, presente á solemnidade. Benjamin Constant está, na gravura, do lado direito.

RUY Barbosa

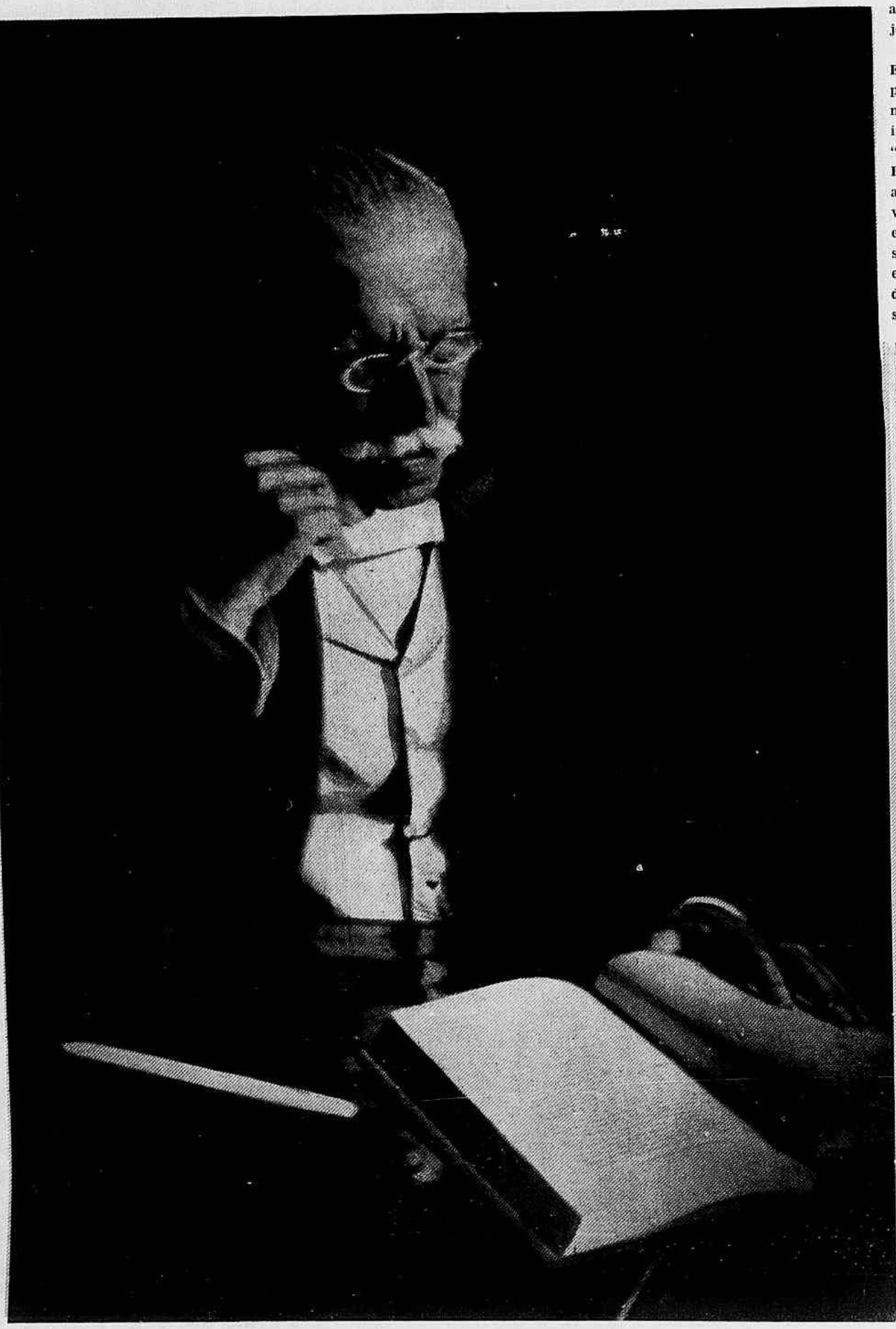
Ruy, ao iniciar o curso juridico

O perfil de Ruy Barbosa no panorama republicano é bem suggestivo e inconfundivel porque elle, que vinha dos arraiaes monarchicos, trazia uma comprehensão politica muito avançada para o novo regimen que acabava de fundar-se. Elle, como bem accentuou Homero Pires, "não tinha, não teve nunca preferencia por formas de governo. Como grande sabedor de direito publico, edificado na licção viva do espectaculo do mundo, repartido entre a liberdade e a tyrania, que se podem indifferentemente exercer através de quaesquer systemas politicos, elle não se detinha na escolha superficial de um nome, e era a essencia mesma das coisas que buscava. Essa essencia para elle estava na liberdade. Onde a liberdade encontrasse a sua mais ampla segurança, ahi enxergaria a democracia, não raro envolta embora nas dobras de uma purpura real".

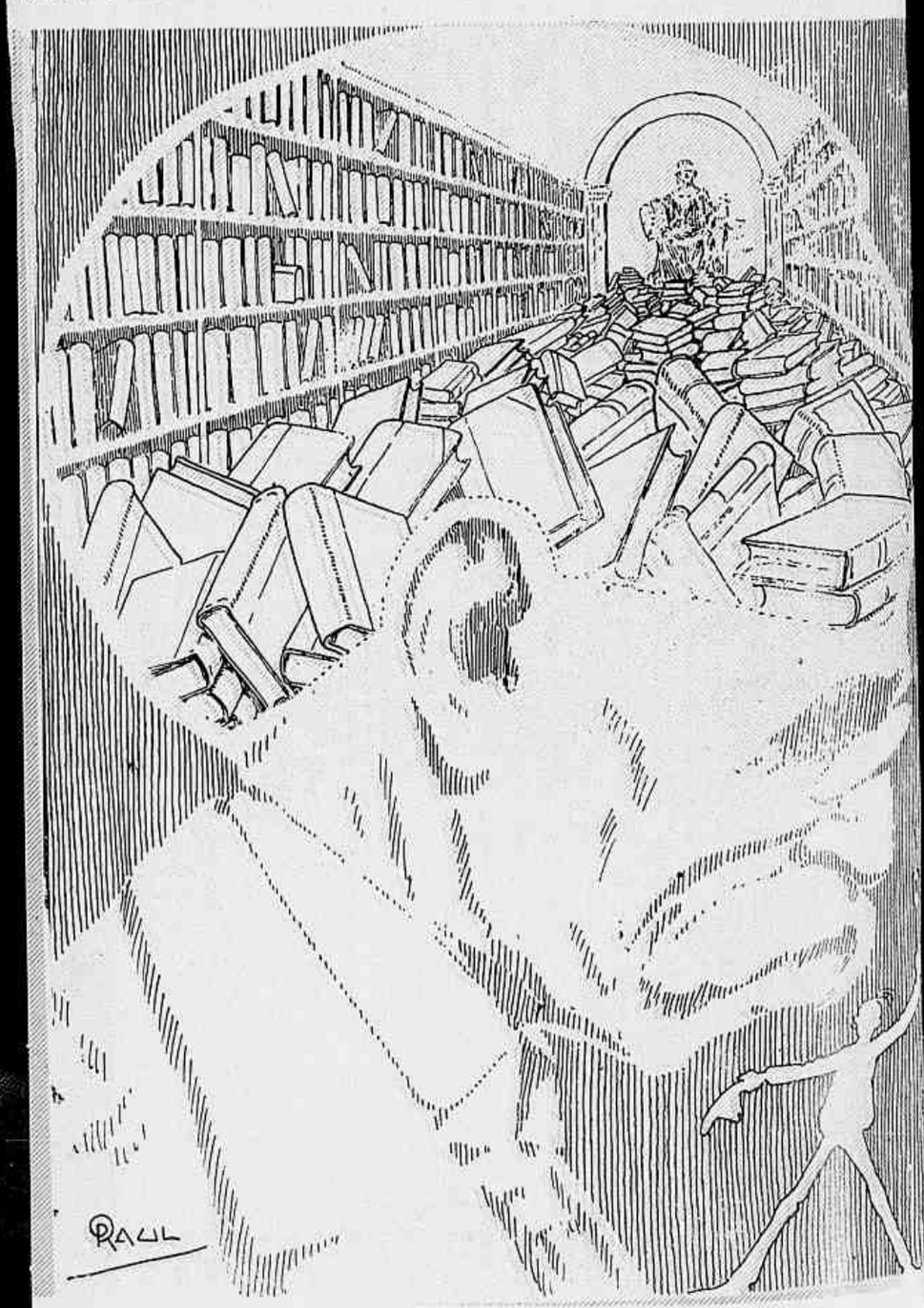
Dahi a sua curiosa posição em face daquelles que implantaram o regimen republicano no Basil. Mas estes de algum tempo já vinham namorando essa formosa intelligencia, essa sabedoria profunda, esse manancial inexgotavel de conhecimentos que bem poderia ser a columna-mestra do edificio politico que projectavam construir. E sobretudo as grandes figuras do Exercito sentiam por elle uma fascinação irresistivel, pois espontaneamente se fizera o defensôr da classe, opprimida e perseguida pelo poder civil. E tanto assim foi que mal sahiu publicado, a 9 de Novembro de 1889, o seu artigo sob o titulo "Plano contra a Patria" Benjamin Constant não vacillou em procural-o. E é bem opportuna a transcripção, aqui, do proprio depoimento de Ruy Barbosa sobre o seu ingresso no movimento:

"Minha parte na conspiração data da vespera da revolução. Só comecei a devassal-a no dia 9 de Novembro, quando o dr. Benjamin Constant, sob a impressão do meu artigo "Plano contra a Patria", me procurou no meu escriptorio, e demorou-se commigo em larga conferencia, dando-me idéa da explosão imminente e solicitando o meu juizo. Respondi-lhe na mesma linguaguem minha pela imprensa, dizendo que eu não via solução possivel para a crise no curso ordinario das cousas. No dia 11 me procurou elle outra vez, então na minha residencia, pedindo-me em nome do Marechal Deodoro uma entrevista em sua casa, ou na minha, conforme eu escolhesse. Respondi-lhe que a edade, a doença, a veneranda posição do general impunham-me o dever de ir á sua casa, em vez de obrigal-o a vir á minha. Disse-me, então, o dr. Benjamin Constant que o illustre chefe do Exercito me esperava ás oito e meia da noite. Compareci, e tive a honra de vêr-me entre os srs. Bocayuva, F. Glicerio, A. Lobo, B. Constant e coronel Solon. No dia seguinte, procurado pelo sr. Q. Bocayuva, dirigi-me com elle á rua do Carmo n.º 40, onde s. excia. me comunicou a minha designação para ministro da Fazenda. Oppuz-lhe a minha inaptidão mas não logrei vencel-o. E acceitei, já porque o cargo então não attrahia pretendentes, já porque a obstinação na recuza poderia tomar a côr de poltroneria, na conjunctura de duvidas e ameaças em que, ante as obscuridades do futuro, se carecia de homens que jogassem a cabeça pela ideia".

Realmente Ruy Barbosa era uma figura de que a Republica precisava. Elle não foi incoherente filiando-se ao grupo que derrubou a Monarchia, porque elle era apaixonadamente pela liberdade e a liberdade era a promessa mais viva do governo que se inaugurou em 1889. E elle provou, de maneira irrefutavel, como era imprescindivel a sua presença no primeiro ministerio. "Para-raios" do Governo Provisorio, era como lhe chamava ainda Quintino Bocayuva, numa caracterização que cabia, á justa, áquelle que attrahia sobre a sua cabeça a scentelha dos odios que os interesses contrariados desencadeavam" como se expressou Homero Pires, Ruy Barbosa teve actuação notavel em todo esse periodo que se seguiu á Proclamação. Elle derramou as luzes do seu saber e as claridades da sua intelligencia creadora sobre as providencias exigidas pelo momento delicado que o Governo Provisorio atravessou. Prudente e com uma visão larga das cousas e dos homens, Ruy Barbosa soube servir o Brasil sem se afastar dos pontos fundamentaes da sua formação



Um dos ultimos retratos de Ruy



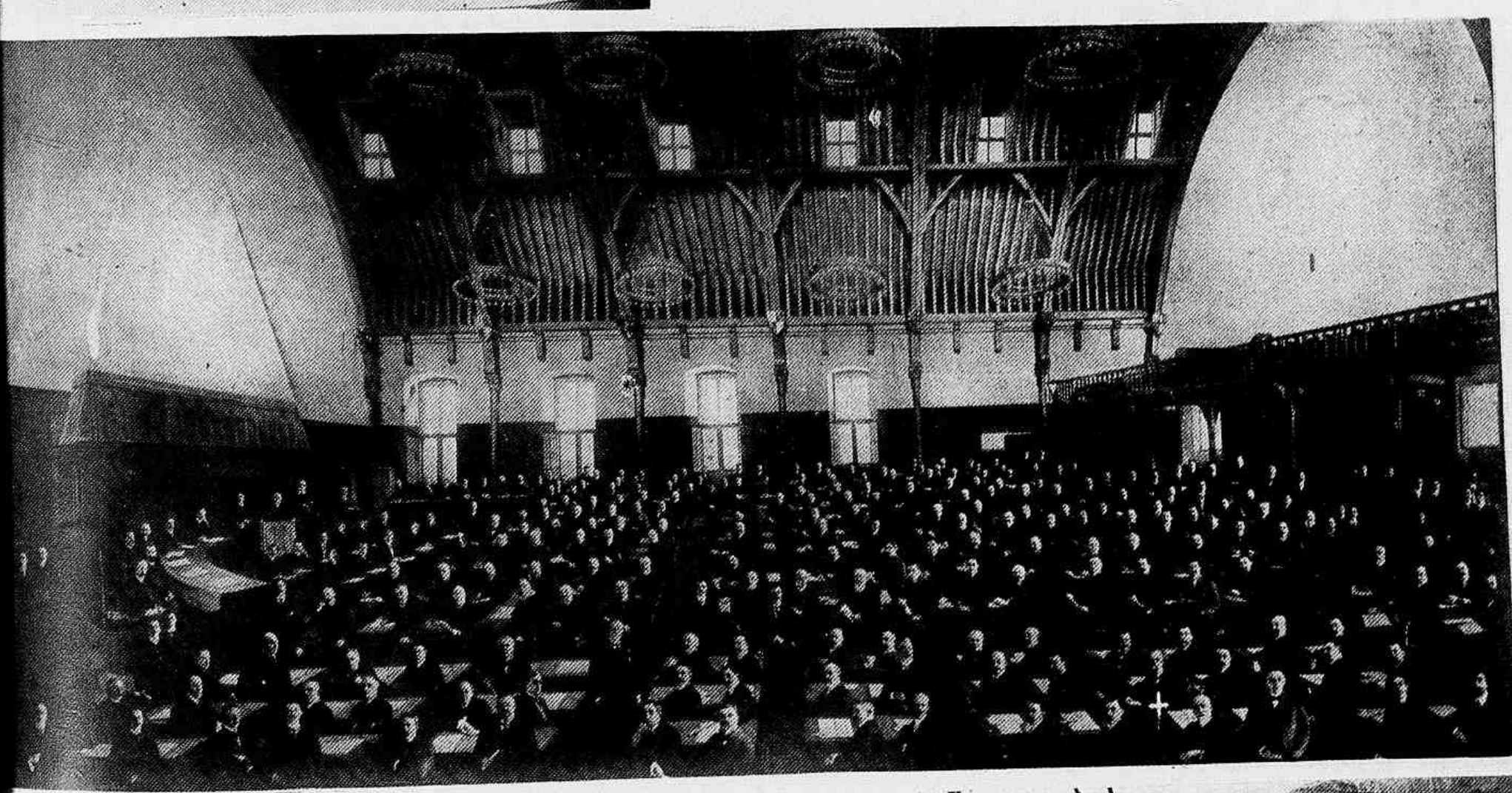
O "Templo do Sol"
Caricatura de Raul Pederdeiras

E A REPUBLICA

Caricatura allusiva á sua alta erudição. Trabalho de Alfredo Candido, publicado em "A Larva"

moral. O grande Benjamin Constant disse delle uma vez: "Acompanho cada vez com mais confiança o sr. Ruy Barbosa, com quem prefiro errar, a acertar com os outros". E estava certo o fundador da Republica dizendo assim, porque a cultura e a sagacidade de Ruy não permittiam que elle errase. E é exactamente por isso que a posição do grande tribuno dentro da Republica está bem definida. Delle se pode affirmar que não precisou da Republica; esta sim que precisou das claridades redemptoras do seu talento, da sua grande força moral e sobretudo da sua vasta sabedoria. A Republica encontrou em Ruy o jurista de que carecia; foi elle, todos sabem, quem elaborou a Constituição e de seu cerebro sahiram tantas idéas transbordantes de sol para inspirar leis e medidas providenciaes. Elle foi o homem que serviu a Republica como um technico e não como um idealista, pois para elle, já ficou escripto linhas acima, pouco interessavam as fórmas de governo. Elle queria a liberdade e muita, muita felicidade para o paiz. Bem feliz foi Celso Vieira ao escrever estas palavras, encerrando o artigo que escreveu no frontispicio desta revista, por occasião da morte da "Aguia da Haya", em 10 de Março de 1923:

Ao partir para a campanha pela presidencia da Bahia em 1919



A conferencia de Haya, em 1907, marcou o fastigio do grande genio politico de Ruy Barbosa, que se vê assignalado, no primeiro plano á direita.

No oceano da vida brasileira em que se arrojava para o Ideal tanta força, desencadeada por um só espirito, vemos quebrar-se a onda mais alta, sob a mais pura estrella. Dia a dia, porém, crescera essa gloria sobre o tumulo das ondas ephemeras com a propria nação immorredoura. É um desafio á Morte o que vôa do feretro de Ruy para a alma eterna do Brasil".

Estes cincoenta annos que passaram sobre o historico 15 de Novembro vêm reavivar a actuação de ouro que o tornaram uma data immortal e trazer para o primeiro plano das nossas evocações o vulto de Ruy, grande em todos os momentos da vida brasileira e inconfundivel na Republica cuja fundação o sol do seu cerebro privilegiado illuminou.

SERGIO MAURO.

Casa onde morreu Ruy Barbosa, em Petropolis.

Um pouco do Rio de 1889

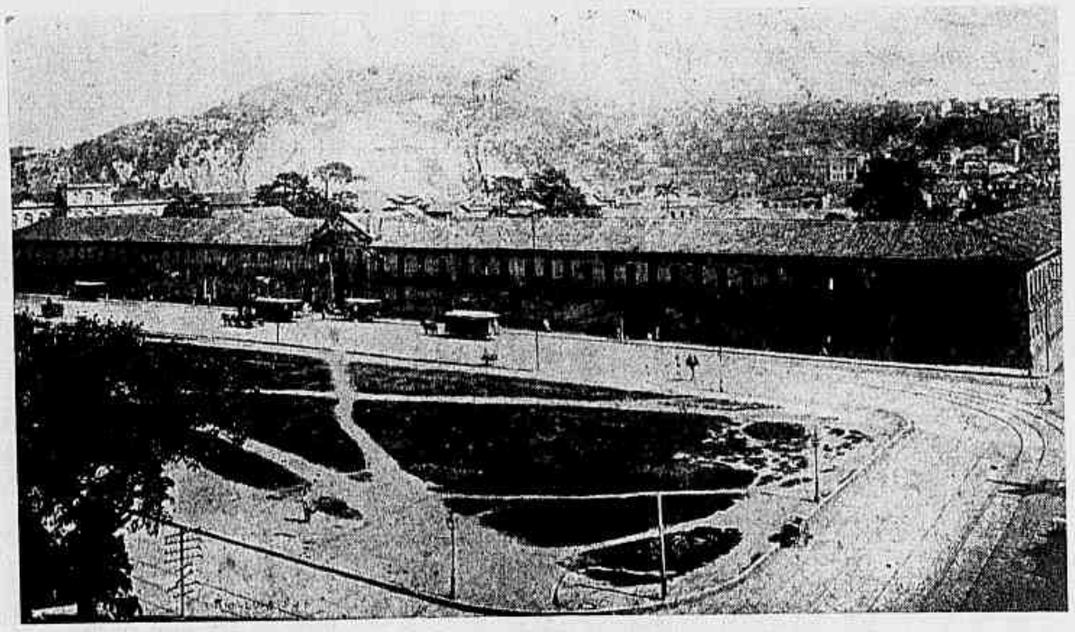
POR Octavio Tavares

MIRANDO-SE num espelho, isto é revendo-se nas photographias de então e evocando a si proprio na memoria dos que galgaram meio-centenario, como o Rio de Janeiro de 1939 deve achar-se differente da cidade em que, ha cincoenta annos, se proclamou a Republica!

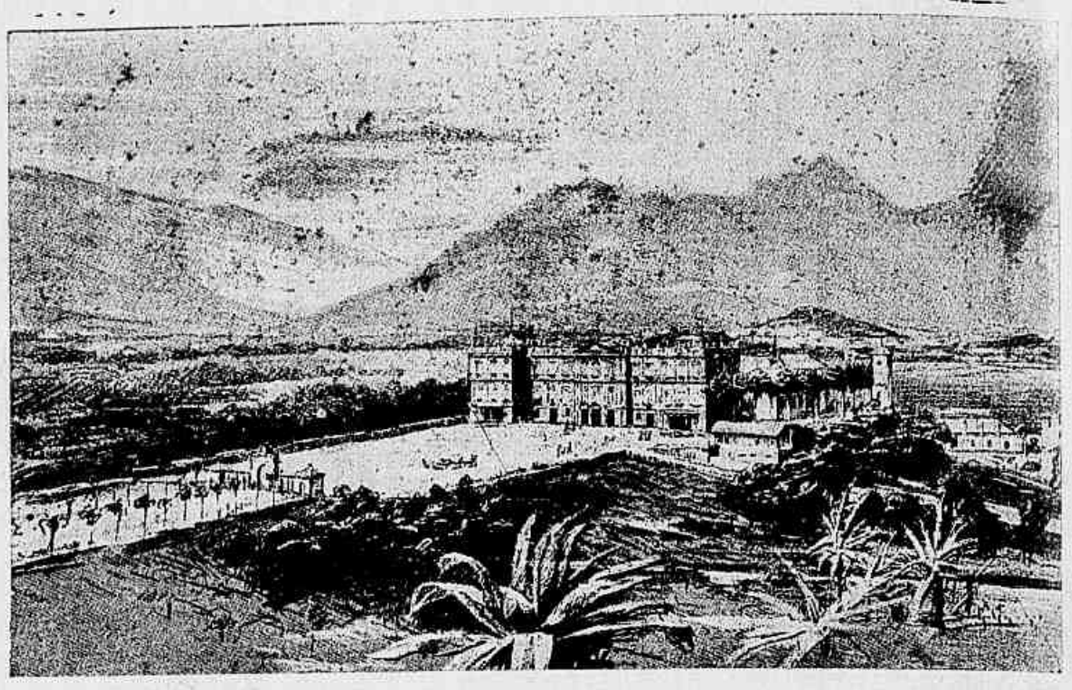
O espaço e o tempo intervieram. A metropole dilatou-se e a velocidade transformou-a. Em 1889, illuminada a gaz, a cidade conhecia apenas os vehiculos de tracção animal. A rua do Ouvidor já se apresentava como **leader** dos logradouros, com um prestigio incomparavel, o que não impedia que os bondes da Jardim Botanico profanassem a sua elegancia e, pela rua Gonçalves Dias, lhe chegassem á esquina, onde os muares eram mudados, para a viagem de regresso. A's esquinas das travessas e dos largos, os sordidos kiosques, que entraram por muitos annos da Republica. Por todos os cantos, as «diligencias», com aspecto de bonde, verdadeiras precursoras dos caminhões de hoje, que levavam as verduras e os mantimentos ás quitandas e «vendas». Ia-se da Muda á Tijuca sem os animaes do bonde, que era então puxado, ladeiras acima, por uma especie de locomotiva.

A cidade parava muito antes dos limites que hoje attinge. O mais expressivo exemplo está na parte sul, onde os bondes de Real Grandeza iam apenas, detidos pela montanha, até Villa Rica. Do outro lado, a visão selvagem do areal salpicado de cajueiros, em cuja orla se quebravam, cheias de espuma, as ondas oceanicas. Até ahi chegavam os curiosos, pela ladeira do Leme, onde ainda se encontram restos do forte que o marquez do Lavradio mandara erguer no fim do seculo XVIII, ou pela estrada da Villa Rica. E iam tambem os devotos á igreja erguida sob o orago de N. S. da Copacabana, a «Igrejinha» como era chamada, em cujo local se vê hoje um forte. Só em 1891 se abriu o primeiro tunnel dos dois que existem, iniciada com elle a transfiguração miraculosa do local.

Os costumes do Imperio vieram á Republica e perduraram. Muitos delles já se transformaram ou foram abolidos. O viatico ia á casa dos moribundos em berlindas que eram vagarosamente puxadas; de instante a instante a campainha que o sacristão agitava uniformemente avisava a todos da passagem do «Nosso Pae» e os transeuntes descobriam-se e ajoelhavam-se. Por essa época, era habito não se varrerem as casas nas sextas-feiras da Paixão, dias em que os espelhos das salas de visitas eram velados de preto e se evitavam todos os rumores, até o dos tympanos dos bondes.



O Quartel General do Exercito, na Praça da Republica (então Campo de Sant'Anna), na epocha da jornada que extinguiu o regimen monarchico.



O palacio imperial de São Christovão, em 1889.

As ruas tinham um aspecto tão differente! Enchiam-n'as, ás vezes, varas enormes de perús. Pela manhã, os leiteiros mungiam as vaccas á porta da freguezia. E por ellas passavam, conhecidos de todos, os **typos,** uma vasta galeria que foi desapparecendo até extinguir-se. Em 1889, entre muitos outros, eram celebres o «Castro Urso» e o «Principe Obá». Aquelle entregou a alma a Deus no mez anterior á proclamação da Republica; este entrou no novo regimen sem ter verdadeira noção da mudança politica, tanto que no dia 2 de Dezembro de 1889 foi á Quinta da Bôa Vista no intuito de cumprimentar D. Pedro II pela sua data anniversaria, valendo-se, como sempre, das honras de alferes que conquistara em Curupaity e que, de resto, o Governo Provisorio cassou.

O Carnaval era outro, muito outro. Mais do que o de hoje em certos pontos; menos, muito menos, em pontos outros. A' conta do mais, o entrudo violento, fabrica vergitinosa de pneumonias. Já existiam os Tenentes do Diabo, os Fenianos e os Democraticos.

Nas praças publicas só havia dois monumentos: o de Pedro I e o de José Bonifacio. Fóra isto, apenas o busto de Mariano Procopio no jardim das officinas da Central, no Engenho de Dentro. A Republica inaugurou em 1891 a estatua de João Caetano, com a presença de Deodoro.

Nem se sonhava então com o **foot-ball,** e os divertimentos infantis eram a «roda», o «chicote queimado», os «quatro-cantos». Nos salões ,onde nem a suspeita sequer pairava da futura éra dos sambas, foxes e rumbas, imperavam as quadrilhas marcadas em francez e as valsas nem sempre languidas, e a dansa cedia logar, não raro, aos jogos de prendas — o «amigo ou amiga» a «berlinda», o «annel».

A mais accentuada differença, porém, entre as duas edades, a época de hoje e a de meio-seculo atrás, está no aspecto material, na physionomia da cidade. As ruas vinham com o cunho colonial, estreitas e ornadas de casas sem ar e sem luz, de casas de «porta e janella», com a meia-agua a pingar impenitentemente das velhas telhas portuguezas sobre os passeios primitivos. A cidade era escassamente illuminada a gaz, cujos bicos o «propheta» accendia com uma vara ao crepusculo da tarde e ia apagar ao crepusculo da manhã. As rotulas evocavam as grades de urupema do tempo dos governadores e vice-reis, e o namorado que se postava de pé, á distancia, espreitando a bem-amada, ainda ficou sendo conhecido na Republica como «lampeão de esquina». As queridas de então moravam tambem em sobrados ou casas assobradadas, e os apaixonados corajosos paravam ás vezes, voltavam a cabeça, como se fossem olhar para o céo, e falavam para cima, «fazendo um gargarejo», como se dizia na época. A gente carioca de então já demonstrava o seu grande humor, requintado nos nossos dias.

Como tudo mudou! Os jornaes de 16 de Novembro de 1889 ainda publicavam annuncios de restaurants do centro da cidade, com refeições a quatrocentos réis — um «cruzado», como se dizia! E eram, com certeza, cem vezes superiores aos chinezes de agora... Mas tambem em 1889 — que cousa maravilhosa! — o cambio estava ao par e a libra, que vale agora uma fortuna, valia menos de nove mil réis!

E, apesar de toda essa magnifica situação cambial, como o Imperio deixou tão humildezinha a capital que a Republica elevou á categoria de Cidade Maravilhosa!

O sentimento republicano no Brasil

Leoncio Correia

General Menna Barreto, um dos espiritos republicanos mais combativos do seu tempo.

«A Republica foi uma surpreza! A Republica nasceu nos quarteis! O Brasil não estava preparado para a Republica!» Estes estafados refrões contam cincoenta annos de idade. Surgiram logo após a arrancada incruenta e victoriosa de 15 de Novembro de 89, e ainda hoje são repetidos pelos observadores superficiaes, ou pelos ignorantes dos antecedentes politicos da nossa Patria.

A idéa republicana foi sempre, no Brasil, ainda nos recuados tempos do regimen colonial, uma aspiração latente na consciencia popular, para cuja seiva contribuiu, em jorros fecundos, o generoso sangue de abnegados martyres, em varias épocas. Ella alvorece nos primordios de seculo XVIII, e fala em 1710, ao tempo da guerra dos mascates, pela voz do sargento-mór Bernardo Vieira de Mello, em Pernambuco, que chegára a propôr ao Senado da Camara e da nobreza de Olinda «se declarasse a capitania em Republica ad instar dos Venezianos.'' Dez annos mais tarde Felippe dos Santos é esquartejado, de ordem do conde de Assumar, pelo crime de haver sonhado para o Brasil uma dictadura republicana. Esse primeiro, chronologicamente, martyr da idéa republicana, enfrentou com o mesmo destemor a morte e o tyranno, ao qual atirou, fitando-o, terrivel e formidavel, as mais inflammadas objurgatorias pela ignominia da covardia que praticava. Ainda dentro das muralhas do mesmo seculo, surge a grande, a impressionante, a illuminada figura de Tiradentes, como a do proprio Brasil nos seus anceios de liberdade e de justiça. **Libertas quae sera tamen.** Para esse inconfundivel apostolo e para os seus companheiros, a liberdade já vinha tardia!

No seculo passado, sob o primeiro Imperio, sob a Regencia, sob o governo do magnanimo Pedro II as datas de affirmação do ideal republicano se succedem rythmicamente 1817 — 1824 — 1831 — 1835 (proclamação da gloriosa (Republica de Piratinim) e 1848. A 3 de Dezembro de 1870, redigido por Quintino Bocayuva e assignado por 57 nomes brilhantes, surge o sereno, o energico, o honesto manifesto republicano, que foi, embora renegado posteriormente por alguns dos seus signatarios, o fio de agua limpida, cambiado em caudaloso rio de marcha harmoniosa que encontrou desaguadouro a 15 de Novembro de 1889 — data que se fez o epilogo de um drama archi-secular, e em cuja representação tomaram parte vultos de invulgar estatura moral e espiritual.

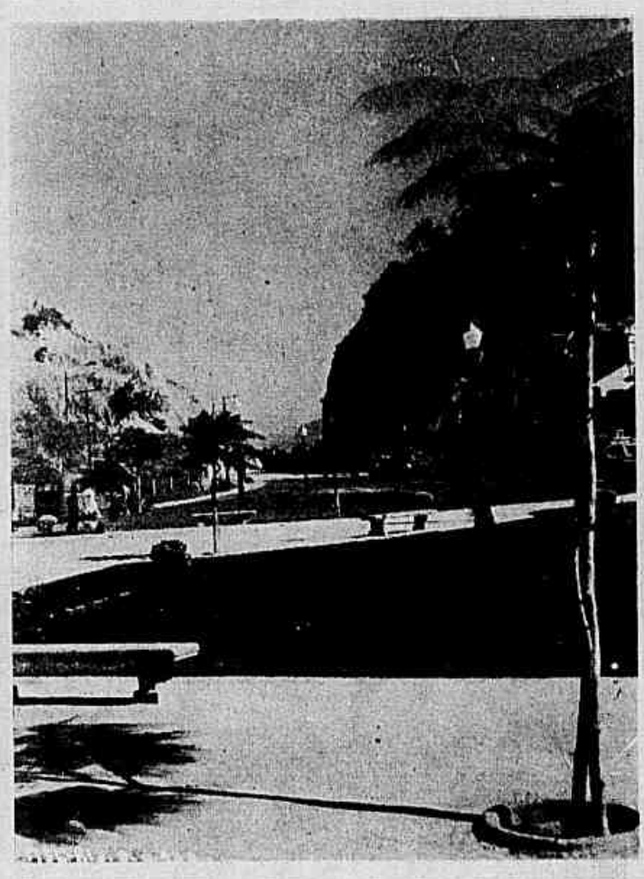
Capitão Antonio Vicente do Espirito Santo, que foi o chefe de Policia nas primeiras horas da proclamação da Republica.

E o que, dentro do ambiente republicano que a espada invicta de Deodoro creou, tem sido a vida brasileira, dizem, de modo inilludivel, o volume do nosso commercio, o desenvolvimento da nossa industria, o surto da nossa lavoura, a arqueação e o melhoramento dos nossos portos, o remodelamento das nossas grandes cidades, o augmento da fortuna particular e publica. E, além do mais, a approximação, sempre crescente, do litoral e do interior, dando a impressão de que dois Brasis, que se desconheciam, se encontram agora de braços abertos para um longo e commovido abraço fraterno e amigo.

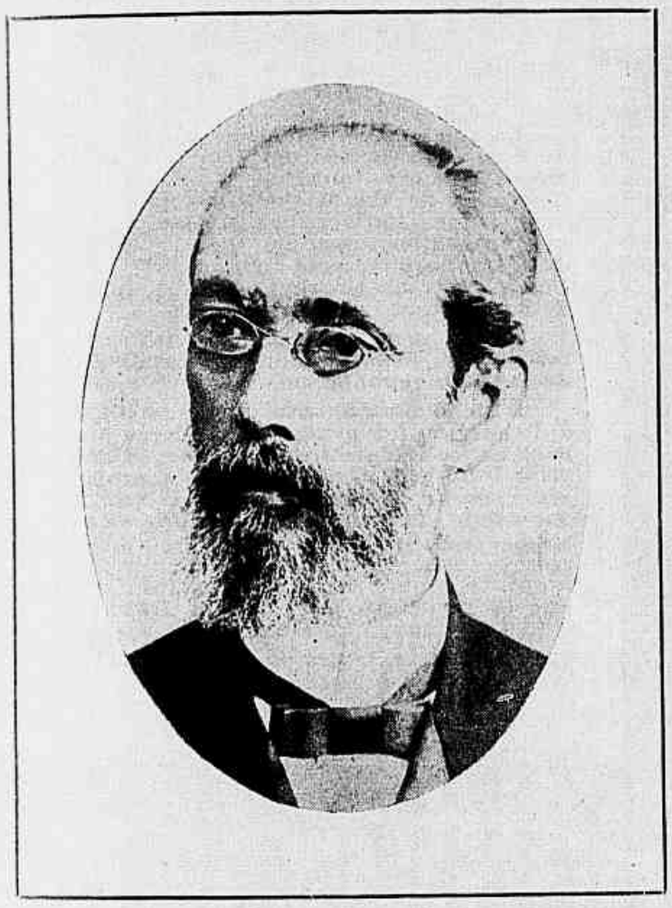
Um Brasil unico, com uma só bandeira para todos os seus climas, com um só coração para todas as suas alegrias e para todas as suas desventuras. Um Brasil brasileiro, dentro dos augustos postulados da Republica, eis o que nos annuncia, a nós velhos que a procuramos, e aos moços que, servindo-a com dedicação e com amor, não saibam de sacrificios que não sejam deveres, nem de deveres cujo cumprimento não seja sagrado, a grande e luminosa hora historica que estamos vivendo.

RIO DE JANEIRO EM 1939

CORTE DO MORRO DE CANTAGALLO



PRAÇA EUGENIO JARDIM



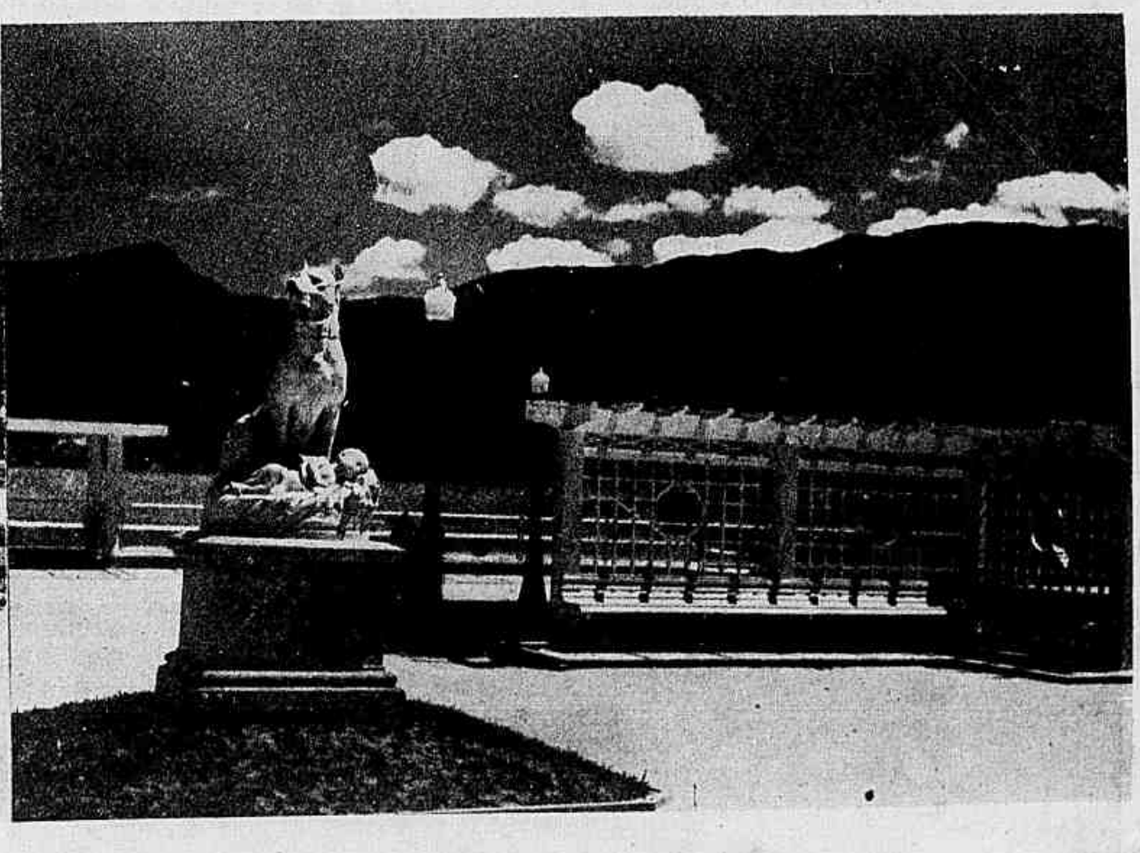
BARATA RIBEIRO, 1.º prefeito do Districto Federal.

BARATA RIBEIRO. — Quando a Republica, proclamada em 15 de Novembro de 1889, foi constitucionalizada, o primeiro cidadão que teve o governo do Districto Federal foi o dr. Candido Barata Ribeiro. Nasceu o illustre varão na capital do E. da Bahia em 11 de Março de 1843. Formado em medicina em 1867, pela Faculdade do Rio de Janeiro, assumiu em 1883 a cathedra de Clinica Medica e Cirurgica de Creanças. Na cidade paulista de Campinas foi director do Hospital de Caridade e ahi fundou a Escola de Creanças pobres. Assignalou-se como propagandista da abolição dos escravos e como fervoroso republicano. Membro da Academia Nacional de Medicina. Escreveu livros de sciencia e teve brilho nas lettras, deixando o drama "O segredo no lar", que foi representado em 6 de Setembro de 1881, pela primeira vez, no Theatro Lucinda, hoje desapparecido. O marechal Floriano Peixoto, na presidencia da Republica, nomeou-o ministro do Supremo Tribunal Federal e essa nomeação provocou verdadeiro pasmo, por não ser o dr. Barata Ribeiro versado em lettras juridicas; no emtanto, foi elle autor de notaveis acordãos e, como Ministro da mais alta côrte de justiça, jamais recebeu vencimentos. Como prefeito — diz o "Archivo do Districto Federal" do anno de 1896 — representou "o animo inquebrantavel, a visão genial e segura". Votou a sua administração aos problemas da alimentação e da hygiene, tratando de matadouros, mercados, melhoramento de cemiterios, casas para operarios, etc. A sua energia maravilhosa sobrelevou na extincção da celebre "Cabeça de Porco", reducto infecto que copromettia uma capital no fim do seculo XIX. A acção severa, mas sempre justa, do prefeito Barata Ribeiro despertou violenta critica mas jamais foram attingidas a honorabilidade e a elevação de intenções do eminente varão. O dr. Barata Ribeiro falleceu no Rio de Janeiro em 10 de Fevereiro de 1910.

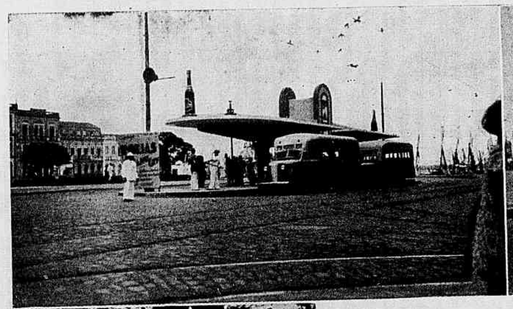
DR. HENRIQUE DODSWORTH, prefeito do Districto Federal.

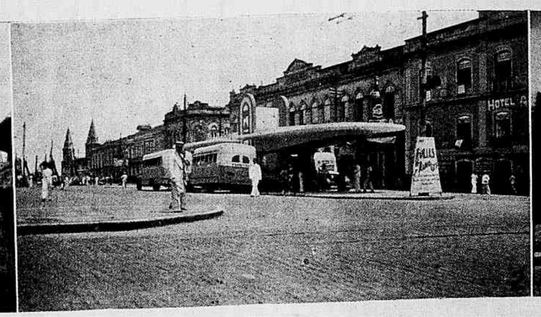
HENRIQUE DODSWORTH. — O dr. Henrique de Toledo Dodsworth é o actual Prefeito do Districto Federal. Nasceu no Rio de Janeiro em 17 de Setembro de 1895. Filho do dr. Henrique de Toledo Dodsworth e de D. Maria Luiza Franco Dodsworth, neto portanto dos Barões de Javary e dos Barões de Pedro Affonso. Formou-se em medicina em 1916, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em direito, em 1915, pela Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes. Membro effectivo da Ordem dos Advogados Brasileiros e da Academia Brasileira de Sciencias. Professor cathedratico do Collegio Pedro II. Fez parte do gabinete do Prefeito Paulo de Frontin, do Congresso Brasileiro de Ensino Secundario e Superior (1922) e da Commissão Parlamentar do Commercio que se reuniu em Paris (1930). Foi deputado federal em varias legislaturas. Nomeado Interventor no Districto Federal, assumiu o governo em 3 de Julho de 1937, sendo mais tarde nomeado Prefeito. Prestigiou os primeiros mezes da sua administração com um notavel acrescimo de rendas do municipio. Prometteu e realisou a terminação rapida das obras dos hospitaes em construcção. Em Novembro de 1937, quatro mezes depois de haver assumido o governo, apresentava a transformação radical das quatro faces do Passeio Publico. Prolongou, com um novo trecho ajardinado, a Praça Onze de Junho, mercê da demolição da Escola Benjamin Constant. Resolveu a construcção de uma nova avenida, da Urca a Copacabana, onde outras avenidas já foram realizadas. Consagrou especial attenção ao calçamento dos logradouros em innumeros bairros da cidade. Projectou a construcção de um mercado e hotel-operario na Praça da Bandeira. Em pouco mais de dois annos de governo, tem feito sentir nos mais oppostos pontos da cidade a sua administração esclarecida e resoluta, através de modificações e creações varias.

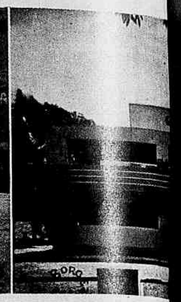
Jardim da Praça Secca, em Jacarepaguá.

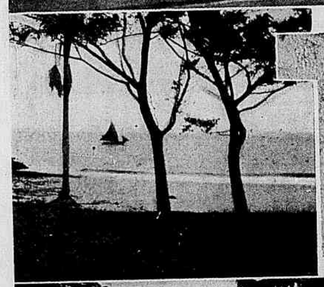


Jardim do Canal da Lagôa Rodrigo de Freitas.

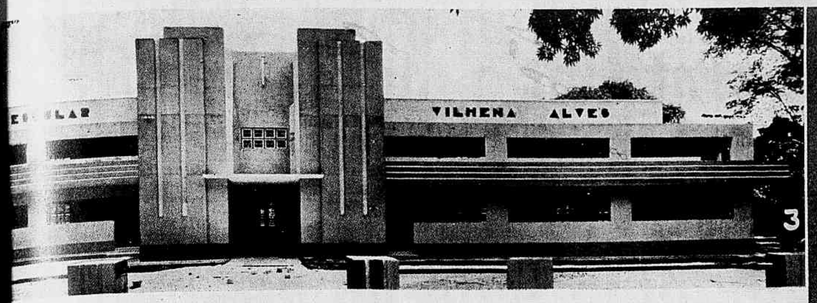


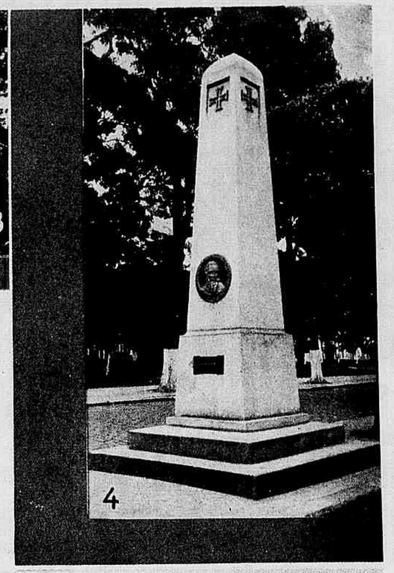


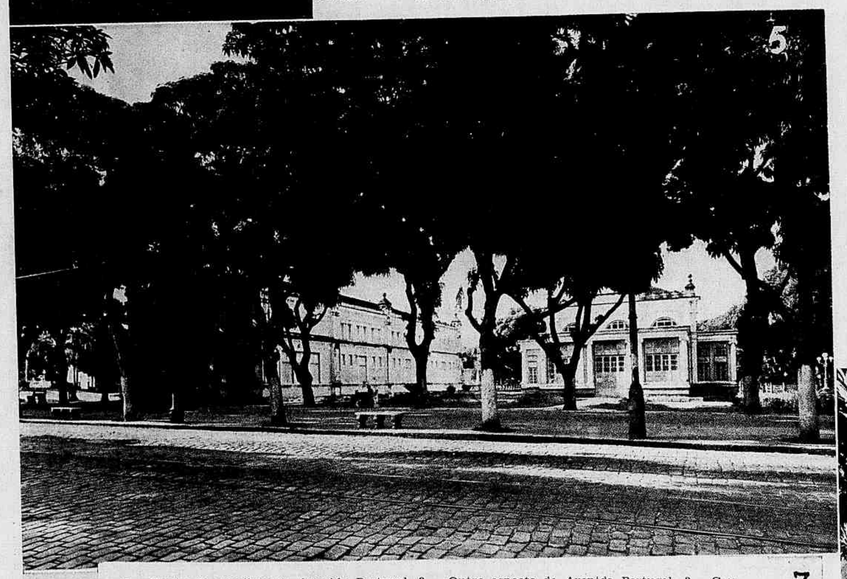




TERRA-PAAENSE







Os fundadores da cidade de Nossa Senhora de Bele
do Pará, estabelecida em principios de 1616, sobre a ba
hia de Guajará, tomaram por lemma uma inscripção d
Evangelho de São Matheus, referente á cidade de Bele
onde nasceu Christo: "NEQUAQUAM MINIMA EST" (n
modo algum és a menor). Dizer que a cidade recem-fu
dada não seria a menos importante entre as capitaes d
Brasil era uma prophecia que o futuro se encarreg
de demonstrar.

Prosperando rapidamente nos periodos colonial
monarchico, Belem ainda mais progrediu com o advent
do regimen republicano.

O bello monumento que se ergueu em homenage
á Republica foi principiado sob os auspicios do Bari
de Marajó, intendente da cidade de Belem, a 15 de No
vembro de 1890. A modelagem e a fundição respectiva
zeram-se na Europa, em face de croquis anteriormente
approvado. Ao dr. Antonio Joaquim da Silva Rosado, suc
cessor do Barão de Marajó na gestão dos negocios muni
cipaes, coube o encargo de concluir e inaugurar o mo
numento. Sobre essa bella estatua assim se expres
ram os chronistas paraenses de 1902:

"Representa um vulto de mulher, bellicosa com
Palas, altiva e majestosa na sua simplicidade heroic
lhe resalta da feição docemente energica, talhada
os moldes classicos da estatuaria grega.

Um bosque de mangueiras circumda a área vas-
ma que essa estatua domina, de pé, fitando os es-
os no seu pedestal de granito e marmore. Desperta
a emoção respeitosa o deparar-se aquella deusa im-
rel, como que docemente embevecida nas miragens
ustas da Liberdade, tão solitaria e imprevista na-
le sombrio remanso de arvores, que se alinham em
que, como rumorosas vedetas, protegendo-a do pó e
curiosidade das ruas..."

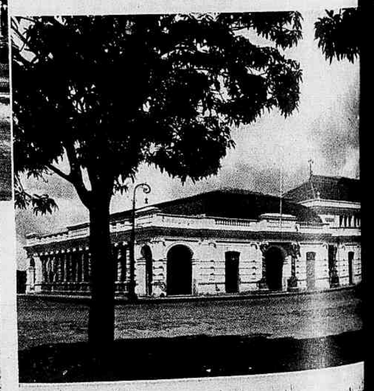
* * *

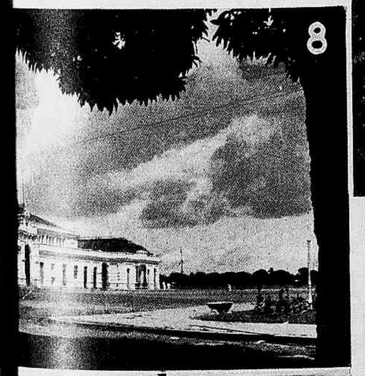
Nos cincoenta annos de Republica que commemo-
os, malgrado os periodos de crise que têm emba-
ado a vida paraense, o Pará se desenvolveu e pros-
ou.

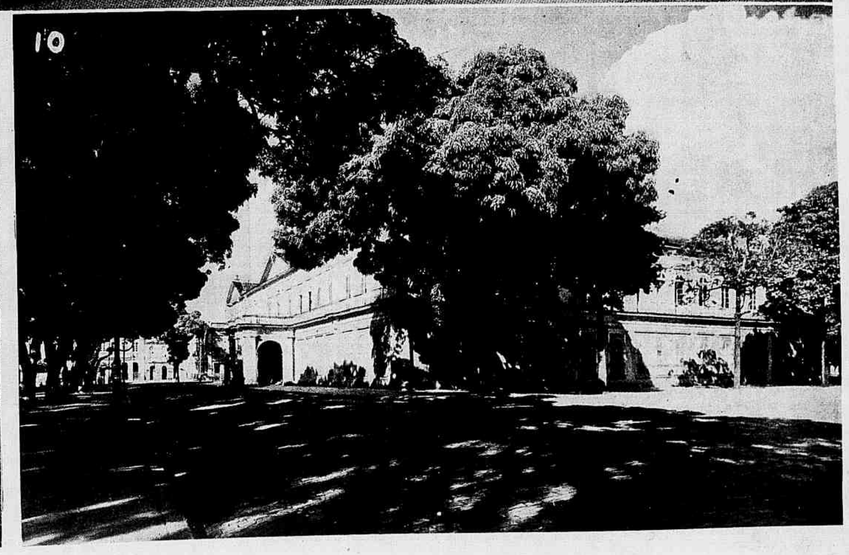
Ainda agora os seus homens de Governo realizam
horamentos de vulto, com o objectivo de attender
interesse publico.

O cinquentenario da Republica encontra na chefia
Governo do Pará o sr. dr. José da Gama Malcher e
exercicio da Prefeitura de Belem o sr. dr. Abelardo
durú.

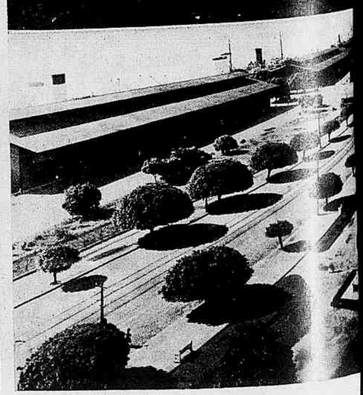
Esta pagina focalisa aspectos de Belem antiga e des-
, tambem, algumas das mais recentes realizações
actual Governo Paraense.

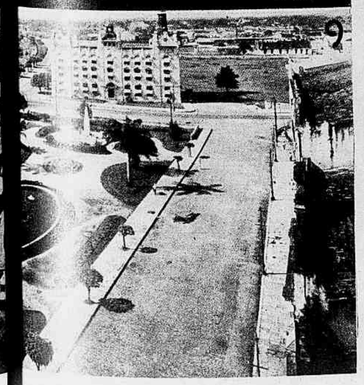






1. — Ponto de omnibus na Avenida Portugal. 2. — Outro aspecto da Avenida Portugal. 3. — Grupo Escolar Vilhena Alves (typo urbano) construcção recente do governador José Malcher. 4. — Um bello monumento da Capital Paraense. 5 — Trecho da Praça da Republica, vendo-se o Museu Commercial do Pará. 6 — A Praca da Republica, vista de um outro angulo, numa photo de 1902, na qual se destaca o monumento á Republica. 7 — Grupo Escolar Augusto Montenegro (typo suburbano) recentemente construido pelo Governo José Malcher. 8 — O mercado de S. Braz. 9 — Avenida Castilho França e trecho do Caes do Porto. 10 — A Prefeitura Municipal de Belem.



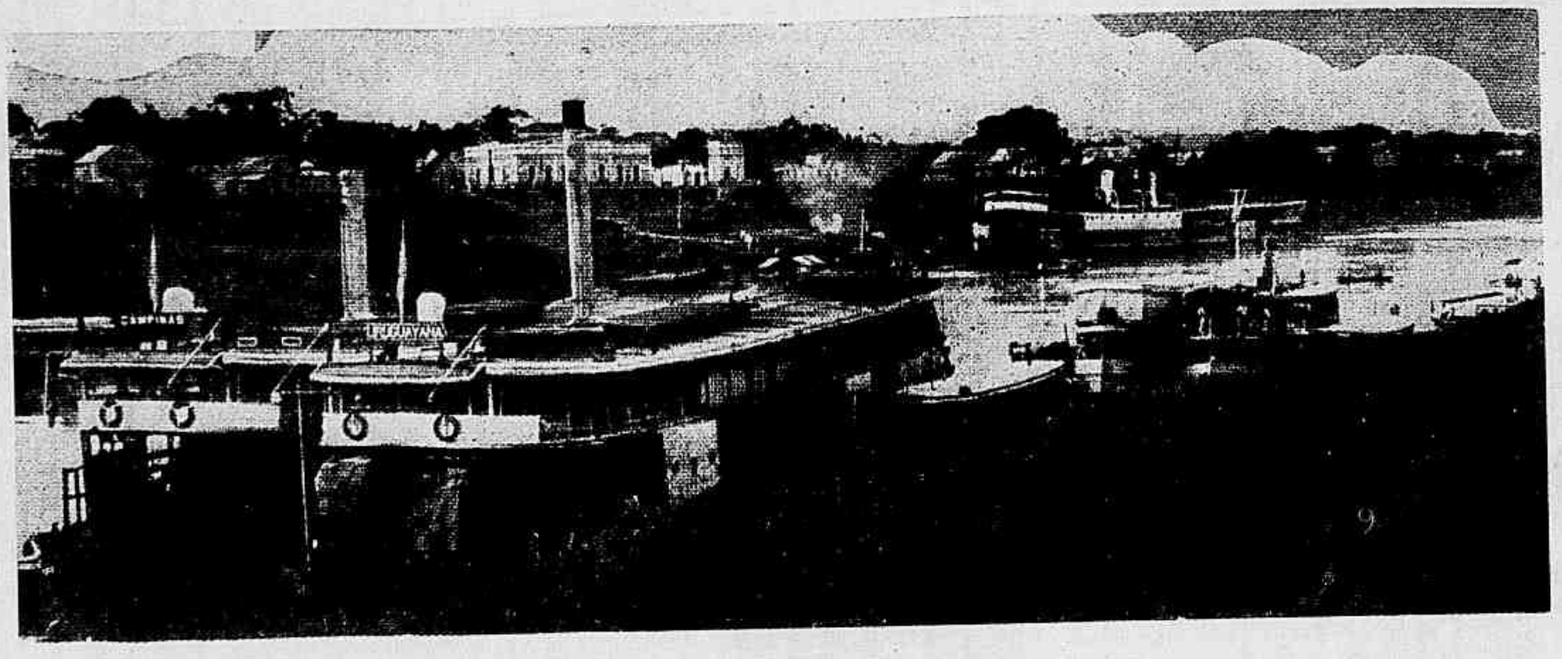


Cincoentenario da Republica

Como decorreram na capital acreana as solemnidades commemorativas.

(Do nosso correspondente)

Governador Epaminondas Martins



Aspecto do porto de Rio Branco.

Na commemoração do cincoentenario da proclamação da Republica, a cidade de Rio Branco, capital do Territorio do Acre, viveu horas de intenso enthusiasmo civico.

As solemnidades que aqui decorreram, animadas de grande ardor patriotico, foram bem uma demonstração viva desse culto eloquente que o povo acreano sempre teve pelas grandes datas de nossos fastos historicos.

Do programma de festejos, organisado para os dias 15, 17 e 19, comvém salientar a bella parada realizada pelos batalhões da Força Publica local e as sessões commemorativas que se levaram a effeito nos centros de cultura.

A cooperação da mocidade das escolas, alumnos do Gymnasio Acreano e da Escola Normal, muito concorreu para a exaltação desses vultos da Republica que dignificam a nacionalidade.

Ao registrarmos o acontecimento, não podemos deixar de assignalar, como factor principal do exito alcançado, o trabalho do dr. Epaminondas Martins, governador do Territorio, o qual, antes de seguir até ao Rio de Janeiro, afim de tomar parte na Conferencia dos Interventores, deixou todas as providencias necessarias para o maior brilhantismo das solemnidades da referida commemoração.

A' margem da REPUBLICA

Romeu de Avellar

A Republica Brasileira não foi o golpe desleal de uma conspiração de arrivistas e ambiciosos, desfechado, de improviso, sobre a cabeça de um monarcha decrepito e ingenuo. O espirito dos factos que assignalaram os primeiros surtos libertarios, até á crepitante e contaminadora campanha abolicionista, mostra claramente que o 89 republicano já trazia fluidos de forças occultas e raizes profundas e resistentes. A ideia republicana vem, por conseguinte, de um passado remoto.

A historia de todos os movimentos revolucionarios que tivemos — todos aliás de «indole republicana» — revéla as fontes reces e derivativas da quéda do Imperio. O primeiro grito contra a realeza foi dado em 1710, em Recife, por Vieira de Mello, sendo secundado dez annos depois por Felippe dos Santos em Ouro Preto. Seguem-se os demais movimentos nativistas da Inconfidencia, de Cayuru na Bahia, de 1817 em Pernambuco, da Confederação do Equador, da republica de Piratiny, no Rio Grande, e por fim a Sabinada, ainda na Bahia.

Esses movimentos, embora de feições **regionaes**, como dizem os nossos historiadores, tiveram comtudo a virtude secréta de preparar um povo mais consciente e menos reverente...

O trabalho de emancipação nunca, porém, arrefeceu nas gerações que se succediam. A ideia de independencia continuava de promptidão — como uma braza dormida.

Passa-se um largo periodo de vinte e dois annos, após o ultimo movimento regional de 1848 com a Sabinada. A braza dormida, que fôra soprada de repente, é o **manifesto de 1870**. Começa verdadeiramente ahi a campanha republicana. Tomam á frente do **club republicano**, no Rio de Janeiro, tres figuras conspicuas: Aristides Lobo, Quintino Bocayuva e Saldanha Marinho.

Em S. Paulo a labarêda principiou a lamber alto o throno distante; funda-se, um anno depois, o primeiro congresso republicano, que apresenta á opinião publica o seu valente manifesto. Depois, continuando cada vez mais accesa a campanha, a assembléa paulista vota em 78 um audacioso projecto de lei prohibindo a **entrada de escravos na provincia**. Campos Salles, Prudente de Moraes e Alvaro Botelho, este ultimo representante de Minas, são os primeiros candidatos republicanos victoriosos. O discurso de rara coragem civica programmado dentro das mais legitimas ideias republicanas, que Prudente de Moraes pronunciou em 85, no Parlamento, infundiu, porém, tal pavor no regimen monarchista que nesse mesmo anno foram dissolvidas as Camaras e nunca mais um republicano conseguiu ser eleito.

Mas um factor se apresentou mais forte que todos: o 13 de Maio, que solapou bruscamente os alicerces carcomidos do carcomido Imperio.

A queda e, por conseguinte, a immediata decadencia da aristocracia rural com a perda subita de seus milhares de escravos — unica fonte de riqueza que fazia mover as industrias agricolas do paiz — acabou por despregar a ultima treve da realeza e precipitar a victoria republicana.

Nós nascemos republicanos. O aulicismo fôra uma planta exotica vinda de Portugal e que muito mal se acclimatara no Brasil.

A Republica, quer queiram quer não, foi feita pelo povo, por indole republicano. Impingiram-nos um Imperio de reis mais ou menos aventureiros e de rainhas linguareiras e taradas.

Não podia perdurar, num paiz novo e ainda em formação moral e intellectual como o nosso, o regimen da ordem pela força, como no primeiro Imperio.

D. Pedro II, porém, deparou-se com uma geração mais brasileira. Estava fadado, por isso, a ser o nosso ultimo Imperador. Assim é que a monarchia até 1889 só fez contemporizar, chegando, por fim, á abdicação.

Conta Pereira da Silva, nas **Memorias do meu tempo**, que Pimenta Bueno, tendo ido avisar D. Pedro II dos primeiros écos da revolução, o monarcha teria replicado com pachorra: «Se os brasileiros não me quizerem mais para seu Imperador, irei ser professor».

D. Pedro II, com estas simples palavras de disfarçado humor, traçá a os seus ultimos designios.

O Exercito era republicano, ardorosamente republicanas a imprensa e a mocidade. Saldanha da Gama e Custodio de Mello, ferrenhos e declarados monarchistas, encontravam-se ausentes do paiz. Não se tinha confiança em Wandenkolk, apezar de ter sido visto a 9 de Novembro protestando a sua fidelidade ao Imperador numa reunião na Ilha Fiscal.

O largo ambiente mental já estava bem preparado pela energia guiadora e pertinaz de Benjamim Constant.

A reunião do dia 7 na casa de Deodoro foi, finalmente, o grande successo da «parada original» da aurora de 15 de Novembro.

Ainda o primeiro anniversario da Casa Jujú de Registradoras, Ltda.

Grandemente concorrida a recepção offerecida pelo sr. Léo Abrahim Dib — aos seus amigos e clientes —

Grupo feito na Casa Jujú, durante a recepção offerecida em commemoração do seu 1º. anniversario

Commemorando a passagem do primeiro anniversario da sua fundação, a "Casa Jujú de Registradoras, Ltda.", sita á rua Buenos Aires, 259, e da qual é chefe o sr. Léo Abrahim Dib, offereceu aos seus amigos e clientes uma recepção, que foi muito concorrida, tendo comparecido elementos de destaque social e do commercio.

Aproveitando a opportunidade do auspicioso evento, a "Casa Jujú" está distribuindo, a preços de occasião, as afamad s machinas NATIONAL, com a garantia de cinco annos. Os srs. commerciantes que ainda não possuem registradoras, e sobretudo os que desejam se estabelecer, têm assim um excellente ensejo de adquirir em condições as mais vantajosas as referidas machinas.

O panorama que se descortina á entrada do porto de Victoria é bellisimo, pois a bahia do Espirito Santo quasi rivalisa em pittoresco com a do Rio de Janeiro. Rochedos que pendem sobre a agua, ilhotas vestidas de verde, innumeras reintrancias do mar onde se acolhem as gaivotas, curvas inesperadas, estreitas passagens entre barrancos cobertos de lianas... bem se pode avaliar a belleza de tudo isso.

O povo espiritosantense podia ser, portanto, apenas contemplativo.

O dynamismo moderno, porém, tomou conta daquelle pedaço bucolico do Brasil, e o que se constata pelas nossas photographias é o progresso vertiginoso que impulsiona o Estado do Espirito Santo em todos os sectores.

O cincoentenario da Republica encontra na direcção desse prospero Estado o sr. capitão João Punaro Bley, e na Prefeitura de Victoria o sr. dr. Americo Monjardim, aos quaes deve a capital os melhoramentos mais recentes.

Ao alto e em baixo: duas escolas construidas e inauguradas na actual administração.

Os acontecimentos de 15 de Novembro em uma narrativa de QUINTINO BOCAYUVA

Quintino em 1887.

O doutrinador da Republica, o grande jornalista Quintino Bocayuva é um vulto que reluz, com o maior relevo, na historia da Republica Brasileira. Redactor do famoso manifesto de 1870, a sua acção em pról do novo regimen foi trepidante e intensa. Não será exaggero chamal-o o Evaristo da Veiga da Republica. Jornalista combativo, elle poz a sua vida a serviço da causa republicana e na hora decisiva da Proclamação lá estava elle a cavallo — o unico civil — ao lado de Benjamin Constant e Deodoro. A sua actuação destacada é por demais conhecida e não é sem razão que o sagrou a Historia como o «Evangelizador da Republica», cujos primeiros alicerces sua penna fulgurante construiu. E' pois opportuno trazermos para as nossas columnas o depoimento pessoal de Quintino sobre os acontecimentos de 15 de Novembro. Elles têm sido contados de differentes maneiras; d'ahi avultar o valôr de sua narrativa, feita atravez as columnas d'**O Paiz**, não pelo chefe civil da revolução Quintino Bocayuva, mas pelo Quintino Bocayuva jornalista:

«Na madrugada de 15 de Novembro de 1889, depois de uma prévia conspiração, revoltaram-se o 1.º Regimento de Cavallaria, 20.º Regimento de Artilharia de Campanha, os alumnos da Escola Militar, da Praia Vermelha, e da Escola Superior de Guerra, marchando todos para o Campo da Acclamação, onde ficaram sob o commando do general Deodoro da Fonseca.

Ao chegar em frente ao Quartel General, no Campo da Acclamação, os revolucionarios tiveram o apoio das tropas do governo que adheriram e que eram formadas pelo 10.º Regimento de Cavallaria, pelos 7.º e 9.º e 1.º batalhões de infantaria, Corpos de Imperiaes Marinheiros, Corpo de Bombeiros, Corpo de Policia da Côrte e da provincia do Rio de Janeiro. Essas tropas se mantiveram em constante evolução até ás 9 horas, ao mando do general Deodoro.

Ahi tendo permanecido durante horas senhora da praça, a força militar levantava successivos vivas á liberdade, á Nação brasileira, ao Exercito, á Armada e á Republica.

Quando ás 9 horas, intimado pelo chefe da revolução, que falava em nome do Exercito e do povo, o gabinete se declarou demittido, pediu o visconde de Ouro Preto ao general Deodoro garantia para si e os seus collegas de ministerio. O general respondeu-lhe que o povo e o Exercito não offenderiam os cidadãos destituidos do governo e que os ex-ministros podiam retirar-se na maior tranquillidade, como aconteceu. Ao ser communicada ao povo e aos militares a quéda do ministerio, levantaram-se acclamações de todos os lados á Republica brasileira e vivas estrepitosos emquanto o parque de artilharia dava uma salva de 21 tiros, com os canhões Krupp assestados para a Secretaria da Guerra.

A's 11 horas da manhã o visconde de Ouro Preto telegraphou ao Imperador, que se achava em Petropolis, chamando-o á Côrte immediatamente. Ao meio dia e um quarto D. Pedro II, acompanhado da imperatriz e dos seus servidores semanarios, tomaram o trem da estrada de ferro Principe do Grão Pará, chegando á estação de São Francisco Xavier ás 2 horas da tarde. Dahi seguiram, em côche, para o Paço da Cidade, onde chegaram ás 3 horas. Alguns minutos mais tarde, tambem chegaram o conde d'Eu e a condessa d'Eu, que se fizeram transportar, por mar, até o cáes Pharoux. A's 4 horas da tarde compareceu ao Paço o visconde de Ouro Preto em companhia do barão Miranda Reis. A sua conferencia com D. Pedro II durou apenas cinco minutos, pedindo o visconde de Ouro Preto a demissão collectiva do ministerio. Manifestou então o Imperador desejos de conferenciar com o senador Silveira Martins. Sendo informado que esse politico não se achava na côrte, disse que queria conferenciar com o general Deodoro da Fonseca, que ficou de ir ao Paço ás 6 horas da tarde, porém não foi.

A familia jantou no Paço, ás 5 horas da tarde, sendo o serviço fornecido pelo Hotel do Globo. O barão de Loreto esteve no Paço ás 6 horas, e ás 6 1/4 chegaram o barão Miranda Reis, conde Algezir e almirante Marquez de Tamandaré.

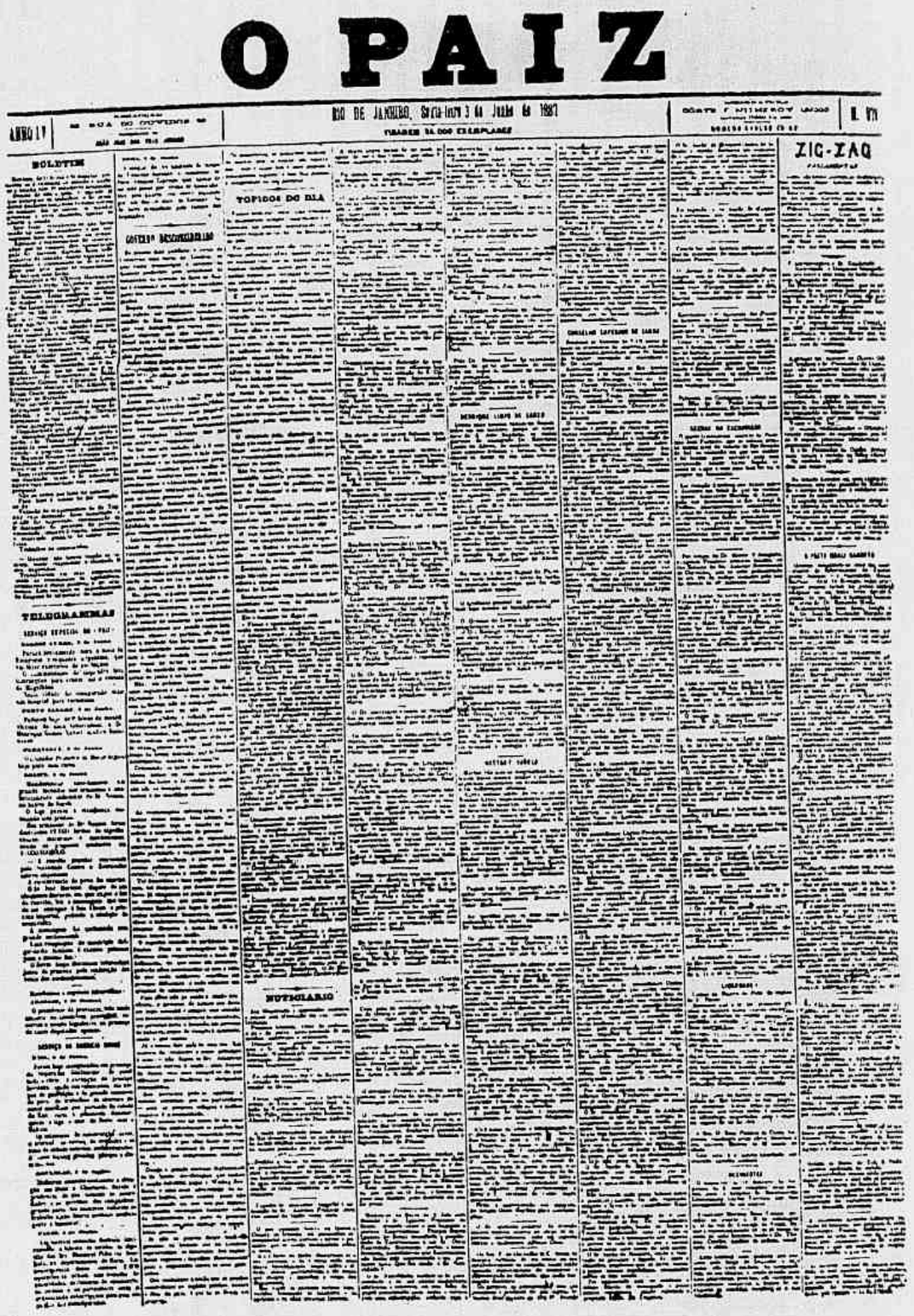
A guarda do Paço foi confiada a uma força de 70 praça do 10.º batalhão de Infantaria, com ordens terminantes de negar entrada a quem quer que fosse.

O Batalhão Naval desembarcára ás 6 horas da manhã por ordem do barão de Ladario e ao mando do capitão-tenente Quintino Francisco da Costa, para isso designado pelo proprio ex-ministro da Marinha.

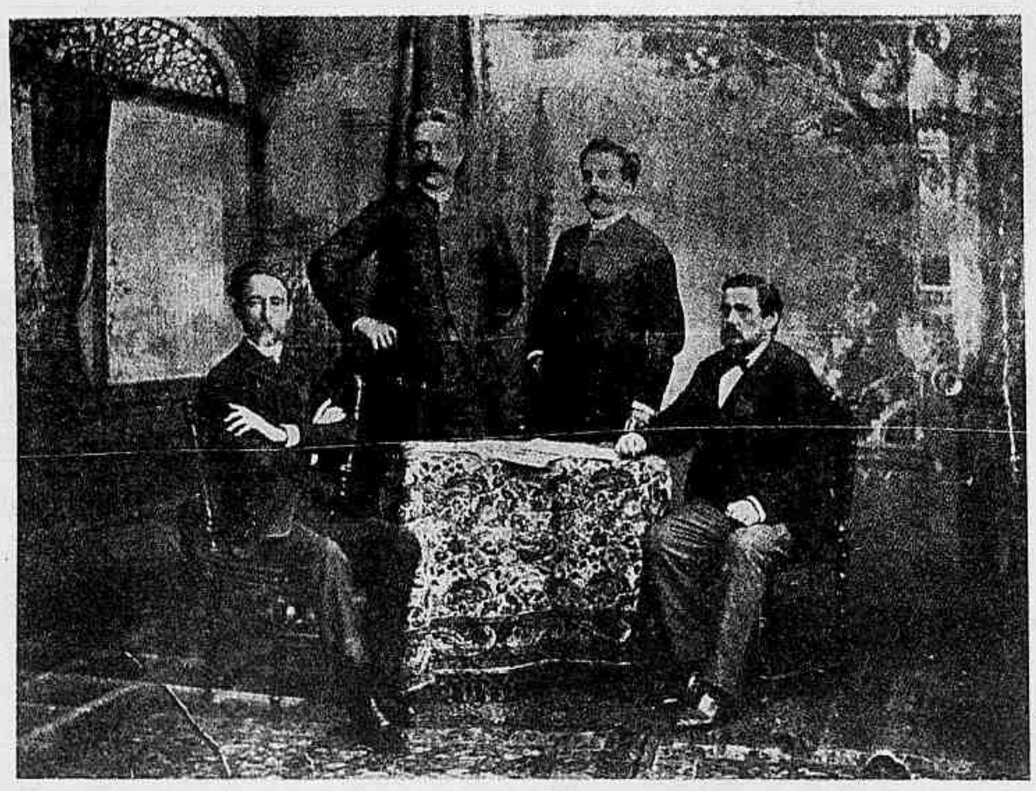
Seguindo para o Campo da Acclamação, onde já estava postada toda a força do Exercito, ficou o corpo sob as ordens do general Deodoro, formando na retaguarda da tropa de linha. Pouco tempo depois appareceram o capitão de fragata Alvarim Costa e o capitão-tenente Pestana, commandante e major dos navaes, que assumiram os seus postos. De volta do campo, depois de percorrer varias ruas, acclamado pelo povo compacto em todos os pontos, o Exercito estendeu-se em linha, que abrangeu toda a rua 1.º de Março, dando o centro para o desfile do corpo de imperiaes marinheiros e batalhão naval, os quaes constantemente foram saudados pelos seus irmãos de armas.

No Arsenal de Marinha, antes de tornarem aos seus quarteis, formaram as forças de mar e ahi compareceu o major Benjamim Constant, que declarou aos inferiores e navaes ter ido agradecer, em nome do general Deodoro, o auxilio material e moral que os dois corpos tinham prestado ao Exercito, contraternizando com elle para

Capa da "Revista Illustrada" de Angelo Agostini, de Setembro de 1891 com a seguinte legenda: "Produziu-nos a mais viva satisfacção, a agradavel surpreza que tivemos em ver reapparecer nas columnas d'"O Paiz" a penna fulgurante do eminente politico e eximio jornalista, Quintino Bocayuva. Parabens aos nossos collegas d'"O Paiz".



A edição de "O Paiz" de 3 de Junho de 1887, na qual Quintino publicou o celebre artigo "Governo desconsiderado".



Photographia rara e historica: Quintino Bocayuva e Joaquim Serra, ambos de "O Paiz", sentados; em pé, Joaquim Nabuco e o conde de Mattosinhos.

Capa da **"Revista Illustrada" de 10 de Setembro de 1881, noticiando o reapparecimento de "O Globo" sob a direcção de Quintino Bocayuva".**

que a compressão exercida contra os militares baqueasse deante da dignidade dos soldados brasileiros, que nunca mais se apartariam.

No Arsenal de Marinha o general Deodoro entendeu-se com o respectivo inspector, chefe da divisão Foster Vidal, para que mandasse abrir o portão do estabelecimento e retirar a força de marinheiros imperiaes, que formava do lado externo, o que foi feito.

O povo, encontrando no Arsenal o chefe de divisão Wandenkolk, carregou-o em braços e levou-o á presença do general Deodoro.

«A força de imperiaes que deu o desembarque esteve sempre ao mando do seu 2.º commandante, capitão-tenente Gaspar da Silva Rodrigues. Toda a força de mar desembarcou armada e devidamente municiada.

Cerca de 1 hora da tarde as forças revoltadas partiram do Campo da Acclamação pelo lado da Camara Municipal, percorrendo a rua Visconde do Rio Branco, praça da Constituição, rua do Theatro, largo de São Francisco de Paula, ruas do Ouvidor e Primeiro de Março.

Vinham á frente das tropas, montados, o general Deodoro, Quintino Bocayuva, major Benjamim Constant, e grande numero de officiaes, dos quaes muitos da Guarda Nacional. Das janellas e sacadas, das portas e ruas, era saudado o Exercito do modo mais enthusiastico, com palavras e vivas, com acenos de lenços e bandeiras.

Na rua do Ouvidor discursaram brilhantemente de varias janellas os drs. Silva Jardim e Aristides Lobo e o redactor da **Cidade do Rio**, José do Patrocinio.

Os vereadores estiveram reunidos desde ás 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, sob a presidencia do dr. Ferreira Nobre.

Chegou ao edificio da Camara ás 3 horas o jornalista e vereador José do Patrocinio, acompanhado de povo, e immediatamente foi votada a seguinte representação:

«Exmos. srs. representantes do exercito e da armada nacionaes — Temos a honra de communicar-vos que, depois da gloriosa e nobre revolução que «ipso facto», depoz a monarchia brasileira, o povo, por organs espontaneos e pelo seu representante legal nesta cidade, reuniu-se no edifico da Camara Municipal, na forma da lei ainda urgente, declarou consummado o acto da deposição da monarchia e acto seguido o vereador mais moço, ainda na forma da lei, proclamou como nova forma do governo do Brasil a Republica. Attendendo ao que, os abaixo-assignados esperam que as patrioticas classes militares sanccionem a iniciativa popular, fazendo immediatamente decretar a nova forma republicana do governo nacional. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1889».

Votada e approvada essa representação, discursou o dr. Silva Jardim. Houve um momento em que o povo pretendeu despedaçar os retratos de Pedro I, Pedro II e da Condessa d'Eu, mas usou da palavra o dr. Lopes Trovão, que aconselhou aos republicanos que não mareassem a sua victoria despedaçando retratos de brasileiros que amaram o Brasil. Immediatamente foi acolhida a idéa no meio de applausos e o povo retirou-se em completa ordem.

O governo provisorio organizado ás 11 horas se compõe do general Deodoro, do major Benjamim Constant e de Quintino Bocayuva. Por determinação dessa junta governativa assumiu as funcções de chefe de policia o major Candido José do Espirito Santo. Foram nomeados delegados de policia o major Candido José de Siqueira Campello e o capitão Australino Villarim.

A's 6 1/2 da tarde o general Deodoro ordenou ao chefe de policia que mandasse prender o visconde de Ouro Preto. A detenção foi effectuada pelo tenente Fernando Augusto da Veiga e pelo dr. Teixeira de Carvalho, que se fizeram acompanhar de um piquete de cavallaria, levando o prisioneiro ao estado-maior do 1º. regimento de cavallaria, em São Christovam. Durante todo o dia e parte da noite o povo percorreu as ruas do centro da cidade formando diversos grupos, precedidos de bandas de musica, erguendo vivas á imprensa livre, ao Exercito, á Armada e ao general Deodoro. Pacifico e ordeiro, aspirando á liberdade, o povo carioca proclamou a transformação do seu governo, sem regar a sua victoria com o sangue irmão e amigo. A's 7 horas da noite um official de cavallaria percorreu as ruas centraes da cidade, dirigindo a seguinte proclamação:

— «O general Deodoro manda dizer que o povo póde ficar tranquillo. A cidade está entregue á guarda do 7º. batalhão de infantaria e morrerá o ousado que tentar arrombar uma porta».

O unico incidente desagradavel deste dia foi o occorrido com o barão de Ladario, ex-ministro da Marinha. A's 7 horas da manhã, o barão atravessava o campo da Acclamação, canto da rua São Lourenço, para dirigir-se ao edificio do quartel do 1º. regimento de infantaria, onde estavam já prisioneiros das forças revolucionarias os seus ex-collegas de gabinete. Reconhecendo-o, o general Deodoro ordenou ao official ás suas ordens, tenente Pena, que o intimasse a recolher-se preso á sua ordem. Parando o coupé pela opposição que o povo lhe offereceu, o barão abriu a portinhola e saltou, recebendo do official a ordem alludida. A ella respondeu o ex-ministro da Marinha, tirando de um revólver que desfechou contra quem o intimava. Mas a arma negou fogo e, antes que o barão de Ladario a disparasse de novo, em defesa de sua vida o official tambem tirou do seu revólver e o disparou cinco vezes. Nesse momento o povo e praças de varios corpos vieram sobre o ex-ministro, que já estava ferido, valendo-lhe o alludido official que não consentiu que o matassem. Transportado pouco depois em uma padiola para o palacete do finado conde de Itamaraty na rua Larga de São Joaquim, o dr. João Cancio medicou o ferido, logo depois soccorrido tambem pelos drs. barão de Pedro Affonso e José Pereira Guimarães, os quaes constataram os seguintes ferimentos: uma ferida contusa na testa, duas feridas na coxa esquerda e contusões na perna do mesmo lado e um ferimento por bala na região sacro-illiaca direita.

Durante toda a noite de 15 de Novembro o Paço da Cidade foi circumdado por um contingente de carabineiros do 1.º regimento de cavallaria, sendo guardada cada porta do edificio por tres praças. D. Pedro pernoitou no Paço, ficando incommunicavel, sendo prohibida a entrada a toda e qualquer pessoa nesse edificio. O Senado reuniu-se, mas não delibe ou. Não se reuniu a Camara dos Deputados.

De noite, já organizado o novo ministerio e p oclamada a nova forma de governo, foi lavrado o decreto n. 1 declarando promulgada a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brasil.

O decreto tem a data de 15 de Novembro de 1889 e traz as assignaturas do marechal Manuel Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisorio — Aristides da Silveira Lobo, ministro do Interior — Ruy Barbosa, ministro da Fazenda — Quintino Bocayuva, ministro dos Estrangeiros — Benjamim Constant, ministro da Guerra — Eduardo Wandenkolk, ministro da Marinha.

Por estarem ausentes da capital, deixaram de assignar o decreto os drs. Campos Salles, ministro da Justiça, e Demetrio Ribeiro, ministro da Agricultura.

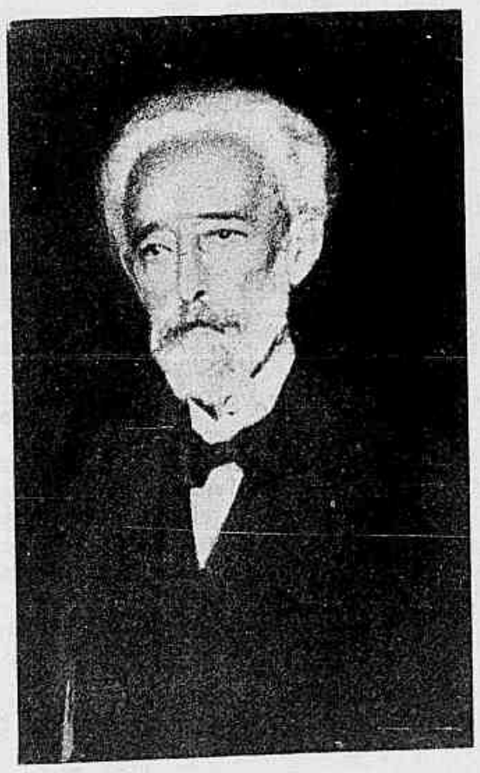
Ficou, assim, proclamada a Republica, em 15 de Novembro de 1889.»

A 20 de Março de 1886 a "Revista Illustrada" publicava esta capa, com a seguinte legenda: "O illustre collega Quintino Bocayuva, irritado de vêr quão perniciosa é a febre amarella para o paiz, pinta este com as mais negras côres: as da escravidão! O quadro é dedicado aos poderes publicos. Mas estes olham para elle, como se fôra para um palacio".

"NO CAPITOLIO"

(Artigo de Quintino Bocayuva, publicado n' "O Paiz", em 14 de Novembro de 1889)

Triumphante em toda a linha, embriagado pelas suas successivas victorias; orgulhoso pelos resultados surprehendentes de sua habilidade politica, o honrado sr. presidente do Conselho o enclyto sr. Visconde de Ouro Preto acredita haver, de um só golpe, assegurado o throno nos seus alicerces e a sua estatua no pedestal da immortalidade. Moysés fez brotar a lympha de um rochedo afim de saciar a sêde do seu povo; o sr. presidente do Conselho fez brotar do Thesouro, até então ávido e seco, a caudal corrente de ouro. Que se desalteram ávidos e sequiosos os clientes, os amigos de s. excia., encantados deante do prodigio e entoando os hymnos do seu contentamento em verdadeiro extasis. Diante da grandeza do genio do estadista sem par cuja gloria vae ser perpetuada em um symbolo plastico. Sob o ponto de vista artistico e decorativo estamos longe de desapreciar essas commemorações concretas que se corporificam em monumentos ostentosos, sempre admiraveis como obras d'arte, quando são confiadas a bons artistas. Mas sob o ponto de vista moral merecem-nos muito mais apreço as estatuas arruinadas dos cidadãos modestos, laboriosos, honrados, patriotas, que são para a geração do seu tempo exemplo vivo de solidas virtudes e cujo nome projecta-se na historia como um raio luminoso afogando a memoria e a consciencia dos posteros, quando contemplam, na observação serena dos factos, a influencia moral exercida por esses heroes abnegados — symbolos sagrados que se tornam o patrimonio commum das gerações sobreviventes.



Quintino em uma das suas ultimas photographias.

Enriquecer não é certamente nem a unica nem a mais nobre preoccupação do homem; e tratando-se de uma nação não é certamente a riqueza a melhor garantia do seu poder e de sua gloria.

A historia nos offerece disso mais de um exemplo. Nações favorecidas pelos mais surprehendentes progressos materiaes têm tido as suas entranhas corroidas pela peor das corrupções e se hão esboroado, apesar da sua opulencia e da sua grandeza. O espectaculo a que assistimos revela bem qual é a indole da politica liberal do gabinete presidido pelo sr. Visconde de Ouro Preto, e sejam quaes forem as suas apparentes victorias, seja qual fôr o grão do enthusiasmo artificial dos seus adoradores, será bem cego o que não veja trasluzir no horizonte da patria a estrella solitaria do patriotismo ainda meio encoberta pela caligem das ambições revoltas que sóbem até o throno como um vapor espesso e asphyxiante, mas luz que ha de espancar as trevas desta situação, preta na sua indole e na sua expressão, nos seus designios e nos seus actos, até sanificar pelo influxo dos seus raios a atmosphera empestada que nos rodeia.

A hora presente é a do triumpho: a hora successiva ha de ser a da sua derrota.

Hoje no Capitolio, mas amanhã na rocha Tarpeia, o sr. Visconde de Ouro Preto não é e não será mais do que a sinistra reproducção de outros typos identicos dos quaes guarda a historia a mais execravel memoria.

COMO CHEGARAM AO RIO AS PRIMEIRAS NOTICIAS VINDAS DOS ESTADOS, SOBRE A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

Socorremo-nos da edição (a 1.ª, pois nesse dia o sympathico vespertino publicou uma 2.ª edição) de 1889 da "Cidade do Rio" de José do Patrocinio para fixar este interessante aspecto dos acontecimentos. No pé da primeira columna da segunda página a "Cidade do Rio" divulgou a seguinte noticia:

"NOS ESTADOS"

As noticias que nos vêm são as mais satisfactorias.

Onde quer que chegue, a nova do grande movimento libertador de hontem tem sómente encontrado adhesões.

As opiniões contrarias, si por ventura houver, o que é de toda a probabilidade, limitar-se-hão sem duvida ao silencio.

Exercito e Armada são alentados em toda a parte pelo mesmo espirito.

O povo acompanha-os, enthusiastico, dando expansão ás suas unicas e verdadeiras crenças abafadas até então pela corrupção e oppressão do regimen passado.

Por emquanto, apenas de alguns estados, recebemos communicação.

Resumamos:

Rio de Janeiro

Em Campos, apenas chegou a noticia dos acontecimentos da côrte, o povo reuniu-se no paço da Camara Municipal, e instituiu um governo provisorio composto dos cidadãos Nilo Peçanha, Antonio Francisco Ribeiro e Pedro Tavares, sendo confiada a vigilancia e a força publica ao tenente Cunha Telles, commandante do destacamento.

O enthusiasmo foi extraordinario.

S. Paulo

Tambem foi recebida com grande enthusiasmo a noticia de que se havia proclamado, aqui, a Republica.

O povo agglomerou-se nas ruas.

A tropa adheriu.

Reunidos os chefes republicanos, constituiu-se um Governo provisorio, composto de Rangel Pestana, Prudente de Moraes, coronel Mursa e Pereira Barreto, notaveis cidadãos paulistas.

Minas Geraes

Na cidade de Juiz de Fóra foi tambem recebida com grande enthusiasmo. Organizaram-se festas. O povo sahiu para as ruas e a ordem conservou-se inalteravel.

Espirito Santo

Grande numero de adhesões se manifestaram, ficando o estado na espectativa.

É provavel que, á hora em que escrevemos, reine o maior enthusiasmo, sem a menor resistencia da parte dos partidarios do regimen passado.

Alagoas

O 26.º batalhão de infantaria adheriu ao movimento.

Nenhum movimento contrario.

Pernambuco

No Recife, está triumphante a causa republicana.

O até então presidente declarou não resistir. A tropa e o inspector do Arsenal de marinha são favoraveis.

UM VULTO DE MULHER NA AGITAÇÃO REPUBLICANA

Uma figura de mulher viveu, tambem, a agitação republicana, nas ruas e nos comicios, perdida no seio da multidão fremente de enthusiasmo. Chiquinha Gonzaga, essa perdularia de talento musical, grande na musica brasileira, foi um temperamento ardoroso, enamorada das grandes lutas.

Chiquinha Gonzaga

Na campanha abolicionista ella trabalhou com vigôr extraordinario, ao lado de Patrocinio, combatendo a escravidão com toda a sua coragem e energia. E na campanha republicana ella foi, sempre, a companheira de Lopes Trovão, comparecendo aos seus comicios, a maioria dos quaes tumultuarios. Era uma fetichista da Republica. Sua alma, avançada demais para a epoca, tinha a extranha soffreguidão pela liberdade e era trabalhada pela volupia ansiosa que fazia de sua vida um alvoroço. Suas musicas bem reflectem essas tendencias do seu espirito, para o qual eram fracas demais as algemas dos preconceitos. Foi esse o vulto de mulher que na manhã clara de 15 de Novembro trepidava em delirios de contentamento, assistindo ao desenrolar dos factos no Campo de Sant'Anna e correndo pela rua do Ouvidor aos gritos de «Viva a Republica!» Ella era bem a voz do enthusiasmo das multidões que gritava pela sua bocca! Ha quem affirme que ella chegou a fazer comicios — mas o que é certo é que Chiquinha Gonzaga foi o vulto de mulher que passou, transbordante de vibrações civicas, pela agitação republicana. Passou — mas não ficou porque a memoria dos homens que escrevem é mais ingrata do que a dos que lêem...

Banco Ribeiro Junqueira

Em nossa edição de 4 do corrente, por um equivoco de composição, figurou esse grande estabelecimento bancario, um dos mais solidos e conceituados do Brasil, cuja Matriz é situada em Leopoldina (Minas) como tendo depositos no total de 58:000$000. O leitor intelligente compreendeu logo o equivoco, mas deixamos aqui a nossa retificação: o montante dos depositos no citado banco vai 58.658:022$700, sendo de 6.000:000$000 o capital e subindo a 72:000$000 o respectivo fundo de reserva. Faz todas as operações bancarias com excepção de cambio: depositos em c/c movimento, popular, aviso previo, prazo fixo, etc. Endereço telegraphico Rijubo. Carta patente 1937 de 7-2-939. Alem de sua conhecida filial no Rio de Janeiro, á rua General Camara 64, telephone 23-4113, tem agencias em Porto Novo, Recreio e Silvestre Ferraz, no Estado de Minas; Barra Mansa, Itaperuna, Miracema, Petropolis, Porciuncula, Rezende e S. Fideles, no Estado do Rio; Muquy, no Espirito Santo, alem de escriptorios em Palma e Francisco Salles, no Estado de Minas; Padua e Pureza no Estado do Rio e João Pessôa no Espirito Santo.

Outro nome de projecção nos acontecimentos de 1889 votado ao esquecimento: Aristides da Silveira Lobo. Começamos por fazer uma rectificação: elle não nasceu em Alagôas, como é corrente, e sim na Parahyba, na cidade de Mamanguape. Jornalista e politico, nasceu em 1838 e falleceu em 1896 em Barcelona. Em 1859 bacharelou-se em direito na Faculdade de Recife e foi um dos que assignaram o famoso manifesto de 1870. Ardoroso republicano, muito escreveu em pról da causa que triumphou em 1889, de cujos acontecimentos participou com destaque. Foi o ministro do Interior do Governo Provisorio (1889 a 1890), deputado á Constituinte pelo Districto Federal (1890 a 1892) e senador federal de 1892 a 1896. Foi redactor dos jornaes: **Iris Academico**, em Pernambuco; **A Republica**, **O Intransigente** e **O Republicano** no Rio de Janeiro; collaborou no **Cruzeiro**, na **Provincia de S. Paulo** e no **Diario Popular**. Aristides Lobo gozava do maior prestigio entre os chefes da Revolução e a sua indicação para a pasta do Interior foi acatada por unanimidade por todos os **leaders**, quer os civis quer os militares.

BENJAMIN CONSTANT NA OPINIÃO DE AFRANIO PEIXOTO:

"Venceu sem violencia, como devem vencer as ideias. Por isso é benemerito e glorificado, emquanto se esquecem os violentos e os possessos..."

"...quanto deve a Nação Brasileira ao seu patriotico Exercito"

"A bôa ordem, a disciplina e a fraternal convivencia que reinaram nas fileiras do Exercito, o inexcedivel heroismo com que se houve em tantas campanhas em prol da integridade e da honra da Patria, onde as suas armas sempre vencedoras traçaram as mais brilhantes e honrosas paginas da nossa historia, são inolvidaveis provas do quanto deve a Nação Brasileira ao seu patriotico Exercito".

(Ordem do dia de Benjamin Constant ao deixar o cargo de Ministro da Guerra.)

UM CARACTER!

"Considero-me sobejamente retribuido de todos os serviços prestados á minha Patria por uma recompensa que nem o Povo, nem o Exercito, nem a Armada me poderão dar nem tirar: a de ter cumprido com o meu dever de cidadão, a satisfação intima de ter contribuido com toda dedicação, com todos os recursos de minha fraca intelligencia, fazendo mesmo o maior de todos os sacrificios, arriscando o bem-estar de minha familia, assim como o de meus amigos que me acompanharam nesse glorioso dia em que meus esforços foram coroados do mais brilhante exito".

(Palavras proferidas por Benjamin Constant, em sua residencia, após a sua aclamação a general de brigada, apezar dos seus protestos).

DEODORO NO JULGAMENTO DE BENJAMIN CONSTANT

"Peço-vos que, constantemente guiados pelo santo amor da Patria, vos inspireis no exemplo do invicto general Manoel Deodoro da Fonseca, cuja espada gloriosa firmou a Republica em nosso paiz, tornando-se assim para sempre benemerito".

(Do discurso pronunciado por Benjamin Constant, na Escola Militar, a 24-5-1890, ao entregar a bandeira que suas filhas bordaram e offereceram á mesma Escola).

—oOo—

"Pertenço á Familia, ao Exercito e á Patria — por quem me sacrificarei, se preciso fôr. Quero ver o Exercito respeitado e inteiramente respeitador, como garantia da segurança da manutenção da ordem e tranquillidade publicas, e trabalhando condignamente para o engrandecimento da Patria".

(Do discurso pronunciado por Benjamin Constant, no Club Militar em 9-11-1890, quando falou em publico pela ultima vez).

NÃO QUERO VOLTAR MAIS para o collegio!

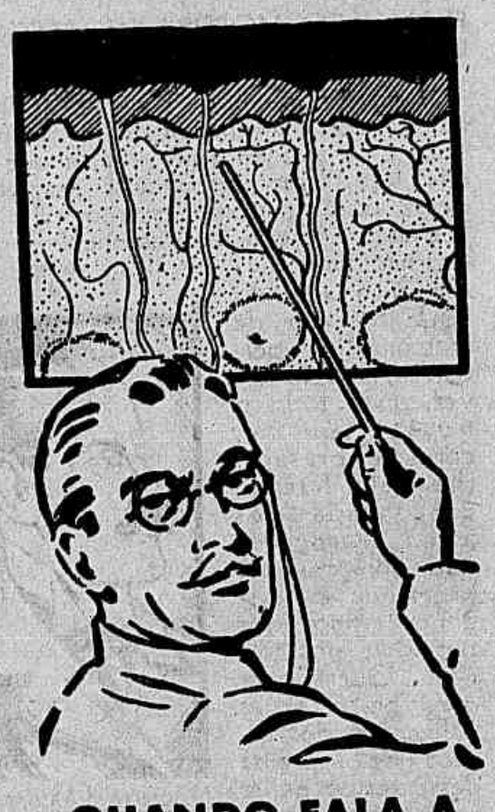
A fraqueza physica e a debilidade geral é que lhe dão essa impressão de inferioridade perante as collegas. No periodo escolar é preciso fortificar as crianças com o Biotonico Fontoura, o fortificante ideal, recommendado pela medicina brasileira. O Biotonico Fontoura restaura as energias physicas e mentaes.

MEDICOS ILLUSTRES O RECOMMENDAM:

O professor Rocha Vaz, da Universidade do Rio de Janeiro, affirma: "Tenho empregado constantemente em minha clinica o Biotonico Fontoura e tal tem sido o resultado, que não me posso furtar, á obrigação de o receitar".

BIOTONICO FONTOURA

O mais completo fortificante



QUANDO FALA A
SCIENCIA

Cumpre ouvir-lhe a advertencia. A pelle flacida, sem viço, é começo de velhice precoce. O uso do Creme Rugól, em massagens diarias, fortalece os tecidos e envigora a epiderme, porque Rugól se infiltra até ás camadas sub-cutaneas, agindo como revitalizador. Com Rugól a pelle se conserva sadia, sem cravos, espinhas, manchas e rugas.

Creme RUGÓL

ALVIM & FREITAS, LTDA. - S. PAULO

SAMPAIO FERRAZ

Ardoroso e vibrante, João Baptista de Sampaio Ferraz era uma das vozes que mais alto gritavam pela implantação do regimen republicano no Brasil. Na imprensa e nos comicios publicos, Sampaio Ferraz constantemente apparecia, com a sua bella estampa, electrizando os que o ouviam, pelo ardor de sua palavra fluente e arrebatando os que o liam pela força inflexivel dos seus argumentos. O grande golpe de 15 de Novembro encontrou-o em actividade, desde o primeiro instante, e mal o marechal Deodoro organizou o Governo Provisorio entregou-lhe a Chefia da Policia do Districto Federal, exercida, nas primeiras horas da eclosão do movimento, pelo capitão Antonio Vicente do Espirito Santo.. E Sampaio Ferraz provou, no alto cargo, que o vendaval de enthusiasmo que soprava sobre sua acção nascia do idealismo mais puro. Trabalhou com uma dedicação impressionante e realizou uma obra admiravel na Chefia de Policia. Combateu, de frente, os então famosos «capoeiras», tabu ante o qual a policia do Imperio se mostrara impotente, e assumiu attitudes com as quaes se impôz rapidamente á admiração de todos os brasileiros. Eleito deputado por esmagadora maioria, depois que deixou o cargo, visitou, findo o seu mandato, a Inglaterra. Campos Salles, na Presidencia da Republica, mandou chamal-o nesse paiz para voltar a occupar a Chefia da Policia, posição em que se manteve, de novo, de 1896 a 1899. Em 1912, attendendo a insistentes appellos de amigos, voltou a pleitear uma cadeira na Camara dos Deputados. Depois recolheu-se á vida privada, vindo a fallecer, aos 63 annos de idade, a 4 de Março de 1920, na casa em que residia, á rua Correia Dutra 160.

MAJOR SOLON

A actuação de Frederico Solon Sampaio Ribeiro ou, antes, do Major Solon, no movimento revolucionario que derrubou a Monarchia, foi das maiores e das mais efficientes. Esse bravo commandante interino do 2.º regimento de cavallaria foi quem precipitou a Revolução, com a sua comprehensão nitida da psychologia do momento, no memoravel acontecimento historico. Desde o primeiro instante a sua acção se fez sentir: trepidante, nervosa, apaixonada. Já elle tinha pronunciado na vespera aquella celebre phrase que a Historia recolheu: «Amanhã, ou nunca!» referindo-se á explosão do movimento no dia 15. E em plena revolução, quando ainda não tinha sido dado o grito libertador, foi elle que, dirigindo-se a Deodoro, no Campo de Sant'Anna, exclamou: «A minha espada não se embainhará, emquanto não fôr proclamada a Republica!» Grande espirito esse que trabalhou pelo ideal que o empolgava e que serviu o Brasil, sempre, com amôr e dedicação. A folha de serviços do Major Solon é das mais brilhantes. Nascido em 1842, no Rio Grande do Sul, filho do coronel Victorino José Ribeiro, aos 15 annos alistou-se nas fileiras do Exercito e participou da guerra do Paraguay, destacando-se pela sua bravura. Nas batalhas de 2 e 24 de Maio, no Passo da Patria, elle portou-se como um heróe. Veiu do Paraguay glorificado no seio da tropa e aqui sempre se impôz pela sua lealdade e pela sua energia. A Republica, que elle ajudou a construir, em paga dos seus serviços proporcionou-lhe grandes dissabores. E a 10 de Janeiro de 1900 elle morreu, general de Divisão, no Pará. A posição do Major Solon no movimento libertador de 15 de Novembro é entre Benjamin Constant e Deodoro. Culturar o seu nome nesta hora de evocações é um dever para os que festejam sinceramente o advento republicano no Brasil!

Por que soffrer dos
CALLOS?
Eliminam-se com facilidade.
Applique-lhes ao deitar-se a POMADA MÁGICA DE HANSON. Ao levantar-se, mergulhe o pé em agua quente e o callo sahirá sem dor.

LABIOS FASCINANTES DEPENDEM DE
Michel

● Os homens são naturalmente attrahidos pelos labios frescos e tentadores, pelos labios que ostentam belleza com o baton MICHEL. O baton MICHEL é feito á base de um creme que rejuvenesce e avelluda os labios, tornando-os frescos e juvenis como os de uma creança. Comece hoje mesmo a usar o baton MICHEL e permitta-lhe mostrar como seus labios pódem ser realmente lindos e seductores.

8 CORES QUE EMBELLEZAM

BLONDE, CHERRY, VIVID, BRUNETTE, CAPUCINE, SCARLET, RASPBERRY, CYCLAMEN

3 TAMANHOS: DE LUXO GRANDE — POPULAR

Para completar sua maquillage, use os demais productos Michel: pó de arroz, rouge adherente e cosmetico para os olhos, á prova d'agua.

OFFERTA ESPECIAL

dos distribuidores:
LUIZ HERMANNY FILHO & CIA. LTDA.
SEC. ATACADO - CAIXA 247 - RIO
** Incluo 3$000 para receber um baton Michel*
NOME.....
ENDEREÇO.....
** Indique seu typo: louro ou moreno.*
E 394

A importancia deve ser remettida em vale postal

GENERAL FRANCISCO GLYCERIO

Desde 1878 Glycerio era o cerebro do movimento republicano em S. Paulo. Em torno delle congregavam-se os que sentiam enthusiasmo pela ideia nova que assaltava e envolvia os que sonhavam um Brasil maior, liberto do regimen archaico. E, resoluto na sua ideologia, Glycerio muito trabalhou na propaganda da Republica. Sua vida é a photographia nitida de um grande esforço. Nascido em Campinas, em 1846, Glycerio quiz seguir a carreira de direito, mas não poude vencer as difficuldades que o cercaram e viveu, no interior de S. Paulo, como photographo alguns annos. Praticou, depois, em um escriptorio de advogado, foi professor primario e, por fim, exerceu a advocacia em sua terra natal. Encabeçando o movimento republicano na terra bandeirante, com Campos Salles e outros, destacou-se pelo seu desassombro e pela sua energia. Nas vesperas do 15 de Novembro elle veiu para o Rio e participou das conferencias dos conspiradores, no Instituto dos Meninos Cégos, onde residia Benjamin Constant, e em casa do marechal Deodoro. Acompanhou de perto o movimento do dia 15 e foi o segundo ministro da Agricultura do Governo Provisorio. Na presidencia Floriano Peixoto foi o **leader** da maioria da Camara dos Deputados; em 1893 fundou o partido republicano federal, trabalhando pela candidatura Prudente de Moraes, e em 1897, incompatibilizando-se com este, afastou-se da actividade politica, a ella retornando em 1902, eleito senador. Glycerio foi um batalhador sincero da causa republicana e é com justiça que seu nome se inclue entre os que mais se distinguiram na formação da mentalidade republicana entre nós.

O REPORTER DA PROCLAMAÇÃO

Clamorosa injustiça votar-se ao esquecimento, nesta hora em que o alvorecer da Republica revive nas commemorações do seu cincoentenario, o nome de Ernesto Senna, o grande reporter da Proclamação. Senna, habil profissional de imprensa, foi no seu tempo um grande reporter, com a noção exacta de sua missão, sabendo vêr os factos e descobril-os nos seus detalhes. Conhecendo e convivendo de perto com os homens, que fizeram a Republica, quer os civis quer os militares, Ernesto Senna acompanhou grande parte da propaganda e nella não deixou de collaborar, sempre com aquella sua perspicacia e seu dynamismo invejaveis. Os acontecimentos que se desenrolaram desde a noite de 14 e avançaram pela madrugada de 15 até á apotheose da proclamação do novo regimen no Campo de Sant'Anna tiveram nelle o seu grande chronista, pois elle tudo viu, multiplicando-se para correr aos differentes quarteis e reuniões, e colher as notas que transformava no largo e brilhante noticiario que o seu jornal publicou. Entre as obras, de palpitante interesse, que Ernesto Senna escreveu, ha a destacar as suas «Notas de um Reporter» e «Deodoro», trabalhos suggestivos e que encerram magnifico documentario da epoca. D'ahi o titulo a que elle faz jus de «O reporter da Proclamação». Não lhe recordaram o nome, agora nas festas evocativas. Até nisso elle foi o grande reporter — o homem que tem o curioso destino de narrar as glorias dos outros sem se lembrar de que elle será sempre esquecido...

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não acceite imitações. Preço: 3$000.

O preço da *Revista da Semana* em todo o Brasil é 1$500 por exemplar. Recommendamos aos nossos leitores que, salvo nota em contrario na propria *Revista*, não paguem mais, em qualquer parte do interior, ainda que se encontrem diante de revendedores.

A Republica e o Theatro

Ruben Gill

Pontos de contacto entre João Caetano e Deodoro === Floriano, consolidador do Regimen, reclama ao Congresso meios de crear e provêr o theatro === A interprete da figura da Republica no palco e o artista que apresentou, na scena, o typo do Proclamador.

NÃO é aquelle que peregrina pelos archivos, desdobra as collecções de jornal, desfaz os amarrados de manuscriptos, o historiographo efficiente nas evocações da vida da scena.

A chronica dos fastos theatraes cincoentenarios, entre nós, é ainda obra verbal...

E mais: no caso de adventos ao alcance de testemunho da geração artistica, tambem não ha proveito em recorrer á **interview**.

A primeira faculdade a decahir nos profissionaes da ribalta é a memoria.

Cogitando reconstituir, nas suas relações com o palco, os acontecimentos de 1889, escusa o interessado de se dirigir a algum dos pensionistas do Retiro de Jacarepaguá...

Têm ahi porque não fomos entrevistar para esta pagina a actriz Candelaria Couto — unica sobrevivente de quantos interpretes teve a primeira peça em que appareceu o Proclamador da Republica, como se dirá linhas adeante.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

E' da mais simples justiça consignar que do mesmo modo como o theatro, por seus escriptores, por seus artistas e alguns empresarios, sempre se mostrou sympathico á Republica e se empregou a fundo na sua propaganda, o Regimen tem se manifestado attento e favoravel ao theatro.

Deodoro, o primeiro presidente, inaugurando com a presença do seu Estado-Maior — a 3 de Maio de 1891, defronte ao antigo edificio da Escola de Bellas Artes, no Becco do Thezouro — o monumento de João Caetano, descerrou com as suas mãos a bandeira que envolvia a estatua e abraçou Francisco Correia Vasques, que o saudou assim:

Rose Villiot. (Photographia executada em 1889).

Dias Braga — retrato por Bento Barbosa, feito na data de que trata a reportagem

«Entre João Caetano dos Santos e Manoel Deodóro da Fonseca existem grandes pontos de contacto: ambos filhos do povo, ambos militares, combateram pela defesa da patria, offerecendo-lhe o seu sangue e a sua vida no campo de batalha. Como actor João Caetano representou toda a sua vida deante de um povo que o acclamou rei da scena, e vós, representando o drama que tem por titulo **15 de Novembro**, fostes acclamado por este mesmo povo presidente da Republica.»

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

O marechal Floriano, quando na presidencia da Republica, em Mensagem ao Congresso evidenciou directamente seu apoio ao theatro dizendo: «A expansão das artes não é ainda no Brasil tanta quanto possa desejar um povo verdadeiramente culto e progressista, e seguro estou de que não olvidareis esse assumpto do qual são inseparaveis a creação e manutenção do theatro nacional, medida aliás por tanto tempo aspirada e discutida. Espera o governo que a vossa intuição sobre esta materia dotal-o-ha de meios de crear e provêr tão util instituição.»

Seria clamoroso **parti-pris** com o Regimen deixar de lembrar o apreço e auxilio dispensados ao theatro pelos presidentes Rodrigues Alves — que determinou a construcção do Theatro Municipal — Affonso Penna — quando fez construir e funccionar o Theatro João Caetano, no recinto da Exposição Nacional, em 1908 — Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Epitacio Pessôa, Washington Luis e Getulio Vargas que, principalmente com o incentivo constante da officialisação de temporadas, jámais descuraram o theatro.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Ainda sabendo ser o titulo de uma revista de Valentim Magalhães e do sr. Filinto de Almeida **Abolindemrepcotchindegó** — estreada a 18 de Janeiro de 1889 no Theatro Lucinda, que existiu á rua do Espirito Santo 24, até ao anno de 1909 — constituido das primeiras syllabas dos assumptos empolgantes na época: **Abolição, Indemnisação, Republica, Cotegipe, Chinezes** e **Bendegó**, e conseguintemente alludir ella ao Regimen, não a julgamos comportada entre as producções dos nossos theatrologos relativos á fundação que óra se commemorou.

A rigor, a forma de governo presentemente no seu meio seculo começou a ser celebrada pelos revistographos com a primeira representação — no Theatro Variedades, em 26 de Março de 1890 — da **Republica**, de Aluizio e Arthur Azevedo, na qual Rose Villiot — nascida em Paris a 27 de Abril de 1850 e fallecida no Rio de Janeiro, na casa n. 29-G, da rua Mariz e Barros, a 4 de Agosto de 1908 — creou a figura representativa da Republica.

Mezes depois, a 12 de Junho do mesmo anno, dava-se no Recreio Dramatico a **première** de **O Sarilho**, original de Oscar Pederneiras e Figueiredo Coimbra, em que Dias Braga — nascido no Funchal a 31 de Dezembro de 1846 e morto sob as rodas de um bonde á rua do Espirito Santo, nesta capital, a 23 de Novembro de 1907 — compoz o typo de Deodoro, no papel de **Libertador**.

José Dias Braga, que foi o actor illustre e empresario operosissimo de que o nosso publico guarda a melhor lembrança, comquanto enscenasse nas suas companhias o repertorio mais eclectico e substituisse muita vez qualquer de seus contratados em todo o genero de espectaculo, apenas tomou parte em representações de revista n **O Sarilho** para encarnar esse destacado papel.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Esta reportagem pode ficar por aqui. A documentação graphica, representada pelos **clichés** de retratos, dispensaria até uma legenda tão estirada como já fizemos.

PANELAS DE AÇO INOXIDAVEL
A' VENDA NAS MELHORES CASAS
REPRESENTANTE NO RIO:
H. FRACALANZA -:- RUA OURIVES, 36

EXIJAM
Fracalanza

Foi assim que sahiu a pagina dupla, central, da REVISTA ILLUSTRADA, de Setembro de 1892, em homenagem ao Marechal Deodoro, que falleceu a 23 de Agosto desse mesmo anno.

DEODORO

MANOEL DEODORO DA FONSECA era filho de Manoel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Maria Paulina da Fonseca. Nasceu o Proclamador na cidade de Anadia, então Velha das Alagôas, na rua dos Mortos, na Provincia de Alagôas a 5 de Agosto de 1827. Logo aos 16 annos de idade, Manoel Deodoro se destacou na vida militar. Em 1843, foi matriculado na Escola Militar e dois annos após, assentava praça como cadete no 4.º Batalhão de Artilharia. Depois de concluido o seu curso em 1847, em Dezembro do anno seguinte seguia para Pernambuco, ainda como cadete, tendo tomado parte no combate de 2 de Fevereiro de 1849 em Recife, aonde grangeou uma menção honrosa por bravura e a promoção a 2.º tenente. Pelejou no combate da Barra do Natuba (Parayba) sendo promovido a 1.º tenente a 30 de Abril de 1852. Já a 2 de Dezembro de 1856 era Capitão. Foi na campanha do Paraguay que se firmou o mérito de Deodoro, já elevado nas primeiras pelejas em que saiu condecorado com a Grã-Cruz de Aviz, diversas medalhas da campanha do Paraguay, a de Christovam Colombo, concedida pela Republica Argentina, a geral da Campanha do Paraguay, com o passador de ouro n.º 5, e a de prata da mesma campanha. Até ahi temos o periodo mais brilhante da vida do bravo e valente militar, que pertence a uma verdadeira familia de benemeritos da patria, como podem verificar os que lerem a historia da guerra com o Paraguay. Toda a familia dos Fonsecas tomou posição destacada nessa guerra, inclusive tres irmãos de Deodoro que morreram em combate. O Conde d'Eu depositava nelle grande confiança, e o incumbia frequentemente de importantes e delicadas missões, cujo exito dependia de excessiva pericia e bravura, as quaes constam do Diario do Exercito, nos dias 24, 25, 26 e 29 de Maio e 3 e 18 de Junho de 1869. Tendo combatido com grande denodo em Peribibuy e em Campo Grande, a sua bravura foi commentada com os mais justos elogios em ordem do dia, sendo altamente louvado pelo pranteado patriota Marquez do Herval. Dahi por deante, foram innumeras as honrarias que alcançou, subindo de posto gradatiamente, e na guerra do Paraguay, aonde derramou o sangue, ficaram mortos tres irmãos, Hyppolito e Affonso na batalha de Curupaity, e Eduardo no combate da ponte de Itororó. Devem ser mencionados todos os seus actos de bravura e os factos da sua vida desde o principio da questão militar até o seu desfecho no memoravel dia 15 de Novembro de 1889. Deodoro ideava a causa da Republica e a esperava com a morte ou a abdicação do Imperador, a quem sinceramente estimava, pelas muitas provas de apreço que sempre déra a elle e a toda a sua familia. Tentou, por diversas vezes, pôr em acção as suas idéas, mas retrahiu-se, levado pelo generoso intento de não aggravar o estado de enfermidade do velho monarcha que, havia muito, se achava doente, e cuja molestia quizeram attribuir á questão militar.

Segundo citação da "Revista do Brasil" de 5 de Agosto de 1890, "Deodoro da Fonseca presidia o Rio Grande do Sul, quando um ministro da Guerra consentiu que na Camara dos Deputados, um de seus membros, fiado na irresponsabilidade parlamentar, insultasse um official superior do Exercito. O official, justamente indignado e magoado por vêr que o superior hierarchico da sua classe no parlamento calava-se, sem defendel-o, sahiu á imprensa, declarando que o fazia para que com o silencio inexplicavel do ministro não se suppuzesse serem merecidos taes insultos. Irritou-se o ministro com esse procedimento, mandou prender o official e reprehendel-o, fazendo publicar essa reprehensão em todos os jornaes. Um companheiro desse official, no Rio Grande do Sul, protestou contra a injustiça e illegalidade de taes actos, que nada tinham com a disciplina militar e sim com o fôro commum; e o mesmo ministro mandou que o commandante das Armas, Deodoro, que era ao mesmo tempo presidente da Provincia o punisse. Deodoro, que não via nas leis militares motivo para aquelle procedimento, não o admittiu; buscou com o maior interesse explicar os factos, reclamando pelos direitos dos militares, communs aos dos demais cidadãos, e para o que, portanto, ficassem sem effeito taes actos. Pertinaz e teimoso o ministro não attendeu nem a reclamações amigaveis, a principio, nem aos energicos protestos, mais tarde, de Deodoro, que preferiu pedir sua demissão dos cargos que exercia. O Ministerio, presidido pelo barão de Cotegipe, convenceu-se do seu erro, receou-se das consequencias; mas, pertinaz e manhoso, tergiversou, appellando para a lealdade e patriotismo do general, afim de que elle continuasse no exercicio de seus cargos, temendo-se da excitação dos militares — que só o prestigio de Deodoro conduzia e podia conter. — D. Pedro, o de 1886, não era mais o D. Pedro de 1863; velho e invalido, muito se fazia já sem sua audiencia. Até decretos transitavam com assignatura apocrypha; isto ia minando o terreno e ao mesmo tempo corrompendo ambiciosos e timoratos, no proprio Exercito. E quando julgou-se seguro e azado o momento, certo da subserviencia dos novos adeptos, exonerou Deodoro, inesperadamente, com data atrazada, e sem declarar o motivo.

Tão desleal procedimento, com relação a quem se conduzira com tanta generosidade para com o governo, só serviu para exacerbar os animos e augmentar a indignação dos militares. Deodoro regressou á Côrte, onde exercia o cargo de quartel mestre general. Chegado a 26 de Janeiro de 1887, tomou posso do seu cargo, e logo em 2 de Fevereiro convocou os militares para uma reunião publica, e ahi fundou o Club Militar, talvez o maior factor dos grandes acontecimentos politicos dos dois ultimos annos do Imperio."

(ooOoo)

Em 5 de Fevereiro, foi incumbido de se dirigir pessoalmente ao Imperador, para implorar justiça, o que Deodoro cumpriu em duas mensagens que fez entregar em mão propria, por seu ajudante de ordens. Sabe-se que a mensagem, tanto emocionou o Imperador que a mandou entregar ao presidente do Conselho, exigindo immediatamente do Gabinete uma solução condigna, quando este insuflava a retirada forçada do general do serviço do nosso Exercito, contentando-se, afinal, com o intuito de agradar o monarcha e como que para satisfazel-o, em sacrificar, sómente, o ministro da Guerra. O presidente do Conselho Cotegipe quiz, mais tarde, negar no Senado o recebimento dessas mensagens, sendo desmentido.

(ooOoo)

Tendo chegado o momento culminante, o general postou-se á frente dos seus companheiros, na organização do Club Militar, insuflando-os a sustentar com dignidade os brios de sua classe. Continuaram as perseguições contra o Exercito e a Armada; era preciso pôr em pratica todos os meios de acção para impedir que a politica traiçoeira abatesse o patriotismo, que a classe sempre representou e defendeu, com dignidade, nos campos de batalha.

A presença do marechal Deodoro foi reclamada, pois elle é que reunia as maiores sympathias no Exercito, e nenhum batalhão desobedeceria ao seu commando. Bravo e valente, levantou-se do leito, enfermo, e com a sua invencivel coragem sahiu, para dirigir o grande movimento militar.

Normand de Sá

1 — Vestido de shantung ou linho branco; na golla, punhos e bolsos ti as do mesmo tecido azues e vermelhas. Pespontos azues e cinto de camurça. branca. 2 — Toilette para noiva: vestido princeza d: setim branco, a pala atraz em bico e na frente franzida por uma alça do proprio setim. O véo de tulle mantido por camelias. 3 — De linha muito singela este vestido para a noite, de seda preta, com mangas e pala de guipure preta. 4 — Para a praia, saia e capa de linho ou fustão branco. Bluza de jersey listado de tons vivos. 5 —Vestido para a tarde de crepe preto. bordado com soutache dourada. 6 — Vestido de crepe Georgette bois de rose, a pala drapée e franzida. 7 — Vestido de crepe mousse azu' vivo, com pala e mangas de renda do mesmo tom. 8 — Vestido de tricoline de fantasia, a pala e os bolsos verticaes, debruados com viéz branco. 9 — Vestido de cambraia azu com preguinhas e entremeios de renda ocrée.

CHRONICA DE PARIS

Toilette para jovem, de organdi bordado (branco), corselet de velludo vermelho rubi.

Vestido de crepe de Chine de fantasia. Ordens de franzidos e um bolso guarnecem a blusa deste singelo vestido.

A linha na nova collecção apresentada por Molyneux marca um ponto de partida de uma tendencia essencialmente nova pelo ajustamento na cintura, contrastando com o movimento amplo e ondulante das saias.

Durante o dia, curtas capas ou casacos ajustados acompanham esses vestidos cujas saias muitas vezes teem dois babados muito amplos. O preto, o azul petroleo e o verde predominam nesses costumes ou **ensembles**.

Bordados interessantes ou sumptuosos escondem muitas vezes o fechamento dos vestidos.

Vestidos curtos em crepe, completamente palhetados, trazem uma nova formula para o vestuario feminino entre 8 horas e meia noite.

Para a noite o vestido **Grisette**, de aspecto muito juvenil, apresenta tambem uma cintura muito afinada, emquanto que a saia é ampla e ondulante, mas descendo sómente até ao tornozelo. Fitas formando arcos guarnecem muitas vezes os vestidos executados em **faille** ou chamalote. **Boleros** de mangas largas e **bonnets Grisette** completam esta silhueta extraordinariamente moderna.

O toucado está de novo na moda para as senhoras de idade e para as jovens.

Chapéo de palha azul marinho, guarnecido com dois bouquets de flôres amarellas e véo azul marinho.

Toucado de chamolote preto, guarnecido com babadinho plissado de tulle preto e véo preto.

1 — Vestido de crepe branco e azul marinho, formando tunica, guarnecido com faille branca.
2 — Vestido de crepe de fantasia.

ASSADURAS, BROTOEJAS E TODAS AS MOLESTIAS DA PELLE CURAM-SE PROMPTAMENTE COM O MILAGROSO PÓ PELOTENSE

VENDE-SE NAS PHARMACIAS.

Madame Jacqueline

A ESBELTEZ...

As **Applicações Locaes de Parafina. Côr Verde**, dão um resultado extraordinario quando são feitas com perseverança e animo... As "papadas", os "cangotes", os "bourrelets" (protuberancias) da cintura desapparecem em pouco tempo... E ainda as "pernas grossas", as "ancas muito desenvolvidas", os "tornozelos inchados" readquirirão tambem assás depressa as medidas normaes, e... a elegancia será sua, gentil leitora.

CORRESPONDENCIA

Mlle. Fanny W. — Dar vida, fortalecendo a circulação nos tecidos da cutis pelo meu **Huile Romaine Antique** para limpeza diaria, manhã e noite; o **Antirugas Especial n. 2** para os vincos em torno dos olhos — a usar conforme manda a bulla.

Esposa (Curityba) — Certamente pode começar desde já o tratamento dos seios; o **Crême Adstringente Miraculoso** dará novamente ao seu busto a firmeza e a belleza doutr'ora.

Seja perseverante, não passe um dia sem fazer as applicações, e daqui a um mez ou dois verá o resultado.

Esther D. Figueiredo — Convém fazer uso da **Mascara da Juventude — Belleza Instantanea**, pois que todos os pequenos defeitos desapparecerão immediatamente. Applique durante uma semana todos os dias, depois de 2 em 2 dias. Os resultados a satisfarão plenamente.

Pernambucana — Essa papada e toda a gordura que tem localmente desapparecerá com algumas **Applicações de Parafina Côr Verde**; a lata custa Rs. 60$000 (pelo Correio 65$000) e dá para todo o tratamento. Tenha confiança na **Loção Azul**, a qual applicada todos os dias melhorará consideravelmente a sua pelle em pouco tempo: as espinhas desapparecerão com as manchas e os póros ficarão fechados.

Madame JACQUELINE

Os productos acima, bem como todos os productos de Madame Jacqueline, encontram-se á venda nas Perfumarias Carneiro e nas Casas Hermanny.

Madame Jacqueline responde por carta directamente, ou aqui nesta secção, ás consultas que lhe forem feitas sobre belleza e que podem ser enviadas para a sua *Caixa Postal 1953*, Capital Federal, ou ao endereço abaixo.

(Todos os dias uteis das 2 até ás 6).

Praia do Russell 158 — app. 11 — (terreo) — perto do Hotel Gloria.

Toilette para a noite. Vestido e bolero de crepe verde, guarnecido com bordado de prata e perolas.
Faixa do proprio tecido.

Chapéo de palha vermelha guarnecido com uma flôr formada por renda franzida. A mesma renda forra a aba. Fita gros-grain vermelha.

Vestidos ideaes, ao mesmo tempo finos e flexiveis, realizados em **mousseline** fluida de tom sobrio, teem uma graça movimentada devida a um corte subtil; esses modelos realizam uma silhueta encantadora.

Um modelo inspirado nas telas de Degas apresenta um alto **corselet** de velludo preto contrastando com a roda vaporosa da saia de tulle preto.

A silhueta **Directorio** lançada por Molyneux é continuada nesta collecção, mas levemente modificada. **Lamés**, crepes palhetados e velludos rubi, saphira, esmeralda são utilisados para esta serie de vestidos.

Uma immensa impressão de mocidade, de vida e de movimento alliadas a uma roda romantica desprende-se da collecção deste artista.

Nos modelos apresentados por Jeanne Lanvin, a linha impeccavel, e tão pessoal, faz com que suas creações sejam reconhecidas entre mil. Nesta nova collecção, Lanvin alonga a silhueta com saia finas e de um bom comprimento, casacos ajustados nos quadris, abotoados até muito em cima; grandes capas muito envolventes. Notam-se tambem muitos modelos com tendencias militares.

Os vestidos são muitas vezes franzidos na cintura, ou largamente **clochés**, sempre amplos, nisto differentes das saias dos vestidos para a manhã. Na maior parte são guarnecidos na cintura e no corpo com incrustações multicores, fazendo lembrar o trabalho em couro dos indios. Altos cintos **drapés** fechados nas costas por duas fivelas.

As toilettes para a noite são maravilhas nas quaes as ideias artisticas de madame Lanvin se exprimem com uma extraordinaria autoridade. Vestidos de estylo, tão typicamente Lanvin, são graciosos e femininos quanto possivel. Devem ser citados os novos **drapés** retidos na frente em baixo, o que dá uma linha um pouco oriental, assim como os magnificos **fourreaux** estreitos, amoldando o corpo de alto a baixo, ás vezes com um movimento alargando um pouco nos quadris e na parte de baixo da saia largamente fendida. Algumas nobres reminiscencias da arte grega. Muitos bordados, sobretudo brilhantes bordados de lentejoulas, de ouro ou de pedrarias.

Marinette.

Grande chapéo para praia composto de dois babados de organdi, cada um debruado num tom differente.

Costume, casaco ajustado de velludo ou crepe azul marinho, a saia plissada de crepe azul marinho. Pequeno chapéo de feltro azul marinho guarnecido com velludo do mesmo tom.

Vestido de jersey lamé dourado, a saia en-forme com pequena cauda.

Impeccavel

Um semblante que poderia ser chamado lindo, torna-se menos atraênte si o esplendor do rosto sente-se empanado por pequenas máculas.

O "Creme para os Póros" que Elizabeth Arden idealisou, é um agradavel preparado adstringente, sem consistencia gordurosa, que contráe os póros dilatados, evitando assim o aparecimento dos cravos. O "Creme para os Póros" aplicado após a limpeza da cutis processada com o "Ardena Creme de Limpeza" e o "Tonico para a Pelle" contribue eficientemente, para obter-se uma péle impecavel.

Elizabeth Arden

SALON: AV. RIO BRANCO 257 — RIO DE JANEIRO
Nova York — Londres — Paris — Roma — Buenos Aires

NÃO HA BELLEZA VERDADEIRA

SEM CUTIS SÃ

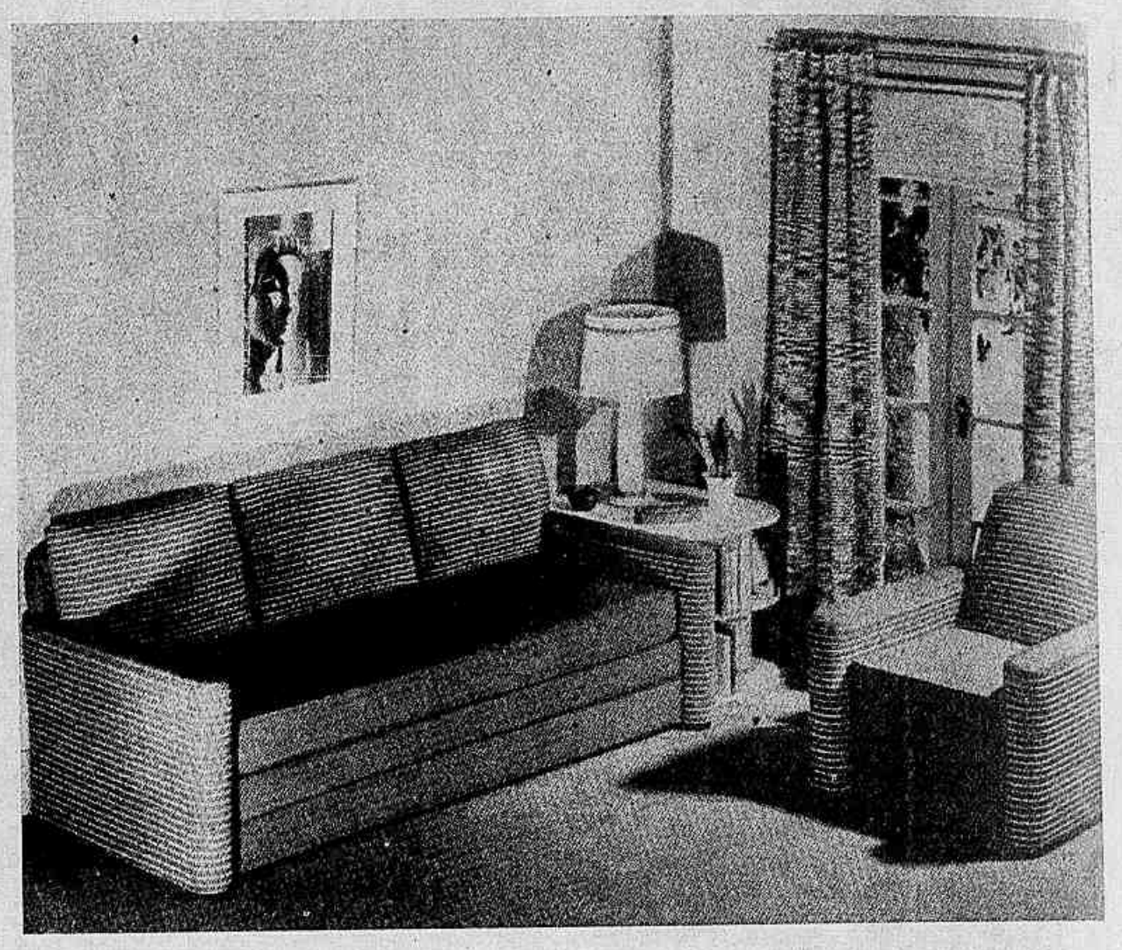
A pelle mal tratada, cheia de espinhas, vermelhidões, queimaduras do sol e rugas prematuras — enfeia o rosto mais gracioso. Conserve integralmente a belleza de sua cutis, com applicações diarias de

CRÈME SIMON

o creme de belleza das Parisienses

Para ter uma tez fosca e avelludada, use o Pó de Arroz SIMON, impalpavel e adherente.

ORNAMENTAÇÃO



Recanto confortavel de sala de estar.

Mobiliarios -- Tapeçarias

Tapetes -- Cortinas -- Tecidos

Sortimento novo e imcomparavel de CRETONES INGLESES — em linho e algodão — cores e desenhos exclusivos.

82 -- Rua 7 de Setembro -- Junto á Avenida:

DO QUE DEPENDE O SUCCESSO FINANCEIRO

A vida apresenta-nos coisas curiosas: por exemplo, quando se sabe que foram offerecidas dez libras a John Milton, talvez o maior dos poetas inglezes, e cinco milhões de dollares ao autor duma pequena opereta norte-americana que já fez a volta ao mundo. Dez libras pelo **Paraiso Perdido**, cinco milhões de dollares pela **Rosa Irlandeza**, de Abraham!

Todo o mundo admitte que o **Paraiso Perdido** é uma obra de arte admiravel. Os eruditos falarão delle ainda quando a **Rosa** de Abraham estiver esquecida ha muito tempo.

Porque é preciso acreditar que as recompensas financeiras são distribuidas não segundo o merecimento das obras mas segundo a lei commercial da offerta e da procura.

O numero de pessôas que procuram rir é muito superior ao das pessoas cultas procurando lêr uma obra de arte.

A differença é enorme entre o numero daquelles que querem rir e o daquelles que querem instruir-se. Mas não se trata aqui de julgal-os nem de decidir quem tem razão.

Para entrar na estrada que conduz ao successo monetario é preciso fornecer o que o publico quer.

Tendo sido entrevistado um dos millionarios norte-americanos que a democracia baptisou **reis**, este monarcha confiou o segredo do seu successo ao reporter:

"Meu successo, disse elle, vem primeiro da sorte como o de todos. Mas, naturalmente, é preciso tambem saber offerecer ás pessôas o que ellas desejam, de contrario não compram."

As ultimas palavras desta curta phrase explicam as primeiras.

A sorte vae procurar aquelles que offerecem o que o publico deseja.

O segredo de quasi todos os successos está nisso — quer se trate de fazer desenhos humoristicos, de representar grandes ou pequenos papeis, de inventar uma machina nova, de lançar um novo producto, de escrever um artigo — a razão não é differente.

Aquelles que conhecem o successo produzem o que o publico deseja.

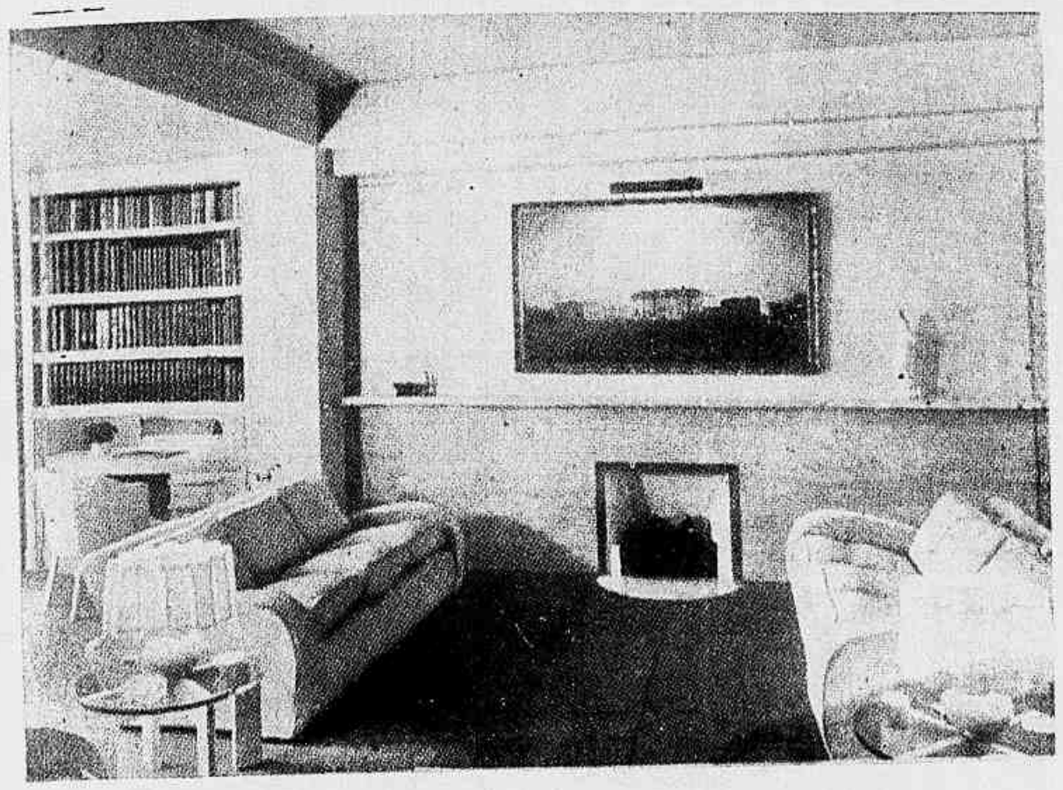
Este não pode saber o que elle deseja em particular — mostrar-lh'o é o papel da publicidade.

Cera de primeira qualidade. Cuidado com as imitações. As latas vão firmadas pelo **FABRICANTE VITALI H. COHEN**, Rosario, 82-1.º Tel. 43-1919

Vestido de organdi bordado, guarnecido com babadinhos de organdi. Na cintura, fita de velludo rubi. Grande chapéo de palha branca, guarnecido com fructas e folhas.

Blusa de crepe de China vermelho.

DO LAR



Magnifica disposição de "mapples" para uma bibliotheca.

MOVEIS LAMAS

A Fabrica de Moveis «Lamas» é a que mais produz no Brasil e que tem mais completa organização, possuindo agentes em 92 cidades do paiz, com catalogos e aptos a venderem os seus productos, cobrando na praça onde reside o comprador, com facilidade de pagamento, embora a prazo limitado, ficando os seus Representantes solidarios nas garantias offerecidas, não somente sobre a qualidade como quebras etc., cabendo á Fabrica «Lamas» mais de metade da exportação total do Districto Federal. A Fabrica «Lamas» possue optimos desenhistas e fornece projectos especiaes sem compromisso, sendo fornecedora das melhores residencias, bancos e empresas, da capital e Norte do paiz, executando toda especie de instalações onde seja necessario bom gosto e qualidade, achando-se o seu grande Mostruario annexo ás officinas, á rua Mello e Souza 100-108 (proximo á estação principal da Leopoldina).

A Fabrica de Moveis «Lamas» possue exposições de propaganda á rua Senador Vergueiro, esquina de Paysandú e Av. Atlantica 554, e seus moveis vendem-se exclusivamente na fabrica.

Costume. — Saia e bolero de crepe marocain azul marinho. Blusa de bordado branco sobre **linon**.

OS AUTOMATOS DE VAUCANSON

A proposito de **robots**, os automatos modernos de que ainda agora na exposição de Nova York appareceram tão curiosos exemplares, recorda o semanario **Marianne** que os mais espantosos bonecos até hoje conhecidos foram os que, no seculo XIX, realizou o illustre mestre de mecanica Vaucanson.

O seu **Tocador de flauta** representava um fauno que executava doze musicas differentes, fazendo passar pela flauta uma corrente de ar realmente modificada pelos diversos movimentos da lingua, labios e dedos. A sua **Vibora** serviu nas representações da peça **Cleopatra**, de Marmontel. E o **Pato artificial**, a mais famosa das suas creações, batia as asas, nadava, caçava minhocas, engulia grãos e simulava a digestão até ao fim...

Toda essa animação era devida a engenhosissimo systema de alavancas e engrenagens accionadas por uma mola real. O phenomeno da digestão passou muito tempo por mysterioso. Só se teve a explicação em 1847. O prestidigitador e illusionista Robert Houdin, encarregado de concertar o automato, verificou que os grãos e a agua absorvidos cahiam numa caixa collocada debaixo do palmipede; e uma bomba expellia pelo logar competente miolo de pão cozido em agua e colorido de maneira a dar a impressão perfeita... da realidade.

MME. TAVARES BASTOS

Alta costura e lingerie — Vendem-se vestidos desde 100$000 sob medida, a vista e a praso.

Acceitam-se encommendas de qualquer modelo de vestido ou lingerie.

R. Ramalho Ortigão 22 — 3º andar — Tel. 42-2137.

AVISO IMPORTANTE AO PUBLICO, A SEUS AMIGOS E CLIENTES

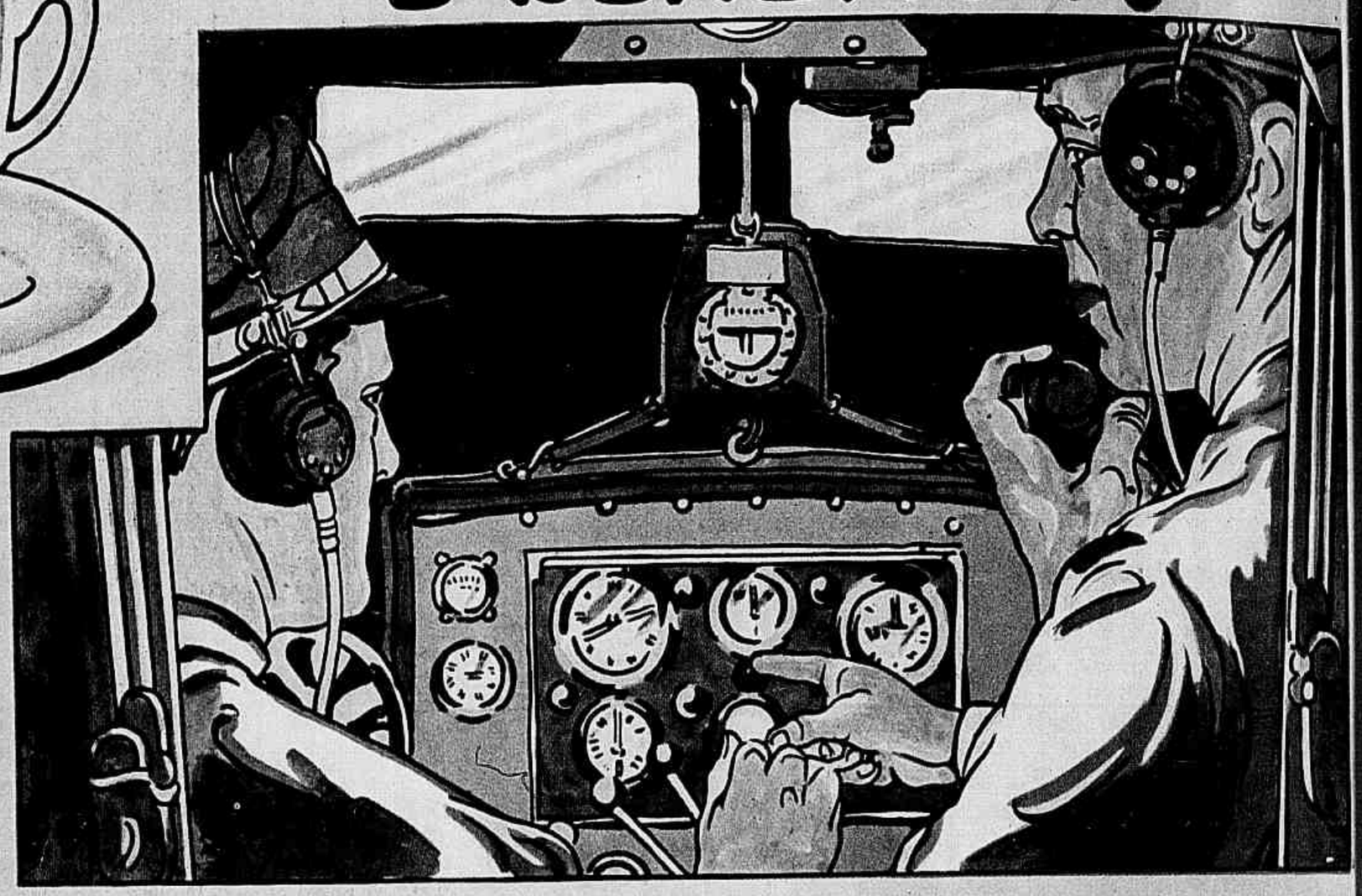
S. C. SEABRA chama a attenção do publico que não tem **successores** e nem ligação com outras firmas de igual nome. A legitima homeopathia de S. C. SEABRA é a HOMEOPATHIA VERITAS. Se não fôr VERITAS, não é homeopathia de S. C. SEABRA.

GOTTAS ANTI-GRIPPAES VERITAS
Indispensavel no lar previdente
HOMEOPATHIA VERITAS
S. C. SEABRA & LEAL, LTDA.
AV. MARECHAL FLORIANO, 48
(Antiga Rua Larga)—RIO DE JANEIRO—Caixa Postal 2777

Vestido para a casa, de linho branco com desenhos vermelhos. Golla e faixa de tecido vermelho.

CAFE' — BEBIDA DELICIOSA E BENE'FICA!

Para fazer um bom café use uma colhér para cada chicara.



A EFICIENCIA DOS AVIADORES AUMENTA COM O USO DO CAFE'

O capitão indica ao piloto o ponteiro no mostrador antes de iniciar o vôo de instrucção. Esta é uma profissão que requer raciocinio claro e rapido; por isso estes pilotos, como centenas de outros, usam em quantidade café forte. O raciocinio scientifico é o seguinte: Café exerce uma ação directa sobre o sistema nervoso. Ele facilita a clarividencia, ativa a impressão dos sentidos e remove os sintomas de fadiga.

O CAFE' E' UM ESTIMULANTE

Quando uma pessôa está fatigada, pede café. Doutores, enfermeiras, operarios, donas de casa, soldados, bombeiros, quando em serviço, todos sabem como o café é um *estimulante* infalivel. A ação estimulante do café dura apenas duas horas. Passado esse tempo, não tem influencia alguma no somno.

AS LEIS DE NOVA YORK EXIGEM O SERVIÇO DE CAFE' AOS TRABALHADORES

O Codigo Industrial do Departamento de Café do Estado de Nova-York, Secção H. Art. 1158, protege do os trabalhadores em tuneis, estabelece... Um suprimento suficiente de café quente e açucar será fornecido ao operario que trabalhe em camaras de ar, ao realizarem-se as mudanças e nos demais periodos... etc. De facto, o café dissipa a fadiga, reanima os musculos cansados e activa a inteligencia.

O CONSUMO DE CAFE' DE UM POVO? JA' FOI EXPRESÃO DE SEU GRAU DE CIVILISAÇÃO

O estimulo sobre a actividade mental é um dos mais interessantes efeitos do café. Quando o povo começou a pensar tornou-se perigoso para os tiranos e os opressores das liberdades de pensamento e acção. Kuprili, dictador militar de Constantinopla no XVI seculo, decretou que fosse considerado crime o uso do café. Punido a primeira vez com espancamento, era o reincidente amarrado dentro de uma mala e jogado no Bosphoro.

O CAFE' FACILITA O SOMNO, E E' COM FREQUENCIA PRESCRITO PELOS MEDICOS AOS QUE SOFREM DE IMSONIA

O bom café é uma bebida benéfica. Quando se está exausto, uma chicara de café bem quente dissipa a fadiga, dá nova energia e coragem. Espirito e corpo ficam fortalecidos. Ainda... O EFEITO DE CAFE' DURA DUAS HORAS! De acôrdo com as autoridades médicas, isto dá-se com 97% das pessôas. O efeito do café, que é tomado depois do jantar, já cessou na hora de ir para a cama e não pode de modo algum perturbar o somno normal. Se entretanto a vigilia fôr necessaria o café é o mais eficaz e inofensivo.